

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CÂMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR SOCIEDADE E
DESENVOLVIMENTO – PPGSeD

THAÍS SERAFIM DOS SANTOS

**JUVENTUDE E REPRESENTAÇÕES POLÍTICO-RELIGIOSAS:
PROJETOS DE VIDA DOS JOVENS INGRESSANTES DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ (UNESPAR)**

CAMPO MOURÃO – PR
2016

THAÍS SERAFIM DOS SANTOS

**JUVENTUDE E REPRESENTAÇÕES POLÍTICO-RELIGIOSAS:
PROJETOS DE VIDA DOS JOVENS INGRESSANTES DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ (UNESPAR)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra.

Área de Concentração: Sociedade e Desenvolvimento.
Orientador: Dr. Frank Antonio Mezzomo
Co-orientadora: Dra. Cristina Satiê de Oliveira Pátaro

**CAMPO MOURÃO – PR
2016**

Ficha de identificação da obra elaborada pela Biblioteca
UNESPAR/Campus de Campo Mourão

B715n SANTOS, Thaís Serafim dos
Juventude e representações político-religiosas: projetos de vida dos jovens ingressantes da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR. / Thaís Serafim dos Santos. MEZZOMO, Frank A. (orient.); PÁTARO, Cristina S. de O. (Co-orient.). Campo Mourão, 2016.
147f. : il.

Tese (Dissertação Mestrado) – Universidade Estadual do Paraná. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD). – Área de Concentração: Sociedade e Desenvolvimento.

1. Juventude. 2. Jovens Universitários. I. SANTOS, Thaís Serafim dos. II. MEZZOMO, Frank Antonio (Orient.). III. PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira (Co-Orient.) IV. UNESPAR-Campus Campo Mourão. V. Título.

CDD 21.ed. 371.8
306

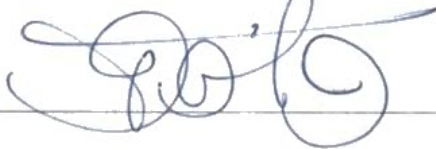
THAÍS SERAFIM DOS SANTOS

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Frank Antonio Mezzomo (Orientador) – UNESPAR/ Campo Mourão



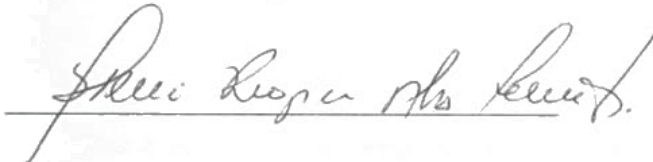
Prof. Dra. Cristina Satiê de O. Pátaro (Co-Orientadora) – UNESPAR/ Campo Mourão



Prof. Dra. Lúcia Rabello de Castro – UFRJ/ Rio de Janeiro



Prof. Dra. Silvia Regina Alves Ferandes – UFRJ/ Rio de Janeiro



Data de Aprovação

10/03/2016

Campo Mourão – PR

Dedico esta pesquisa a todos os jovens brasileiros que anseiam pelo futuro e veem nele
possibilidade (s) de ser e estar.

AGRADECIMENTOS

*As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis à palma da mão
Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.
(Carlos Drummond de Andrade)*

Chegada a hora de rememorar o caminho trilhado, não poderia deixar de realçar a importância que têm aqueles que contribuíram e ao meu lado estiveram no decorrer desta tão sonhada trajetória de vida. Se hoje sou quem sou é porque, no transcorrer de minha existência (ainda em curso), muitos foram os que em mim deixaram um pouco de si.

Início os agradecimentos por meus pais, Marta e Nílvio, que sempre primaram pela minha educação e serviram de base de inspiração para minha futura carreira docente. Obrigada por sempre me apoiarem e por terem contribuído para que este projeto se tornasse real! Aos demais familiares – em especial às minhas irmãs Luíza e Letícia – que vibraram junto comigo (mesmo que distantes) a cada novo sucesso.

Aos professores da Graduação em Psicologia que me ensinaram a complexa tarefa de estudar e compreender os indivíduos em suas singularidades, contextos e relações. Além de terem me mostrado os primeiros caminhos da investigação científica, incentivaram-me a dar continuidade à vida acadêmica, mostrando-me que eu seria capaz. A eles, minha gratidão.

Aos meus orientadores, Frank e Cristina, pela confiança depositada em mim já no primeiro encontro, assim como pela relação de cumplicidade que construímos ao longo destes dois anos. Por experienciarem junto a mim cada etapa do fazer científico (com todos os sentimentos a ele inerentes), além de terem me auxiliado a construir e visualizar novas perspectivas para a nossa pesquisa e outros escritos. Muito mais do que meros orientadores, foram eles participativos e zelosos na minha constituição enquanto pesquisadora.

À Universidade Estadual do Paraná e ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento pelo acolhimento, permitindo que tão rápido eu me sentisse parte desta grande e nova família. Aos professores do PPGSeD, pelo conhecimento compartilhado e pelo empenho, para que esta primeira turma pudesse desfrutar de um ensino instigante, permitindo-nos alçar voos cada vez mais altos.

Às queridas amigas e colegas do mestrado. É bem verdade, como dizia Vinícius de Moraes, que “a gente não faz amigos, reconhece-os”. É por este motivo que externalizo minha felicidade (e sorte) por reconhecê-las neste caminho. Entre chás e confidências, elas tornaram o processo de tornar-se Mestra muito mais leve e prazeroso!

Aos protagonistas e coautores desta pesquisa, jovens ingressantes da Unespar, por terem não apenas se disposto a participar, mas por terem confidenciado a nós seus anseios e projetos de vida. Sem eles essa pesquisa não teria sentido!

À Capes e à Fundação Araucária pela bolsa de estudo, permitindo que eu me dedicasse exclusivamente ao mestrado.

Por fim e com amor, agradeço ao Raphael (“a l'air d'un ange”), por ter sido fonte de apoio incondicional. Por ter acompanhado intensamente cada etapa desta longa jornada – desde as expectativas do processo seletivo, a alegria da aprovação e aos desassossegos de sua conclusão. Por ter sabido lidar com cada momento de ansiedade (não foram poucos), por ter entendido minhas ausências (tantas vezes necessárias), e principalmente, por ter se orgulhado de minhas conquistas! Enfim... Por ser meu companheiro de vida!

Muito obrigada!

Nossa vida é tecida pelos mesmos fios de nossos sonhos.

(William Shakespeare)

RESUMO

SANTOS, Thaís Serafim dos. **Juventude e representações político-religiosas: projetos de vida dos jovens ingressantes da Universidade Estadual do Paraná (Unespar)**. 147f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento. Universidade Estadual do Paraná, Câmpus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2016.

Esta pesquisa partiu de uma perspectiva interdisciplinar, assim como da compreensão da diversidade abarcada pela categoria juventude, e teve como objetivo investigar os projetos de vida dos jovens ingressantes da Universidade Estadual do Paraná/Câmpus de Campo Mourão, tendo em vista seus vínculos e representações político-religiosas. Para alcançarmos o referido propósito, lançamos mão de dois instrumentos de pesquisa. Com questionário online (survey), respondido por 282 jovens, pudemos traçar o perfil socioeconômico dos ingressantes, além de estabelecer as primeiras hipóteses sobre suas representações. Com os primeiros dados produzidos, elaboramos um roteiro de entrevista semiestruturada que foi utilizada com quatro jovens que nos confiaram seus projetos de vida, permitindo-nos estabelecer (a partir de suas compreensões) relações entre seus posicionamentos e representações político-religiosas. Os resultados da investigação ofereceram uma visão ampla do perfil dos jovens no que se refere à participação e engajamento político e religioso, permitindo uma análise entre a permeabilização das duas esferas e a forma como contribuem na elaboração e constituição de seus projetos. Percebemos maior vinculação religiosa se comparada à participação em atividades tradicionalmente consideradas políticas, como, por exemplo, a participação em partidos políticos. No entanto, foi expressiva a participação dos jovens em atividades de cunho solidário, revelando novas formas e estratégias de participação social. Pudemos ainda conjecturar acerca das preocupações específicas dos jovens com o futuro e o mundo do trabalho, estando estas esferas inevitavelmente ligadas à construção de projetos de vida. Seus projetos de vida revelaram-se calcados no desejo de se tornarem alguém na vida, por meio do trabalho. Ademais, notou-se uma intensa religiosidade jovem, em que os valores transmitidos pela religião perpassam pelas vidas e projetos dos jovens, inclusive sendo fonte de supressão das inseguranças relacionadas às incertezas do futuro.

Palavras-chave: Jovens; Projetos de vida; Participação político-religiosa.

ABSTRACT

SANTOS, Thaís Serafim dos. **Youth and political-religious representations: life projects of young newcomers from the Universidade Estadual do Paraná (Unespar)**. 147f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento. Universidade Estadual do Paraná, Câmpus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2016.

This research started from an interdisciplinary perspective, as well as the understanding of the diversity embraced by the youth category, and its objective was to investigate the life projects of young newcomers students from the Universidade Estadual do Paraná/Campo Mourão campus, given its political and religious representations and ties. To achieve the mentioned purpose, we use two research instruments. With an online questionnaire (survey), answered by 282 young, we can trace the socioeconomic profile from the newcomers as well as establishing the first hypothesis about their representations. With the first data produced we developed a semi-structured interview guide that was used with four young who reported on their life projects, allowing us to establish (from their understanding) relations between their opinions and political-religious representations. The research results offered a broad view of the young profiles regarding participation and political-religious engagement, allowing an analysis between the permeabilization of these areas and how it contributes to the elaboration and constitution of their projects. We note increased presence of religious ties if compared to the participation in activities traditionally considered political, for example, participation in political parties. However, was significant the participation of the young in solidarity nature activities, revealing new ways and strategies of social participation. We may also conjecture about the specifics concerns of the young about the future and the world of work, being these areas inevitably linked to the construction of life projects. Their life projects turned out to be based on the desire to become someone in life through working. In addition, we noted an intense religiosity in young people, in which the transmitted values by religion permeate their lives and projects, including as a source of deletions of insecurities related to the uncertainties of the future.

Keywords: Young; Life projects; Political-religious participation.

LISTA DE FIGURA E QUADROS

Figura 1 – Localização dos Câmpus da Universidade Estadual do Paraná (Unespar).....	21
Quadro 1 – Cursos e alunos ingressantes em 2014 na Unespar/Campo Mourão.....	22
Quadro 2 – Quantidade de alunos por curso de graduação.....	66
Quadro 3 – Sobre os municípios em que moram os jovens.....	70
Quadro 4 – Sobre a religião/crença dos jovens.....	73
Quadro 5 – Sobre o que influenciou a escolha da religião/crença.....	74
Quadro 6 – Sobre a frequência de realização das atividades.....	78
Quadro 7 – Sobre o que tornaria o Brasil um país melhor para se viver.....	79
Quadro 8 – Sobre a importância de valores.....	89

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição dos jovens por idade.....	67
Gráfico 2 – Sobre a escolarização dos pais e das mães dos jovens.....	69
Gráfico 3 – Sobre a atividade econômica.....	71
Gráfico 4 – Sobre a renda das pessoas que moram em sua casa.....	72
Gráfico 5 – Sobre a participação na vida econômica da família.....	72
Gráfico 6 – Sobre a religião/crença dos pais e das mães dos jovens.....	75
Gráfico 7 – Sobre a influência para a escolha da religião/crença (para cada pertencimento religioso).....	76
Gráfico 8 – Sobre a participação em atividade, organização ou movimento social.....	77
Gráfico 9 – Sobre os principais problemas do país.....	79
Gráfico 10 – Sobre o incentivo da religião/crença em atividades sócio-políticas.....	101
Gráfico 11 – Sobre as melhores coisas em ser jovem.....	109
Gráfico 12 – Sobre as piores coisas em ser jovem.....	110

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: O CAMINHO SE FAZ NO CAMINHAR: PERCURSO DA PESQUISA	16
1.1 Problematização e objetivos da pesquisa	16
1.2 Instrumentos e participantes da pesquisa	19
1.2.1 Survey	23
1.2.2 Entrevista	25
1.3 Procedimentos para análise dos dados produzidos	30
CAPÍTULO 2: JUVENTUDES E PROJETOS DE VIDA	33
2.1 Concepções sobre juventude.....	33
2.2 Juventudes e identidades	42
2.3 Juventudes e projetos de vida.....	49
2.4 Articulações entre juventude, religião e política.....	54
CAPÍTULO 3: PROJETOS DE VIDA E REPRESENTAÇÕES POLÍTICO-RELIGIOSAS	65
3.1 Perfil dos jovens	65
3.2 Projetos de vida: identidade profissional e o desejo de “ser alguém” na vida.....	85
3.3 Participação juvenil: entre vínculos e representações.....	95
3.4 Futuro: tempo de incertezas	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	121
APÊNDICES	131
Apêndice I – Questionário aplicado aos jovens ingressantes da Unespar	132
Apêndice II – Autorização para a Entrevista	143
Apêndice III – Roteiro da Entrevista.....	144
Apêndice IV – Categorias de Análise.....	146

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná (PPGSeD/Unespar), Câmpus de Campo Mourão, vinculada à linha de pesquisa Formação humana, processos socioculturais e instituições. Nesta linha, os estudos se direcionam para a compreensão dos processos socioculturais que se constituem nas relações dos sujeitos com as esferas institucionais, tais como a escola, a família, a política e a religião. Desta forma, estudam-se, nesta linha de pesquisa, as formas de sociabilidade e a constituição de identidades em suas múltiplas dimensões na contemporaneidade, enquanto aspectos relacionados à formação humana, que são constituídos por processos socioculturais. Deste viés, justifica-se a realização de nossa pesquisa, que tem como objetivo investigar o perfil dos jovens ingressantes em 2014 na Universidade Estadual do Paraná (Unespar, Câmpus de Campo Mourão) e compreender as maneiras como constituem seus projetos de vida, tendo em vista seus vínculos e representações político-religiosas.

A pesquisa parte de uma perspectiva interdisciplinar na qual procuramos estabelecer diálogo entre diversos campos disciplinares, como a Psicologia, a Educação, a História e as Ciências Sociais, enriquecendo e ampliando a visão sobre o fenômeno investigado. Ao lançarmos mão de uma perspectiva interdisciplinar, pretendemos não só ir além das fronteiras disciplinares, mas também reconhecer a pertinência e a relevância de outro modo de se fazer ciência e focar novos elementos que nem sempre são trabalhados pelas abordagens disciplinares.

Buscamos, com a pesquisa, entender a juventude – e os jovens – como uma categoria delimitada por critérios culturais, sociais e históricos, levando-se em conta as especificidades e a subjetividade desses sujeitos. Não se compartilha de visões fragmentadas e naturalizantes que concebem a juventude como uma fase difícil e problemática da vida, pela qual todos deverão passar, buscando, por outro lado, enfatizar a importância que esta etapa assume em si mesma, possuindo significações e características singulares. Neste sentido, entendemos ser fundamental dar voz a esses sujeitos, na intenção de torná-los protagonistas de suas próprias vivências e, com isso, compreendermos as formas como se relacionam com as esferas políticas e religiosas e de que maneira estas influenciam na elaboração e constituição de projetos de vida.

Da relação entre religião e política, procuramos compreender de que modo estes campos também se inserem e pertencem ao cotidiano juvenil, seja por meio de participação ativa e institucional, seja por novos tipos de pertencimento e engajamento, constituindo-se enquanto variáveis socioculturais de influência na definição e constituição dos jovens e seus projetos de vida.

Para alcançarmos os referidos propósitos, dividimos a pesquisa de campo em duas grandes etapas. Na primeira, fizemos uso de um questionário online (survey), aplicado aos jovens ingressantes de todos os cursos de Graduação do Câmpus de Campo Mourão (Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Engenharia de Produção Agroindustrial, Geografia, História, Letras, Matemática, Pedagogia e Turismo e Meio Ambiente), com o objetivo de traçar o perfil socioeconômico dos jovens, além de estabelecer as primeiras hipóteses sobre seus vínculos e participações político-religiosas. Nesta etapa, contamos com 282 questionários respondidos. Com os primeiros dados produzidos, elaboramos um roteiro de entrevista semiestruturada, utilizado com quatro jovens, também pertencentes à primeira etapa da pesquisa. Com as entrevistas, nosso intuito foi o de potencializar as discussões sobre seus projetos de vida, buscando encontrar possíveis correlações com seus vínculos e representações político-religiosas.

Cabe aqui a reflexão do porquê de nosso interesse em estudar a participação e a representação dos jovens em esferas que, a priori, nos aparecem – com o advento da modernidade – como desgastadas, desencantadas de sentido, ou, ainda, em um momento no qual os jovens são representados pelo desinteresse e/ou apatia pela política e pelos problemas sociais e afastados de uma crença religiosa. Pretendemos com esta investigação refletir sobre outras representações, problematizar primeiramente as concepções sobre juventude e, na sequência, as formas pelas quais os jovens se engajam e/ou compreendem esses campos sociais que ora se apresentam como distantes, ora entrelaçados no campo da convivência civil. Ao abordarmos questões relativas à juventude, religião e política, ensaiamos iniciativas no sentido de chamar a atenção para o fato de que as estruturas sociais e suas instituições, as lógicas de poder, as constituições identitárias e os projetos de vida juvenis passam pelas interferências e imbricações próprias do campo religioso sobre/com o campo político (PÁTARO; MEZZOMO, 2013). Ademais, devemos destacar a importância da problemática em questão, uma vez que não há estudos e pesquisas sobre a Unespar e o Câmpus de Campo Mourão, e mesmo investigações dessa abrangência e magnitude no estado do Paraná.

Diante de tais considerações, e com o intuito de inserir o leitor no universo desta pesquisa, o percurso do presente texto se inicia, logo no primeiro capítulo, com a apresentação

de nossos objetivos, participantes, instrumentos e procedimentos adotados para análise dos resultados alcançados. Ressaltamos as etapas realizadas e o caminho metodológico percorrido, compreendendo que os procedimentos de uma pesquisa não podem ser considerados estanques, impossibilitados de mudança e transformação, mas suscetíveis a ajustes e adequações conforme as opções e interesses que possam surgir durante a investigação, assim como as nuances e os vieses que venham a ocorrer ao longo de sua realização.

No segundo capítulo, fazemos uma discussão acerca da juventude e seus projetos de vida. Apresentamos alguns estudos que tratam da temática da juventude, incluindo aqueles que a concebem enquanto uma fase difícil, de mudanças e natural ao desenvolvimento humano, das quais nosso intento é o de apontar certas fragilidades de tais concepções, além de compreender o percurso histórico do qual os estudos da juventude fazem parte. Também destacamos noções advindas, sobretudo, do campo das Ciências Sociais, que contribuem para uma concepção mais abrangente de juventude e dos jovens, englobando interfaces sociais, culturais e históricas. Ao entendermos que durante a juventude os sujeitos tornam-se capazes de enxergar as mudanças que lhe estão ocorrendo, e, por consequência, tornam-se capazes também de se projetarem para o futuro e conhecerem a si mesmos, buscamos compreender como os jovens se posicionam diante da necessidade de assumirem e comprometerem-se autonomamente com suas escolhas e seus processos de construção de futuro. Diante de tais questões, é comum observarmos que a formação das identidades é, com frequência, delegada à etapa da juventude, estando presente na maioria das publicações que enfocam temáticas juvenis. Sendo assim, apresentamos e discutimos o conceito de identidade – comumente entendido enquanto um traço que define o ser, característica inata e imutável do psiquismo dos indivíduos, perspectiva da qual não compartilhamos. Com tal discussão, buscamos corroborar e disseminar o caráter processual da(s) identidade(s), capaz de melhor expressar o dinamismo e a multiplicidade das experiências juvenis na contemporaneidade. Na sequência, trazemos algumas discussões que trabalham com a noção de projeto, buscando evidenciar elementos convergentes entre eles, no intuito de compreender o processo de constituição de projetos de vida da juventude. Ainda no segundo capítulo, e tendo em vista os objetivos da investigação, discutimos a proximidade dos campos da religião e da política na contemporaneidade, e de que forma estes têm influenciado a constituição de identidades e a elaboração de projetos de vida. Por fim, buscamos com este capítulo trazer questões teóricas concernentes ao nosso objeto de pesquisa, procurando embasar a temática em questão para, na sequência, analisar os dados produzidos com a pesquisa de campo.

No terceiro capítulo, apresentamos e discutimos os resultados obtidos a partir dos dados produzidos com o trabalho de campo. Inicialmente, traçamos o perfil geral dos jovens ingressantes no Câmpus de Campo Mourão, assim como o perfil específico de cada jovem que participou da etapa da entrevista. Em um segundo momento, inferimos sobre os resultados obtidos a partir de categorias temáticas, subdivididas em projetos de vida, participação juvenil e futuro, cada qual com suas subcategorias de análise. Reconhecemos que por vezes a divisão por categorias ou eixos temáticos é passível de arbitrariedade, já que cada jovem é único, assim como são, também, sua experiência no mundo, seus anseios e projetos. Não obstante, consideramos esta uma etapa fundamental para a pesquisa científica, permitindo que cada elemento seja explorado minuciosamente e receba sua devida e potencial análise. Assim, depositamos especial atenção a não naturalização e generalização dos resultados obtidos.

Por fim, apresentamos as considerações finais, enfatizando as contribuições da pesquisa para a ciência e para a sociedade. Questões relativas à experiência adquirida pela pesquisadora neste, por vezes, desconhecido mundo da pesquisa científica, também são abordados, tendo em vista que esta relação (pesquisa-pesquisadora) é intrínseca e inseparável em todo o trajeto científico.

CAPÍTULO 1

O CAMINHO SE FAZ NO CAMINHAR: PERCURSO DA PESQUISA

Com este capítulo busca-se a apresentar nosso plano de investigação. Para tanto, apresentamos a seguir, apoiados em determinadas compreensões teóricas, os objetivos, instrumentos, participantes e os procedimentos metodológicos definidos na produção e análise dos dados. Em meio à apresentação de tais questões teórico-metodológicas, não deixamos de manifestar a experiência adquirida diante o caminho percorrido, de tal maneira que, enquanto sujeitos encarnados¹, nossas categorias de análise se desenvolvem na trama social e, portanto, encontram-se inseparavelmente ligadas às experiências pessoais, às questões cognitivas, sociais, biológicas e comunicacionais com as quais convivemos (NAJMANOVICH, 2001).

1.1 Problematização e objetivos da pesquisa

A presente pesquisa está vinculada à investigação mais ampla, aliada ao grupo de pesquisa Cultura e Relações de Poder, que busca investigar o perfil dos jovens ingressantes em 2014 na Universidade Estadual do Paraná (Unespar) e suas ações e representações sobre religião e política². Desta pesquisa maior, ramificaram-se diversas outras investigações, dentre as quais a nossa, que busca compreender a forma como os jovens universitários (ingressantes no ano de 2014 no Câmpus de Campo Mourão) constituem seus projetos de vida, tendo em vista suas representações e engajamentos políticos e religiosos. O problema da pesquisa pode assim ser definido: Quais são os projetos de vida dos jovens universitários? A forma como os jovens têm se relacionado com os campos da política e da religião tem contribuído e/ou influenciado na elaboração e constituição de seus projetos?

A partir do problema central, acima exposto, delimitamos alguns objetivos específicos, quais sejam:

¹ Denise Najmanovich utiliza o termo *sujeito encarnado* para criticar o discurso da modernidade que é enunciado por um sujeito abstrato (neutro) e universal que exime de si a responsabilidade de quem fala por expressão própria. Assim, a autora coloca em evidência a importância de uma quebra de paradigma científico, na qual o sujeito que discursa deixe claro quem é que está falando, de que lugar fala e com qual propósito e perspectiva desenvolve sua investigação. Ver mais em: Najmanovich (2001).

² O trabalho de campo (desta investigação maior) foi realizado em conjunto pelas pesquisadoras Thaís Serafim dos Santos e Lara de Fátima Grigoletto Bonini, por meio da aplicação de um survey a todos os ingressantes da Unespar, servindo como base de dados tanto para suas pesquisas como para as realizadas por alunos de Iniciação Científica e Iniciação Científica Júnior, pertencentes ao grupo de pesquisa. Parte dos dados da pesquisa, bem como a experiência adquirida pelas pesquisadoras no trabalho de campo, está sistematizada no livro “Estudantes universitários no Ensino Superior público paranaense” (MEZZOMO; PÁTARO, 2015).

- Investigar o perfil dos jovens ingressantes, no ano de 2014, na Universidade Estadual do Paraná/Unespar, Câmpus de Campo Mourão;
- Investigar as representações e/ou engajamentos político-religiosos dos jovens;
- Analisar os projetos de vida almejados pelos jovens;
- Estabelecer relações entre as esferas política e religiosa com os projetos de vida dos jovens.

A pesquisa se configura como interdisciplinar de caráter misto, na qual agregamos – não só conceitualmente, mas também como mote para nossas discussões – o paradigma da complexidade. Neste paradigma, conforme orienta Vasconcelos (2011), sugere-se optar pelos estudos mistos, no intuito de superar as limitações particulares aos dois tipos polares de pesquisa (quantitativo e qualitativo), “criando uma rede de evidências na qual as indicações quantitativas são comparadas e analisadas concomitantemente aos dados qualitativos, aumentando o rigor da pesquisa” (VASCONCELOS, 2011, p. 160). Compreendemos que existe um *continuum* entre os instrumentos quantitativos e qualitativos, o que permite uma maior riqueza para a pesquisa e suas análises. Por esse motivo, a investigação qualitativa é inerentemente multimétodo, combinando diferentes estratégias, materiais e perspectivas em um só estudo (DENZIN; LINCOLN apud VALLES, 1999).

Vasconcelos (2011) ressalta que, se os fenômenos sociais são interligados com fenômenos naturais e subjetivos, a pesquisa em ciências humanas e sociais torna-se de natureza eminentemente interdisciplinar e, portanto, pode também integrar os diferentes instrumentos específicos de pesquisa das mais diferentes ciências, quando relevantes para apreender e captar a complexidade do fenômeno.

A perspectiva da complexidade entende os fenômenos humanos e sociais, de modo dialético, como processos complexos, em interação com seu contexto, em um processo ininterrupto de transformação, articulados a sentidos e significações múltiplas (MORIN, 1996; VASCONCELOS, 2011). Morin (1996) afirma que a compreensão da complexidade resulta do entendimento de que nada está realmente isolado do universo, ou seja, tudo está em relação: a parte está no todo, assim como o todo está na parte. Sendo assim, cada indivíduo é uma parte de um todo que é a sociedade, mas cabe ressaltar que esta, por sua vez, intervém em sua formação, desde o nascimento do indivíduo (seja com a linguagem, as normas e leis, a cultura, etc.), portanto, trata-se de uma relação dialética. Vale destacar ainda que, mesmo estando posto o princípio de que “o todo está na parte, assim como a parte está no todo”, não

significa afirmar que a parte seja um reflexo puro e fiel do todo, pois cada parte conserva sua singularidade e sua individualidade, e não necessariamente contém o todo (MORIN, 1996).

Nesta perspectiva, é possível afirmarmos que o pesquisador é uma parte deste todo, haja vista que tem um ponto de vista parcial, e ao mesmo tempo inclui em si o todo, pois está inserido e pertence a um contexto sociocultural. Sendo assim, enquanto pesquisadores, entendemos, junto a Morin (1996), ser improvável conhecer o universo (ou determinado aspecto dele) do ponto de vista da onisciência. Na complexidade não há lugar para a onisciência, sendo, portanto, adequado que busquemos um metaponto de vista para nossas indagações e investigações. Este metaponto de vista, que é sempre uma perspectiva parcial, é, para Morin, requisito básico para diferenciar o modo de pensamento simples, “que acredita alcançar o verdadeiro, que pensa que o conhecimento é reflexo, que não considera necessário conhecer a si mesmo para conhecer o objeto” (1996, p. 281), do modo de pensamento complexo, que necessita de auto-observação e autocrítica do observador sobre si mesmo.

Concordamos com Morin (1996) quando afirma que usualmente a produção do conhecimento se dá por meio de uma única disciplina:

Com a maior comodidade, estudamos o homem biológico no departamento da biologia e o homem cultural e psicológico nos departamentos de ciências humanas e de psicologia. [...] Vivemos dessa disjunção que nos impõe sempre uma visão mutilada (MORIN, 1996, p. 281).

Esta pretensão e maior valorização da fragmentação do conhecimento por disciplinas é algo que tem suscitado diversos debates no meio acadêmico, seja pela necessidade de uma abordagem que supere a superespecialização das ciências, seja pela própria dificuldade em transversalizar os saberes, dialogando e produzindo conhecimento com e a partir de múltiplas áreas. Destacamos que não se trata de superar o conhecimento disciplinar, muito menos negar sua relevância para o meio científico, conquanto, reconhecer a pertinência de outro modo de fazer ciência, de gerar e agregar conhecimentos, sobretudo porque a realidade nem sempre pode ser enquadrada dentro do universo de domínio disciplinar (ALVARENGA et al., 2011). Sendo assim, a interdisciplinaridade é apresentada como tentativa de problematizar as fronteiras disciplinares, assim como do intuito de apreendê-la como uma necessidade, como algo que historicamente se impõe como imperativo e, ao mesmo tempo, como um problema, algo que se impõe como desafio a ser decifrado (FRIGOTTO, 2008).

Ressaltamos que embora haja perspectivas científicas que atuam em termos de compartimentos estanques e territórios exclusivos e excludentes, acreditando-se

independentes da cultura e da sociedade que as nutre, são cada vez mais numerosos os pesquisadores e cientistas que adotam outros paradigmas, outros sistemas de enfoque, e geram novas narrativas e cenários onde transcorre a vida social (NAJMANOVICH, 2001). Por fim, consideramos que pesquisar sobre o viés da interdisciplinaridade é, de igual maneira, pesquisar sob a perspectiva da complexidade. Em suma, o pensamento interdisciplinar e complexo não é um pensamento completo, acabado, mas sim um pensamento situado no tempo e no espaço em que pairam diferentes incertezas (MORIN, 1996).

1.2 Instrumentos e participantes da pesquisa

Para alcançarmos os objetivos propostos, dividimos a pesquisa de campo em duas grandes etapas: aplicação de questionário online e realização de entrevistas semiestruturadas. Optamos pela utilização da metodologia survey, a partir da aplicação de questionário online a todos os ingressantes do Câmpus de Campo Mourão, para, num segundo momento, em uma amostra menor de jovens ingressantes, realizarmos entrevistas semiestruturadas, com o intuito de aprofundar qualitativamente as informações produzidas a partir do survey.

Consideramos importante mencionar que tínhamos nos programado para a aplicação de grupos focais a partir dos resultados alcançados com o survey. Nosso intento, a partir do diálogo entre os jovens envolvidos na investigação, era o de agregar informações sobre como projetam suas vidas e o que esperam do futuro, buscando encontrar possíveis correlações com seus vínculos e representações político-religiosas. No entanto, como a realização dos grupos não logrou sucesso, devido a pouca participação dos acadêmicos, recondicionamos o caminho metodológico, substituindo os grupos focais por entrevistas³. Diante desta dificuldade surgida, apoiamo-nos nas palavras de Zago (2011), que exemplifica a multiplicidade de fatores que exercem influência no trabalho de campo, fazendo com que sua trajetória, previamente elaborada, modifique-se ao longo do caminho:

O pesquisador experimenta, a cada novo estudo, o que acredito ocorrer mesmo com aqueles mais experientes e habilidosos, uma certa tensão. Esse estado é vivenciado especialmente na fase inicial da coleta de dados, a qual é geralmente acompanhada de muitas dúvidas: as decisões tomadas foram as mais acertadas? O roteiro de questões dá conta do que se quer estudar?

³ Dentre os fatores que podem ter exercido influência na não participação de muitos jovens, devemos mencionar que, no período previsto para a realização dos encontros dos grupos focais, a universidade estava em greve, o que dificultou tanto o contato com os acadêmicos como a fidelização de sua participação. A greve nas escolas e universidades públicas do estado do Paraná ocorreu, embora com algumas variações nas datas, entre os dias 12 de fevereiro a 14 de março, e novamente em 27 de abril a 27 de junho de 2014, totalizando 121 dias letivos paralisados.

Quem são as pessoas-chave para fazer parte do trabalho? Elas aceitarão participar do estudo? Esses questionamentos têm suas razões, pois nem todos os que pretendemos incluir no trabalho aderem aos objetivos da pesquisa. Entre outras razões, algumas de caráter pessoal (sentimentos relacionados à sua condição social, temor da repercussão que o depoimento possa causar, etc.) fazem com que certas pessoas se recusem a participar do estudo [...]. Isso significa dizer que o trabalho de campo dificilmente vai se desenrolar conforme planejado e desse modo está sujeito a sofrer um processo de constante construção (ZAGO, 2011, p. 292-293).

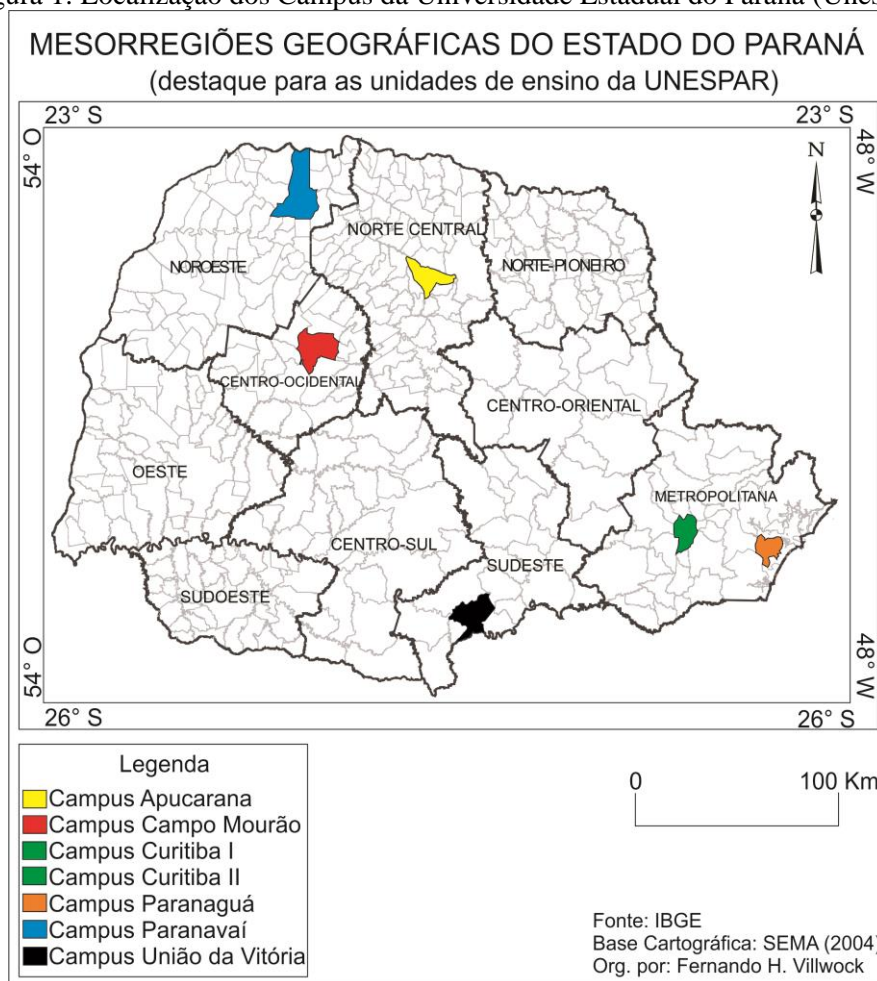
Entendemos, portanto, que pesquisar pessoas é, como vínhamos discutindo, abarcar toda uma complexidade que abrange múltiplas subjetividades. Ademais, devemos relembrar que a pesquisa científica não se restringe à utilização de instrumentos apurados de coleta de informações. Para além das informações acumuladas, o processo de trabalho de campo nos leva, frequentemente, à reformulação de hipóteses ou, mesmo, do próprio caminho da pesquisa (MINAYO, 2012b). Zanella (2014) reforça a necessidade do pesquisador – além de problematizar o que elege como foco de sua investigação – voltar-se para o próprio processo de pesquisar, perguntando-se constantemente sobre os caminhos definidos e trilhados, as escolhas metodológicas e seus possíveis efeitos. Este “voltar-se para o processo da pesquisa” compreende o olhar para dentro de si, reavaliar objetivos, expectativas e, conseqüentemente, deparar-se com as angústias decorrentes da certeza da impossibilidade de um trabalho linear, que apreenda o todo (ZANELLA, 2014). Sendo assim, as etapas de uma pesquisa não devem ser consideradas ou vistas como estanques, mas em planos que se complementam e são passíveis de sofrer modificações ao longo da pesquisa.

Optamos por citar a tentativa do grupo focal (mesmo sem descrever minuciosamente as suas etapas: elaboração de roteiro, contato com acadêmicos, encontros agendados, etc.), por entendermos que se trata de um dos caminhos percorridos que, mesmo sem lograr o êxito esperado, fez parte da pesquisa e, portanto, pode ajudar a entender percalços, dificuldades e a necessária flexibilidade na adoção das metodologias de trabalho de campo.

Antes de detalharmos a utilização de cada instrumento, assim como de seus participantes, apresentamos o local em que a pesquisa se desenvolveu: Universidade Estadual do Paraná/Unespar, Câmpus de Campo Mourão.

A Unespar possui sete câmpus que estão localizados em diferentes mesorregiões geográficas: Noroeste Paranaense, Norte Central Paranaense, Centro Ocidental Paranaense e Sudeste Paranaense, além da mesorregião Metropolitana de Curitiba, conforme figura abaixo:

Figura 1: Localização dos Câmpus da Universidade Estadual do Paraná (Unespar)



Fonte: Adaptado de IBGE (2004).

O credenciamento recente dessa universidade, ocorrido em 05 de dezembro de 2013, deu-se a partir da integração de sete diferentes faculdades estaduais isoladas, guardando, portanto, uma diversidade de experiências da vivência universitária – ligadas ao processo histórico, à instalação e expansão dos cursos, às formas de ingresso, às compreensões acerca do ensino, da pesquisa e da extensão em cada uma das faculdades. Essas múltiplas experiências, oriundas de diversos contextos socioculturais e geográficos, trazem implicações para o perfil dos jovens universitários (PÁTARO; MEZZOMO, 2013; MEZZOMO; PÁTARO, 2015), suas ações e representações acerca da religião e da política e a forma como constituem seus projetos de vida.

Especificamente o Câmpus de Campo Mourão, que anteriormente era a Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (Fecilcam), iniciou suas atividades no ano de 1972, mas foi somente em 1978 que se transformou em fundação de direito público (Lei Municipal 191/78, de 24 de abril de 1978). Já sua estadualização ocorreu mediante a lei nº 8.465, de 15 de janeiro de 1987 e o decreto 398, de 27 de abril de 1987. Atualmente, o

Câmpus conta com os seguintes cursos de Graduação: Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Engenharia de Produção Agroindustrial, Geografia, História, Letras, Matemática, Pedagogia e Turismo e Meio Ambiente, além de ser sede do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento. Informações referentes à modalidade de formação, turnos e quantidade de alunos ingressantes no ano de 2014 podem ser conferidas no quadro abaixo:

Quadro 1: Cursos e alunos ingressantes em 2014 na Unespar/Campo Mourão

Curso	Modalidade de Formação	Turno	Quantidade de ingressantes
Administração	Bacharelado	Noturno	80
Ciências Contábeis	Bacharelado	Noturno	80
Ciências Econômicas	Bacharelado	Noturno	80
Engenharia de Produção Agroindustrial	Bacharelado	Integral	40
Geografia	Licenciatura	Noturno	40
História	Licenciatura	Noturno	40
Letras	Licenciatura	Noturno	50
Matemática	Licenciatura	Noturno	40
Pedagogia	Licenciatura	Noturno	40
Pedagogia	Licenciatura	Matutino	40
Turismo e Meio Ambiente	Bacharelado	Noturno	50
Total			580

Fonte: SANTOS; MEZZOMO; PÁTARO, 2016.

O município de Campo Mourão, cidade de médio porte em que se localiza o Câmpus lócus de nossa pesquisa, contava em 2010 com população de 87.194 habitantes – representando $\frac{1}{4}$ da população da mesorregião –, sendo que 94,8% da população concentravam-se na área urbana (IBGE, 2010). A população estimada em 2015 é de 92.930 habitantes (IBGE, 2014). O município está localizado na Mesorregião Centro-Ocidental Paranaense⁴, constituída por 25 municípios, dos quais Campo Mourão se destaca em função de sua dimensão populacional e nível de polarização socioeconômica, além de ser caracterizada como fundamentalmente agrícola, com destaque para o plantio de soja e milho. Segundo dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano (PNUD, 2013), em 2010, o município ficou com o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), 0,757, situado na faixa de Desenvolvimento Humano Alto (IDHM entre 0,7 e 0,799). Entre 2000 e 2010, a dimensão que mais cresceu em termos absolutos foi a educação (com crescimento de 0,107), seguida por Renda e por Longevidade. Apesar de o município

⁴ O município de Campo Mourão está localizado a 477 km de distância de Curitiba, capital do estado do Paraná.

contar com IDHM alto, é válido mencionarmos que a mesorregião (com população de 340 mil habitantes em 2015) é marcada por significativas desigualdades intrarregionais, abrangendo municípios com altos índices de analfabetismo e extrema pobreza (MEZZOMO; PÁTARO, 2015).

1.2.1 Survey

De acordo com Fink (2002) e Freitas et al. (2000), o survey é um procedimento para coleta de informações em vista de descrever, comparar ou explicar os conhecimentos, atitudes e comportamentos das pessoas. Vasconcelos (2011) ressalta que o survey tem sido um instrumento largamente utilizado na pesquisa científica, como forma de conhecimento e mapeamento de conjunto de valores, sendo montado na forma de questionário ou formulário com perguntas estruturadas a serem respondidas de forma padronizada pelos próprios informantes. Justificou-se, assim, sua utilização na presente investigação, de caráter descritivo e exploratório, que almejou coletar os dados junto a aproximadamente 580 universitários ingressantes dos diferentes cursos de graduação.

O instrumento foi elaborado com base na literatura e em outros questionários já utilizados em investigações do mesmo gênero (FERNANDES, 2011; STEIL; ALVES; HERRERA, 2001; LIBÓRIO; KOLLER, 2009), adaptando-se ao contexto sociocultural e aos objetivos da pesquisa.

De acordo com Freitas et al. (2000), alguns cuidados devem ser tomados na elaboração do questionário, com o intuito de garantir a qualidade do instrumento e a fidedignidade aos objetivos propostos. Tais cuidados, aos quais procuramos ficar atentos, incluem: uma apresentação resumida descrevendo o objetivo da pesquisa e mencionando a importância das respostas, bem como a confidencialidade dos dados obtidos; instruções para o preenchimento correto do questionário; uma quantidade limitada de perguntas que devem ser claras e precisas, considerando o nível de informação dos participantes e que não induza a determinadas respostas e constranja o respondente, devendo-se considerar as implicações das perguntas quanto aos procedimentos de tabulação e análise de dados (SERAFIM et al., 2015). Vasconcelos (2011) ainda afirma que a confecção do questionário pode parecer ser simples; no entanto, exige um treinamento prévio e uma cuidadosa avaliação das especificidades do fenômeno a ser investigado, da cultura, da população amostrada e da linguagem envolvida.

Diante destas observações, o instrumento foi elaborado considerando quatro vertentes e blocos de questões (Apêndice I). No primeiro bloco, indagamos acerca dos dados pessoais, dados socioeconômicos, motivação pelo curso de graduação, histórico escolar, escolarização

dos pais e um conjunto de perguntas sobre os valores que lhes são mais importantes. O segundo bloco foi destinado à religião. Interrogamos sobre a religião/crença do ingressante – possibilitando resposta também àqueles que se consideram sem religião –, o motivo pelo qual escolheu sua crença, a religião/crença dos pais, se participa paralelamente de outras religiões ou possui curiosidade sobre outras crenças, quem a seu ver é Deus e se sua religião/crença promove e/ou incentiva a participação em atividades ligadas a organizações ou movimentos sociais. O terceiro bloco refere-se à política, no qual questionamos sobre o que poderia tornar o país mais desenvolvido, a opinião sobre os problemas enfrentados pelo país e com que frequência participa de atividades político-sociais. Por fim, no quarto e último bloco, fizemos questões relacionadas ao ser jovem, o que o acadêmico considera como bom e ruim da juventude e quando, em sua concepção, uma pessoa deixa de ser jovem. As questões foram compostas, em sua maioria, por opções fechadas de múltipla escolha, objetivando o processamento rápido das respostas, pelo enquadramento das escolhas feitas pelos respondentes. Entendendo que nem sempre as opções oferecidas podem abarcar todas as possibilidades de resposta, acrescentamos, como estratégia, a opção “Outra”, seguida da pergunta “Qual?”, oportunizando ao respondente cobrir possíveis opções não listadas pelo enunciado (ELLIOT; HILDENBRAND; BERENGER, 2012).

A fim de refinar o instrumento, realizamos um pré-teste, com a aplicação de questionário piloto para alguns jovens universitários, a fim de observar a compreensão das questões, a clareza e precisão dos enunciados, a quantidade, forma e ordem das perguntas. Durante o pré-teste observamos se as questões foram respondidas de modo adequado, se as respostas não indicaram dificuldades quanto ao seu entendimento e quanto à forma de preenchimento. A partir de então, alguns ajustes de formato e estilo foram realizados no questionário.

Optamos pela utilização do instrumento em plataforma online, a fim de facilitar a coleta de dados junto aos jovens ingressantes. Para assegurar que um maior número de jovens respondesse ao questionário (com o cronograma de aplicação em mãos, aprovado por coordenadores e professores dos cursos), fomos a cada uma das salas de aula, fazendo uma breve elucidação dos objetivos da pesquisa e convidando-os para que nos acompanhassem ao laboratório de informática, onde os questionários deveriam ser respondidos. Os jovens participaram voluntariamente da pesquisa, garantindo-se o sigilo e o anonimato das

informações. O questionário foi aplicado aos ingressantes ao longo do mês de agosto de 2014, totalizando 282⁵ participantes de todos os cursos de graduação do Câmpus de Campo Mourão.

É válido mencionar que os participantes tinham entre 15 e 29 anos, de modo que nossa pesquisa seguiu a delimitação etária proposta por órgãos como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Estatuto da Juventude, que consideram jovens os sujeitos nesta faixa etária. Embora seja adotada tal delimitação, compreendemos, conforme discussão realizada no capítulo 2, que o critério etário deve estar associado a outros elementos socioculturais para a caracterização da juventude.

Com os questionários abertos em cada um dos computadores dos laboratórios de informática, os jovens respondiam e, quando necessário, solicitavam nosso auxílio. Em média, o questionário levava cerca de 25 minutos para ser respondido, salvo exceções de universitários que apresentaram algumas dificuldades, seja de interpretação das questões ou do próprio manuseio do computador. Ao final de cada aplicação, registrávamos em um diário a experiência vivida.

1.2.2 Entrevista

Com o intuito de coletar informações aprofundadas a respeito de como os jovens universitários projetam suas vidas e o que esperam do futuro, buscando encontrar possíveis correlações com seus pertencimentos político-religiosos, realizamos as entrevistas semiestruturadas na segunda etapa da pesquisa de campo⁶ nos meses de junho e julho de 2015.

A entrevista, segundo Minayo (2012b), tem sido a estratégia mais utilizada no processo de trabalho de campo e consiste numa conversa a dois (ou entre vários interlocutores) com o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa. Especificamente na entrevista semiestruturada o pesquisador tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada (SILVA, 2012).

De acordo com Zago (2011), o grau de implicação e comprometimento do entrevistado depende muito da confiança que ele deposita no pesquisador e, evidentemente, de como se sente na situação da entrevista. É importante ressaltar que a relação de confiança não está dada desde o início da interlocução, já que ela precisa ser pouco a pouco construída. Desta

⁵ Tendo em vista que na plataforma Survey Monkey o sujeito precisa responder questão por questão (não há possibilidade de avançar no questionário deixando respostas em branco), e só ficam registrados os questionários que foram concluídos, estes 282 representam a amostra total de questionários respondidos e finalizados.

⁶ Devemos mencionar que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Unespar, Câmpus de União da Vitória e que, em ambas as etapas de campo, obtivemos anuência dos acadêmicos por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

forma, consideramos importante criar um clima agradável e de confiança, de modo que o indivíduo sintá-se a vontade e o entrevistador o tenha enquanto um colaborador participativo. Antes de iniciar a entrevista propriamente dita, uma conversa inicial pode “quebrar o gelo” e criar um clima descontraído de conversa, diálogo. Esta atitude é denominada de *rapport*⁷, na qual é estabelecida uma base de confiança mútua entre os interlocutores, por meio de uma atmosfera de interação e respeito. Quando o entrevistador atinge esse propósito (em decorrência de sua prática/experiência e carisma), crescem as possibilidades de êxito, ou seja, de alcançar a totalidade de informações almejadas para seu estudo (SILVA, 2012; TAVARES, 2003).

Sendo assim, desde o nosso primeiro contato com os jovens entrevistados, esclarecemos os objetivos da pesquisa, o local, o horário de encontro e o tempo aproximado, o destino e o sigilo das informações prestadas. Além da apresentação inicial da pesquisadora, de significativa importância para que o entrevistado conheça com quem conversa.

Cabe mencionarmos, assim como Zago (2011), que a entrevista se desenvolve em uma relação social, portanto expressa realidades, sentimentos e cumplicidades que um instrumento com respostas estandardizadas poderia ocultar. Neste sentido, o encontro com um interlocutor exterior ao universo social do indivíduo pode representar a oportunidade de este ser ouvido e poder falar de questões que lhe concernem diretamente (ZAGO, 2011). Nesta mesma perspectiva, Minayo (2012b) afirma que, mesmo partindo de posições sociais próximas, o pesquisador nunca deve buscar ser reconhecido como um igual, já que o próprio entrevistado espera dele uma “diferenciação, uma delimitação do próprio espaço, embora sem pedantismos, segredos e mistérios” (MINAYO, 2012b, p. 75).

O roteiro da entrevista foi elaborado tendo por base alguns dos dados quantitativos extraídos do survey, com a finalidade de coletar e agregar qualitativamente mais informações dos jovens envolvidos. Dentre os dados do survey que nos chamaram a atenção e que balizaram a elaboração do roteiro da entrevista semiestruturada, encontram-se:

- Intensa religiosidade jovem, sobretudo entre os segmentos Católico e Evangélico, mas também entre aqueles que, mesmo possuindo crença, não estão ligados a uma determinada instituição religiosa;
- Pouca participação na política institucional, porém um significativo engajamento em projetos e campanhas solidárias e sociais;
- Compreensão de futuro enquanto tempo de incertezas;

⁷ Palavra de origem francesa que significa empatia.

- Estudo, futuro e mundo do trabalho enquanto preocupações específicas da etapa da juventude.

Estes indicativos nos instigaram a buscar uma compreensão mais aprofundada sobre a forma como os jovens significam o futuro e elaboram seus projetos de vida, tendo como hipóteses iniciais: a) os projetos de vida dos jovens possivelmente estão voltados para os estudos e a profissionalização, e o atual mundo fluido e instável tem suscitado insegurança e incertezas e; b) tanto os projetos de vida quanto a participação solidária podem estar recebendo influências da religião, já que esta se configurou como uma variável na compreensão da sociabilidade juvenil. Estas questões nos serviram para direcionar essa etapa da pesquisa de campo, elaborando um roteiro que buscasse, ao máximo, confirmar ou indicar novos caminhos e compreensões para cada uma dessas hipóteses.

Diante destes apontamentos, os eixos temáticos que compuseram o roteiro⁸ foram: Projetos de vida (quais são, quais elementos influenciaram a elaboração, o que tem feito para concretizá-lo, etc.); Futuro (concepção de futuro, o que causa insegurança e de que forma ela pode ser amenizada); e Participação (sentidos atribuídos à participação em atividades políticas, religiosas e solidárias, e se tais participações contribuem na elaboração de projetos e na formação identitária dos jovens).

A partir das questões e cuidados metodológicos já mencionados, fizemos a seleção dos participantes, tendo como princípio a questão 28 do questionário (Qual é a sua religião/crença? – Apêndice I), na qual a maior concentração de jovens se deu nas denominações: Católicos; Acreditam em Deus, mas não participam de religião e Evangélicos. Este recorte se deu tendo em vista a religião/crença ser uma de nossas variáveis, além de ter se mostrado expressivamente significativa entre os jovens participantes da primeira etapa da pesquisa.

Ressaltamos que definir um objeto de pesquisa, assim como estabelecer um recorte para a investigação, não é fragmentá-lo ou limitá-lo arbitrariamente. Frigotto (2008) corrobora com este pensamento ao afirmar que se o processo do conhecimento nos impõe a delimitação e o enfoque em um determinado problema, isto não expressa uma obrigação em abandonar as múltiplas determinações que o constituem. É neste sentido que mesmo delimitado um fenômeno não perde a totalidade, da qual faz parte indissociável. Destas considerações destacamos que a interdisciplinaridade não nos serve apenas como método ou abordagem de investigação, mas antes de tudo, como algo que nos aparece como uma necessidade. Isto

⁸ O roteiro completo das questões encontra-se no Apêndice IV.

significa dizer que, para apreendermos uma dada realidade, faz-se necessário analisá-la na sua relação com as demais dimensões (FRIGOTTO, 2008), especificamente em nosso trabalho: como compreender os projetos de vida dos jovens ingressantes do Câmpus de Campo Mourão, se não buscarmos saber que instituição é essa (sua constituição, localização, história) e que sujeitos são esses (de onde eles vêm, quais são suas histórias)?

Participaram voluntariamente desta etapa 4 jovens (1 Católico, 1 sem religião [Acredita em Deus, mas não participa de religião], 1 da Assembleia de Deus e 1 da Presbiteriana Renovada)⁹. As entrevistas aconteceram em locais diversos conforme a disponibilidade dos jovens: 2 entrevistas aconteceram em uma sala de aula na própria Unespar; 1 entrevista na cantina da mesma instituição (que estava vaga por estar em período de greve); e 1 entrevista na biblioteca pública municipal de Campo Mourão. Os encontros duraram aproximadamente 40 minutos, nos quais registramos as interações por meio de gravação de áudio, assim como de anotações cursivas de falas e comportamentos. Este recurso permitiu que a pesquisadora ficasse à vontade para conduzir as entrevistas, favorecendo a relação de interlocução. De acordo com Zago (2011), esse registro tem a função de “organização e análise dos resultados pelo acesso a um material mais completo do que as anotações podem oferecer e ainda por permitir novamente escutar as entrevistas, reexaminando o seu conteúdo” (ZAGO, 2011, p. 299). Após a realização de cada entrevista, fazia-se a transcrição do material na íntegra (desde o registro das falas até os comportamentos, gestos e comentários suscitados no decorrer da interação).

Devemos mencionar que uma das dificuldades encontrada pela pesquisadora no trabalho de campo, senão a maior, deu-se pelo fato desta ser jovem, o que a colocava na mesma faixa etária de muitos estudantes. Deste fato, destacamos que a presença física do pesquisador na aplicação do instrumento comumente provoca alterações no comportamento dos sujeitos pesquisados e exige uma análise crítica do sentido das alterações e seus efeitos para a pesquisa (VASCONCELOS, 2011). Daí, também, o desafio em:

ressaltar o nosso papel naquele momento, a fim de garantir credibilidade por parte dos ingressantes universitários e sem interferir nas respostas dos acadêmicos. Entretanto, ao mesmo tempo, foi preciso cuidado para não nos colocarmos acima ou em nível de superioridade a eles. Procurávamos deixá-los a vontade, inclusive mencionando que um dia já estivemos em seus lugares e que, no futuro, eles poderiam vivenciar experiências semelhantes à que estávamos tendo naquele momento. Nosso intento, a todo instante, foi de

⁹ Com o intuito de preservar a identidade dos entrevistados, garantindo o sigilo e o anonimato das informações prestadas, todos os nomes que serão descritos e apresentados no decorrer da dissertação são fictícios (os nomes foram definidos pelos próprios jovens).

que se sentissem tranquilos para que, por meio do questionário, pudessem ser autores de suas próprias vivências, relatando sobre a experiência acadêmica e outras questões condizentes à vivência como sujeitos inseridos na sociedade (SERAFIM et al., 2015, p. 22).

Se no momento de aplicação do questionário alguns estranhamentos foram suscitados, na entrevista eles se diluíram em um diálogo que permitiu que tanto a pesquisadora como os jovens pudessem se conhecer melhor em um clima confortável, respeitando as exigências éticas e metodológicas da investigação científica. Em particular, os 4 jovens que participaram da segunda etapa do trabalho de campo indagaram a pesquisadora sobre sua idade, sobre sua graduação, sobre o mundo da pesquisa, fizeram perguntas sobre como funciona um mestrado (desde processo seletivo a rotina de estudos). Esta conversa se deu logo no início da entrevista, como forma de estabelecer um clima de confiança e respeito, permitindo que os jovens se sentissem a vontade para compartilhar suas histórias e projetos de vida.

Diante destas considerações, concordamos com Groff, Maheirie e Zanella (2010), quando afirmam que a constituição do(a) pesquisador(a) em ciências humanas possui características únicas, fazendo com que o ato de pesquisar torne-se um processo permeado por questões de ordem afetiva, assim como de compromisso com os sujeitos e contextos estudados. Para as autoras, o pesquisador “estuda com e não sobre os sujeitos, pois compreende que a relação com o outro é o que há de mais rico no pesquisar, pois é onde sentidos são coletivamente produzidos e onde contextos e sujeitos são transformados” (GROFF; MAHEIRIE; ZANELLA, 2010, p. 102).

Por fim, cabe ainda mencionarmos que toda pesquisa científica fundamenta-se por meio de uma linguagem baseada em conceitos, noções, hipóteses, métodos e técnicas compostas por um ritmo próprio e particular. A este ritmo, Minayo (2012a, p. 26) denomina de ciclo de pesquisa, “um peculiar processo de trabalho em espiral que começa com uma pergunta e termina com uma resposta ou produto que, por sua vez, dá origem a novas interrogações”. Neste sentido, o ciclo de pesquisa não se fecha, muito menos se totaliza. Toda a pesquisa, independente de seu tipo e objetivo, produz conhecimentos, possibilita respostas e, por sua vez, gera novas indagações. Portanto, por mais que um trabalho científico deva ser pensado em um espaço temporal – caracterizado por um cronograma – no qual se estabeleça um início, meio e fim, em que cada etapa possua importância e integração com o todo, devemos lembrar seu caráter provisório. Entendemos que tal provisoriedade é inerente aos processos sociais que se refletem nas construções teóricas, haja vista que tanto a realidade social se modifica quanto as interpretações sobre ela podem ser modificadas ou até mesmo

superadas ao longo do tempo, portanto, além de provisória é também condicionada histórica e culturalmente no meio em que se insere (MINAYO, 2012a). E, em sendo a pesquisa processo, ela jamais se dará “pela certeza das linhas retas, mas fundamentalmente pela obliquidade dos possíveis e a imprevisibilidade dos acontecimentos” (ZANELLA, 2014, p. 135).

1.3 Procedimentos para análise dos dados produzidos

Os dados foram produzidos a partir do survey, tendo sido sistematizados pela própria plataforma Survey Monkey¹⁰, com o auxílio das tabelas dinâmicas do Excel, favorecendo o cruzamento de diferentes variáveis. Já o processo de análise das entrevistas deu-se com base na análise de conteúdo, tendo como premissa que, por meio de tal método, é possível caminharmos na direção da descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado (GOMES, 2012).

A análise de conteúdo surgiu nos Estados Unidos no início do século XX, como um instrumento de análise das comunicações. Sua utilização foi multiplicada no seio do Jornalismo em estudos quantitativos nos jornais (medição de sensacionalismo nos jornais, comparação entre os semanários rurais e os diários citadinos, os símbolos políticos e os efeitos das propagandas presentes nos jornais, etc.), tendo como nome referência Harold Lasswell¹¹. Vale destacar que o behaviorismo, corrente psicológica influenciada por princípios do positivismo e predominante nos Estados Unidos, preconizava com rigorosidade e cientificidade a descrição de comportamentos (compreendidos como respostas a estímulos). Desta ênfase, rejeitava-se a introspecção intuitiva em lugar da Psicologia comportamental objetiva, o que corroborou com o desenvolvimento da técnica e com seu caráter eminentemente quantitativo (BARDIN, 2011; GOMES, 2012). Muitas críticas e discussões foram suscitadas em torno de sua aplicação e eficácia, sistematizadas na obra clássica da autora Laurence Bardin (2011), originalmente publicada em 1979. Para a referida autora, tal método pode ser compreendido enquanto:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 44).

¹⁰ Disponível em: <https://pt.surveymonkey.com/>

¹¹ Considerado um dos fundadores da Psicologia Política, estudou os efeitos da mídia nas motivações das duas guerras mundiais, assim como a influência dos meios de comunicação sobre o indivíduo.

Gomes (2012) afirma que, a partir dessa definição, alguns avanços tornaram-se perceptíveis já na década de 1970, entre eles: a existência de mais uma técnica para analisar conteúdos de mensagens; a possibilidade de se analisar conteúdos a partir da perspectiva qualitativa, rompendo com a visão de que a técnica servia apenas aos estudos quantitativos; e o uso de inferências que partem da descrição dos conteúdos explícitos da comunicação para alcançar dimensões que transcendem à mensagem. Atualmente o método de análise de conteúdo abrange um vasto campo de aplicação (sendo comumente utilizado nas Ciências Sociais, humanas, aplicadas e da saúde), em outras palavras, onde há comunicação, em seu sentido mais amplo (linguístico escrito, oral, iconográfico e até mesmo em códigos semióticos e comportamentais), a análise de conteúdo se adequa e se faz possível.

Diversas técnicas compõem a análise de conteúdo: análise de avaliação ou análise representacional; análise de expressão; análise de enunciação e; análise temática. Para a presente pesquisa, optamos pela utilização da análise temática, na qual, como o próprio nome sugere, o conceito central é o tema. O tema agrega um conjunto de relações e pode ser graficamente apresentado por intermédio de uma palavra, uma frase ou um resumo. Nas palavras de Bardin (2011, p. 135) “o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura”. Neste sentido, trabalhar com a análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que pertencem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido (GOMES, 2012).

Os passos da análise temática de conteúdo consistem em descrever e categorizar, inferir e, por último, interpretar. De acordo com Bardin (2011), se a descrição é a primeira etapa necessária ao processo analítico e a interpretação é a última, a inferência configura-se como o procedimento intermediário de grande importância, pois permite a passagem explícita e controlada de uma à outra. Apesar das três etapas serem interconexas e guardarem em si características próprias e de grande relevância, avaliamos a inferência como primordial, se bem feita, para a qualidade dos resultados esperados na fase de interpretação. Gomes (2012) ainda afirma que é com base nas inferências que discutimos os resultados da pesquisa atribuindo um grau de significação mais amplo aos conteúdos analisados.

Desta forma, os passos adotados para a análise de conteúdo das entrevistas seguiram a seguinte estrutura lógica: primeiramente fizemos uma leitura atenta e minuciosa de todas as entrevistas, para, na sequência, decompor o material a ser analisado em partes. Procuramos fazer esta leitura de forma exaustiva, conforme propõe Gomes (2012), para que dela pudéssemos extrair uma visão de conjunto, apreendendo as particularidades do material,

elaborando pressupostos iniciais que serviriam de base para a análise e a interpretação posteriores, assim como da escolha de formas de classificação/categorização inicial. Na sequência, distribuímos trechos, frases e palavras de acordo com o esquema de categorização inicial, identificando, por meio de inferências, seus núcleos de sentido (GOMES, 2012).

Faz-se mister destacar que as categorias devem respeitar o princípio de homogeneidade, na qual cada uma deve ser obtida a partir dos mesmos princípios utilizados para toda a categorização. Além de homogêneas, elas devem ser exaustivas (devem dar conta de todo o conteúdo a ser analisado), exclusivas (um aspecto do conteúdo do material analisado não pode ser classificado em mais de uma categoria), concretas (não serem expressas por termos abstratos) e adequadas (devem adaptar-se ao conteúdo e ao objetivo que se pretende alcançar) (BARDIN, 2011; GOMES, 2012). Desta forma, as categorias temáticas foram elaboradas tendo como princípio os objetivos da pesquisa e cada uma contou, de acordo com suas especificidades, com subcategorias e unidades de registro. Tais categorias encontram-se no apêndice IV.

Outras questões que também compuseram o roteiro da entrevista (como, por exemplo, os fatores que influenciam a constituição de projetos de vida, assim como as possíveis relações entre os campos político-religiosos) não foram organizadas em forma de categoria, tendo em vista representarem fatores de influência. Portanto, serão analisadas em relação com as categorias escolhidas. Passada a fase de categorização, inferimos e interpretamos os resultados obtidos com auxílio de discussão teórica. Estas últimas etapas serão abordadas no capítulo 3.

É fundamental destacarmos que as entrevistas não representam uma amostra quantitativa do survey e, da mesma forma, não serviram para verificar e confrontar a validade das respostas dadas pelos jovens no questionário, mas sim, foram realizadas com a intenção de potencializar, ampliar e elucidar aspectos suscitados a partir do questionário.

Diante das considerações feitas, que descrevem a forma como conduzimos e reconduzimos o nosso percurso investigativo, passaremos a discutir, com o auxílio de determinados referenciais teóricos, o nosso objeto de investigação.

CAPÍTULO 2

JUVENTUDES E PROJETOS DE VIDA

Neste capítulo, buscamos problematizar acerca de concepções sobre a juventude na contemporaneidade e as articulações entre os campos da política e da religião na constituição dos projetos de vida dos jovens. Para tanto, pontuamos como diferentes concepções – em especial as psicológicas – têm compreendido historicamente a juventude de modo a corroborar com uma visão negativa associada aos jovens. Em lugar de tais entendimentos, e apoiados por algumas concepções teóricas, nosso intento é o de propor diferentes formas de se olhar e compreender a juventude, atentando para a necessidade de uma perspectiva que a considere enquanto uma fase da vida que abranja simultaneamente as especificidades do contexto social, histórico e cultural em que os jovens se encontram inseridos. Em seguida, traremos para o centro da discussão as concepções sobre projetos de vida da juventude, considerando o modo como as percepções e os significados que os jovens atribuem aos campos da política e da religião se articulam à construção de suas identidades e projetos de vida.

2.1 Concepções sobre juventude

Como ponto de partida para a discussão que aqui propomos, faz-se importante entender que existe atualmente um uso concomitante na literatura de dois termos, adolescência e juventude, que, conforme afirma Freitas (2005, p. 6), “ora se superpõem, ora constituem campos distintos, mas complementares, ora traduzem uma disputa por distintas abordagens”. Conquanto, as diferenças e as aproximações entre os dois termos não são claras, e refletem que o tratamento do tema da juventude acaba por fornecer uma série de imprecisões e controvérsias que vão desde a conceituação do termo até a própria compreensão da categoria juvenil.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2002), são considerados adolescentes os sujeitos na faixa etária compreendida entre 12 e 18 anos, enquanto que a juventude, segundo o Estatuto da Juventude, compreenderia a faixa etária dos 15 aos 29 anos (BRASIL, 2013; UNESCO, 2004). A adoção deste recorte etário para a juventude no âmbito das políticas públicas brasileiras é bastante recente, uma vez que sua ampliação aconteceu como uma tendência entre países que buscavam instituir políticas públicas para a população jovem. Até então, eram tomados por jovens os indivíduos na faixa

etária entre 15 e 24 anos¹². Conforme afirma Aquino (2009), a mudança se deu a partir de dois argumentos: o aumento da expectativa de vida para a população em geral e maior dificuldade desta geração em ganhar autonomia, em função das mudanças no mundo do trabalho.

Tomando por base tais delimitações etárias e também o disposto em Freitas (2005), podemos dizer que a adolescência corresponde à primeira fase da juventude, sendo caracterizada principalmente pelas transformações que a qualificam como um período específico do desenvolvimento, de maturação biológica e de preparação para uma inserção futura, enquanto a juventude se refere à fase mais ampla de composição de trajetórias de inserção na vida social.

O termo juventude, conforme definição dada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO (2004), refere-se ao período do ciclo de vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos, e durante o qual se produzem específicas mudanças de ordem biológica, psicológica e social, que variam de acordo com as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e o gênero. Compreendendo a juventude como uma categoria abrangente e com o intuito de comparar a situação de jovens em distintos contextos, assim como realizar um acompanhamento da evolução e das diferenças encontradas em cada momento de suas existências, estabelecem-se ciclos de idade, divididos nos seguintes subgrupos etários: de 15 a 19 anos, de 20 a 24 anos e de 25 a 29 anos (UNESCO, 2004; SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE, 2013). Esta divisão segue o recorte que vem sendo empregado por políticas públicas no Brasil, voltadas para a compreensão da juventude em suas mais variadas etapas de desenvolvimento (SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE, 2013).

Freitas (2005) ressalta que a imprecisão e a superposição entre os dois termos, adolescência e juventude, podem levar a equívocos e ambivalências de compreensão, que por consequência podem resultar em invisibilidades e desconsiderações de situações específicas, gerando a exclusão de múltiplos sujeitos do debate e do processo político atual.

Ao partirmos do pressuposto de que nem todas as pessoas de uma mesma idade percorrem as mesmas etapas do ciclo vital e atingem as mesmas características atribuídas a cada etapa do desenvolvimento, cunhada pelo termo juventude, ressaltamos a importância de que sejam incorporadas outras dimensões de análise.

¹² A Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu o ano de 1985 como o Ano Internacional da Juventude, considerando jovens aqueles pertencentes a faixa etária dos 15 a 24 anos. Esta delimitação etária é ainda hoje utilizada por esta organização. Já no Brasil, o documento de referência para a definição da juventude tem sido o Estatuto da Juventude.

O termo juventude, ainda conforme Freitas (2005), passou a pertencer ao escopo da tematização social em meados da década de 1990, quando a preocupação com os problemas vividos pelos jovens tornou-se fundamental na compreensão e contenção dos problemas sociais. Aos problemas vividos pelos jovens, atrelavam-se as dificuldades de inserção no mundo do trabalho e o aumento da violência, gerando dificuldades na estruturação de projetos de vida.

Segundo León (2005), no campo disciplinar, tem sido atribuído à Psicologia, mais especificamente às abordagens desenvolvimentistas do campo da psicanálise, o estudo da adolescência a partir de análises focadas no sujeito e suas transformações subjetivas. Já para a área das Ciências Sociais, focam-se os estudos sobre a juventude, em especial aos campos da Sociologia, Antropologia Cultural, Educação, entre outros.

Embora tais imprecisões sejam ainda hoje presentes, ao termos como foco da pesquisa os jovens universitários, optamos por utilizar o conceito de juventude, entendendo que a adolescência compreende o período inicial da juventude, e que esta, por sua vez, refere-se a uma categoria mais abrangente. Embora tenhamos escolhido um conceito para delinear nossas discussões, é importante relembrar que a juventude e a adolescência têm sido tematizadas pela literatura enquanto categorias semelhantes, sendo assim, os dois termos perpassam as discussões.

No que se refere aos estudos sobre a adolescência, é possível afirmar que historicamente sua compreensão tem sido mediada, em grande parte, por perspectivas teórico-metodológicas que visam caracterizá-la como uma fase natural do desenvolvimento humano. Com base nesta naturalização, conforme afirma Oliveira (2006), enfocam-se os processos de desenvolvimento segundo critérios normativos, restringindo-se à prescrição de comportamentos e a mudanças físicas e hormonais.

É no bojo dessas considerações que se torna possível afirmar que os estudos, em geral associados aos jovens, em especial na América Latina, mantiveram seu foco de atenção e compreensão com base em considerações demográficas, biológicas e psicológicas. Contudo, nas duas últimas décadas, os enfoques sociológicos e políticos passaram a ganhar destaque, assim como outras contribuições advindas de perspectivas culturais e antropológicas (UNESCO, 2004).

Com o objetivo de contextualizar, mesmo que rápida e panoramicamente, a questão da juventude no campo das pesquisas científicas, trazemos para discussão algumas concepções oriundas da Psicologia que trataram o período da adolescência e da juventude, evidenciando as repercussões que tais ideias trouxeram para a visão atual a respeito dessa fase da vida. Em

relação ao campo das Ciências Sociais, podemos apontar questões concernentes à contextualização da juventude na sociedade contemporânea, partindo de teóricos que evidenciam a necessidade de outros olhares para a juventude, levando em conta não só os componentes biológicos e/ou psicológicos, mas que lance mão também dos aspectos vinculados ao contexto histórico, social e cultural.

Dentre os estudiosos do desenvolvimento humano, Erik Erikson (1902-1994) destacou-se nos campos da Psiquiatria e da Psicologia, ao dar ênfase em suas teorias o estudo sobre a adolescência, consagrando-se como referência e chamariz para estudos e compreensões posteriores.

Erikson propôs, com sua teoria da personalidade, ampliar, e não repudiar, os pressupostos freudianos, e oferecer outra forma de olhar os fenômenos humanos. Sua teoria estendia os estágios de desenvolvimento inicialmente formulados por Freud, incluindo a idade escolar, a juventude, a idade adulta e a velhice (FEIST; FEIST, 2008). Embora utilizasse a teoria freudiana como base para sua abordagem, Erikson distinguia-se de Freud em vários aspectos, entre eles, na ênfase dada aos fatores sociais e históricos, colocando-o na contramão dos postulados essencialmente biológicos da teoria freudiana. Conforme trazem Feist e Feist:

Para Erikson o ego existe como um potencial do nascimento, mas deve surgir em um ambiente cultural. Diferentes sociedades, com suas variações nas práticas educativas, tendem a moldar personalidades que se ajustem às necessidades e aos valores de sua cultura (FEIST; FEIST, 2008, p. 245).

Foi Erikson quem cunhou o termo “crise de identidade”, dando especial relevância ao período da adolescência, compreendendo-a enquanto transição entre a infância e a idade adulta. Considerando, de modo análogo a Freud, que cada etapa do ciclo vital corresponderia a um desafio – ou conflito – referente ao desenvolvimento psíquico e à construção da personalidade, Erikson compreendia que, durante a adolescência, a tarefa principal do indivíduo seria a de confrontar a crise de identidade e a confusão de papéis, de modo a tornar-se um adulto singular com uma percepção coerente do self e com um papel valorizado na sociedade (ERIKSON, 1968).

Desta forma, para o autor, a adolescência é o período que contempla o início da puberdade e se finda com o início da juventude. A adolescência é considerada um dos estágios de desenvolvimento mais importantes, tendo em vista que, no término dessa etapa, o indivíduo deve adquirir um senso estável de identidade. Erikson via a adolescência como uma fase de latência social, pois considerava ser neste momento que lhes seria permitido postergar

um comprometimento duradouro com uma ocupação, com um parceiro sexual ou com uma filosofia de vida adaptativa. Nesta fase, os jovens têm a opção de experimentar formas diferentes e de tentar novos papéis e crenças enquanto buscam estabelecer um senso de identidade (FEIST; FEIST, 2008).

No que se refere à identidade, Erikson compreendia que ela se formava à medida que os jovens solucionavam três questões: a escolha de uma profissão, a adoção de valores e o desenvolvimento de uma identidade sexual satisfatória. Ao alcançá-la durante a adolescência, as pessoas devem ser capazes de fundir sua própria identidade com a de outras pessoas, enquanto mantêm seu próprio senso de individualidade. No entanto, Erikson alertava para o fato de que a crise de identidade raramente seria resolvida de modo pleno na adolescência e início da juventude, pois questões referentes à mesma poderiam se manifestar repetidas vezes ao longo da vida (ERIKSON, 1968).

Tendo adquirido um senso de identidade, o adolescente adentra a juventude, na qual vivenciará a crise psicossocial da intimidade versus o isolamento. A intimidade era entendida por Erikson (1968) como a capacidade para fundir a própria identidade com a de outra pessoa, sem o temor de perdê-la, envolvendo compromisso e comprometimento nos relacionamentos. Já o isolamento seria a “incapacidade de assumir riscos em relação à própria identidade pelo compartilhamento de uma verdadeira intimidade” (ERIKSON, 1968, p. 137). Erikson também afirmava que a força básica da juventude se encontrava no amor, entendido enquanto devoção madura capaz de superar as diferenças básicas entre homens e mulheres. Embora o amor incluía intimidade, ele também contém certo nível de isolamento, uma vez que cada parceiro pode manter uma identidade distinta (ERIKSON, 1968; FEIST; FEIST, 2008).

Erikson buscou articular, no estudo do desenvolvimento humano, os aspectos biológicos e também sociais e culturais, na tentativa de superar visões fragmentadas em que prevaleciam apenas os componentes biológicos e/ou comportamentais. No entanto, podemos dizer que sua proposta não obteve grande êxito, uma vez que, ainda que sua intenção tenha sido integrar os componentes culturais e sociais em sua teoria, estes elementos permaneceram em segundo plano, e as características psíquicas e biológicas acabaram recebendo maior ênfase. Outras críticas tecidas sobre o trabalho do autor referem-se ao caráter etapista de sua perspectiva teórica, estabelecendo um padrão de como os indivíduos deveriam se desenvolver naturalmente, além da ideia da juventude enquanto um momento difícil, de crise e instabilidade (PÁTARO, 2011; BOCK, 2004). Assim, podemos afirmar que a perspectiva de Erikson reforçou uma compreensão de adolescência e de juventude enquanto fases difíceis do

desenvolvimento, influenciando, também, outros autores que, ainda hoje, recebem destaque no meio acadêmico, como veremos adiante.

De qualquer forma, suas ideias, novas para a época – meados do século XX –, trouxeram contribuições para o meio científico, inspirando novas concepções e teorias sobre o desenvolvimento humano. Compreendemos que toda teoria quando construída está circunscrita em um meio histórico e cultural, no qual são refletidas as formas pelas quais a sociedade se constitui e se autorrepresenta. Desta forma, entendemos que Erikson propôs uma teoria alternativa, mas que mesmo no seu tempo não deu conta de abarcar toda a complexidade que é a vida humana.

Erikson foi seguido por muitos autores, dentre os quais cabe destacar os estudos de Arminda Aberastury e Maurício Knobel. Knobel (1981), em suas pesquisas e experiências psicanalíticas, observou que os adolescentes que eram levados para tratamento, em sua grande maioria, tinham como queixa as condutas consideradas anormais dentro do próprio seio familiar. Assim, os adolescentes não sofriam de alguma psicopatologia, mas sim de uma concepção de anormalidade definida pela família e pela sociedade. Desta constatação, o autor elaborou o conceito de síndrome da adolescência normal, entendendo que o ser humano passa naturalmente, durante a adolescência, por desequilíbrios e instabilidades que a priori caracterizariam uma entidade semipatológica, na qual o indivíduo tem como objetivo fundamental a definição de sua identidade, assim como Erikson entendia (KNOBEL, 1981). Da síndrome da adolescência normal, observam-se as seguintes sintomatologias: 1- Busca de si mesmo e da identidade; 2- Tendência grupal; 3- Necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4- Crises religiosas; 5- Deslocalização temporal; 6- Evolução sexual; 7- Atitude social reivindicatória; 8- Contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta; 9- Separação progressiva dos pais, e; 10- Constantes flutuações de humor e do estado de ânimo (KNOBEL, 1981).

Knobel percebeu a contradição natural que seu conceito implica, uma vez que associa síndrome, que denota entidade clínica, com normalidade, que significa estar fora da patologia. Para ele,

devemos estar capacitados para observar a conduta juvenil como algo que aparentemente é seminormal ou semipatológico, mas que, entretanto, frente a um estudo mais objetivo, desde o ponto de vista da psicologia evolutiva e da psicopatologia, aparece realmente como algo coerente, lógico e normal (KNOBEL, 1981, p. 29).

Ainda de acordo com o autor, na adolescência ocorre a elaboração de três lutos fundamentais: luto pelo corpo infantil; luto pela identidade e pelo papel infantil e luto pelos pais da infância. A elaboração incompleta dos lutos ou a não elaboração de algum deles poderá desenvolver fixação ou exageros destes processos, que poderão ser identificados na conduta do indivíduo, podendo ser modificados mediante o tratamento psicanalítico (ABERASTURY et al., 1981; ROSENTHAL; KNOBEL, 1981).

Inúmeras críticas foram direcionadas às teorias de Aberastury e Knobel, dentre as quais cabe destacarmos a da psicóloga de abordagem sócio-histórica Ana Mercês Bahia Bock (2004). De acordo com Bock, na perspectiva de Aberastury e Knobel, o sujeito é entendido enquanto dotado de uma natureza. Sendo assim, a adolescência fica compreendida enquanto uma fase natural e conturbada do desenvolvimento humano, da qual todos deverão passar. Nesta concepção, a cultura, segundo Bock, aparece apenas como molde da expressão de uma adolescência natural com características universais e inatas.

Em contraposição às ideias de Knobel, a Psicologia de abordagem sócio-histórica nega o caráter natural da adolescência e da juventude, considerando-a enquanto construção social que tem suas repercussões na subjetividade e no seu desenvolvimento. Desta forma, Bock afirma que não há nada de patológico, assim como não há nada de natural neste período, pois a adolescência e a juventude devem ser compreendidas histórica e socialmente.

Ao apresentarmos tais compreensões oriundas de autores ligados à Psicologia, mesmo que de forma panorâmica, é possível estabelecer uma linha de pensamento que até hoje contribui para a forma como a juventude é vista e tratada pelo meio acadêmico. Se no campo da Psicologia tais concepções estiveram presentes desde meados do século XX, outros elementos advindos do campo das Ciências Sociais podem ser apropriados a fim de colaborar com as discussões que tematizam a questão da juventude.

No intuito de incorporarmos elementos culturais e históricos na compreensão da adolescência e da juventude, e de rompermos com as visões unicamente comportamentais e/ou biológicas, mencionamos o trabalho de Pierre Bourdieu (1983), que trouxe para o centro de suas indagações sociológicas a compreensão de que toda divisão entre idades é, por si só, arbitrária. Para Bourdieu, as classificações etárias, assim como por sexo, gênero e classe, equivalem sempre a impor limites e a produzir critérios pelos quais cada um deve se ater, manter-se em seu lugar. Em suas palavras,

Nada há aqui que não seja muito banal, mas que faz ver que a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o facto de se

falar dos jovens como de uma unidade social, de um grupo constituído, dotado de interesses comuns e de se referir esses interesses a uma idade definida biologicamente, constitui já uma evidente manipulação. Seria necessário pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes (BOURDIEU, 1983, p. 153).

As juventudes a que se refere Bourdieu exemplificam a necessidade de se analisar e comparar sistematicamente as condições de existência, o mercado de trabalho, as temporalidades, etc., a fim de compreender de qual jovem se fala. Isso porque cada jovem possui experiências, histórias de vida, anseios e até mesmo maturidades que não podem ser consideradas análogas.

Bourdieu traz para a compreensão do conceito de juventude um fator a mais de análise, qual seja, as condições e classes socioeconômicas em que se encontram os jovens, de modo que o termo juventude pode ser concebido no plural, enquanto juventudes. Outros autores (DAYRELL, 2003; TAVARES; CAMURÇA, 2004) também utilizam o termo juventudes, no plural, reconhecendo os diferentes modos de ser jovem na sociedade contemporânea. Com base em tal compreensão, Esteves e Abramovay (2007) salientam que a realidade social demonstra que não existe somente um tipo de juventude, na qual a idade seria o fator predominante, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo de múltiplas culturas e estratos socioeconômicos, formadas a partir de diferentes interesses e percepções, com distintas formas de inserção na sociedade. Assim sendo, é vivida de maneira heterogênea, segundo contextos e circunstâncias (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007; UNESCO, 2004).

Entretanto, é importante destacar que, histórica e socialmente, a juventude tem sido encarada e rotulada, com destaque para a literatura e os discursos midiáticos, como uma fase difícil da vida, marcada por instabilidades associadas a determinados problemas sociais (PAIS, 1990; ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007). Groppo (2004) ainda afirma que, na ânsia de reparar os males sociais concebidos ou preconcebidos, grande parcela da juventude é relegada à esfera do problemático, do doentio – a exemplo da síndrome da adolescência normal esboçada por Knobel –, o que resulta na incompreensão ou no impedimento de se compreender um pouco melhor esses sujeitos.

Tal constatação se evidencia pelo grande número de publicações, para além da ciência psicológica, nas quais as questões elencadas são, na grande maioria, aquelas que constituem os jovens como problemas (para si próprios e para a sociedade), trazendo para discussão e reflexão os temas da prostituição, da gravidez precoce, do uso de drogas, violência e comportamento delinquente, entre outros (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007). Sendo assim, é

importante destacar que a tematização da juventude pelo senso comum, e concordamos em parte com tal assertiva, apoia-se em representações construídas pelo pensamento acadêmico, propagadas pelos meios de comunicação, por atores políticos, agentes culturais e trabalhadores sociais (ABRAMO, 1997).

Em vista destas considerações, Abramo (1997) afirma que a juventude passa a ser concebida quase que caricaturalmente, como sendo uma categoria social para a qual se pode tomar atitudes de contenção, intervenção ou salvação, haja vista sua predisposição a fatores e comportamentos de risco, tendo como premissa a dificuldade de com ela estabelecer uma relação de troca e diálogo. Sendo assim, a juventude torna-se sinônimo de uma fase difícil e problemática da vida, como um momento em si próprio patológico, demandando cuidados e atenção concentrada.

Quanto a esta condição problemática e de transitoriedade/fase do desenvolvimento, Dayrell (2003, p. 40) afirma que o “jovem tem sido visto enquanto um ‘vir a ser’, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente”. Ao encará-lo enquanto transição da infância (o que já não mais é) para a vida adulta (o que ainda será), deixa-se de olhar para o sujeito que aí está. Desta compreensão, o jovem torna-se um nada enquanto contingência temporal.

Dayrell (2005) explica que o primeiro passo para um novo olhar sobre a juventude é reconhecer e lidar com o jovem como sujeito, o que implica percebê-lo como realmente é. É importante perceber que se trata de um indivíduo que, assim como qualquer outro, em diferentes momentos da vida, “ama, sofre, se diverte, pensa a respeito das suas experiências, interpreta o mundo, tem desejos e projetos de vida” (DAYRELL, 2005, p. 3). Desta forma, ressaltamos a necessidade de considerá-los enquanto interlocutores de suas próprias histórias, na perspectiva do protagonismo juvenil, tomando-os como parceiros na definição de ações que possam potencializar o que já trazem de experiências de vida.

Para tanto, e sem o intuito de fixar e estabelecer critérios rígidos para a definição e compreensão da juventude, entendemos que o elemento sociocultural influi com um componente específico nas manifestações da adolescência e da juventude, no entanto, em paralelo a essa expressão sociocultural, existe também um embasamento psicobiológico que garante aos jovens características universais que não podem ser desconsideradas. A UNESCO também alerta para a existência de elementos comuns a todos os jovens, uma vez que existem características que também são comuns, inclusive por influência da própria cultura de massas e do processo de globalização (UNESCO, 2004).

Sendo assim, entendemos que não devemos desconsiderar os diversos elementos que compõem a juventude, muito menos hierarquizar aspectos biológicos e socioculturais. Compreender a juventude não é tarefa simples e exige cuidado em sua definição conceitual, assim como no uso e manuseio dos instrumentos metodológicos. É isto que faz da juventude um momento tão singular na vida das pessoas. Conforme já mencionamos, a interdisciplinaridade chama para a importância de se atentar acerca dos diversos segmentos que compõem a juventude, e construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, como vimos a partir de alguns dos autores mencionados, considerá-la não mais por critérios rígidos, mas como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contorno específico no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social (DAYRELL, 2005; ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007, FERNANDES, 2007; TAVARES; CAMURÇA, 2004). Ainda nessa perspectiva, a juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem, pois assume importância em si mesma.

2.2 Juventudes e identidades

A construção de uma identidade não se dá única e especificamente na etapa da juventude, afinal ela é fluida e construída ao longo das diferentes etapas de nossas vidas. Sendo assim, pretendemos corroborar a visão sobre o conceito de identidade, revelando seu caráter processual e que pode melhor expressar o dinamismo e a multiplicidade das experiências juvenis.

Para Dayrell (1999), trabalhar com a noção de identidade suscita questões teóricas delicadas e variadas e uma delas é justamente a tensão existente entre campos disciplinares distintos, dificultando a compreensão sociológica do fenômeno, porque calcada em abordagens psicológicas focadas em estudos e compreensões intrapsíquicas. Desta forma, entendemos, assim como o autor, que nosso maior desafio é o de superar a visão determinista e bastante arraigada que compreende a identidade enquanto natural do ser humano (DAYRELL, 1999).

De modo geral, somos levados a entender a identidade como um traço que define o ser, uma característica estática e imutável do psiquismo dos indivíduos. Ito e Soares (2008) salientam que dessa visão, muito difundida entre o senso comum, emerge a ideia de que o ser humano pode reconhecer-se e descobrir a essência que caracteriza o seu verdadeiro eu. Esta compreensão surgiu por teorias subjetivistas como, por exemplo, a psicanálise, que teve em Erikson a definição de identidade como um senso interior de igualdade e continuidade, ou seja, uma representação de si que acompanha o sujeito ao longo do tempo e lhe dá a certeza

de saber quem é e para onde vai (ITO; SOARES, 2008; ERIKSON, 1968). Para Erikson, o senso de identidade deveria ser firmado ao final da adolescência. De forma análoga, para Aberastury e Knobel, também é nesta etapa da vida que a busca de si e de uma identidade surgem como sintomas daquilo que chamaram de síndrome da adolescência normal, como já apontado anteriormente.

Segundo Melucci (1996 apud DAYRELL, 1999), a construção da identidade é um processo que tem como ponto de partida a constituição biológica, mas em constante relação dialética com a dimensão cultural. Neste sentido, podemos falar de uma dimensão relacional que tem como eixo a alteridade. Para o autor, indivíduo e contexto se constituem reciprocamente, portanto um indivíduo não poderá construir a sua identidade independentemente da identificação que os outros possuem e relatam a seu respeito. O sociólogo Boaventura de Sousa Santos também contribui com tais considerações, afirmando que a identidade se traduz como uma síntese de identificações em curso. Para ele, a identidade só pode ser compreendida enquanto “resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação” (SANTOS, 1997, p. 135). Com visão aproximada à de Santos, o sociólogo francês Michel Maffesoli (1999) trabalha com a ideia de que, em um mundo pós-moderno, não existem várias identidades, porém identificações. Estas identificações ocorrem em torno do que ele chama de novos “totens”, objetos e/ou imagens, que se tornam motivo de agregação, legitimando agrupamentos em formas de novas tribos¹³. Para Maffesoli (1999), as identidades foram superadas por uma espécie de nomadismo representado senão pelas instabilidades das instituições.

Já para Antonio da Costa Ciampa (2005) – precursor dos estudos sobre identidade como categoria da Psicologia Social – sempre há a pressuposição de uma identidade, de modo que, mesmo que não tenhamos conhecimento sobre ela, presumimos sua existência. Para ilustrar, o autor se utiliza do exemplo do filho que será concebido:

Antes de nascer, o nascituro já é representado como filho de alguém e essa representação prévia o constitui efetivamente, objetivamente, como filho, membro de uma determinada família, personagem que entra na história familiar. Posteriormente essa representação é interiorizada pelo indivíduo, de tal forma que seu processo interno de representação é incorporado na sua subjetividade social, como filho daquela família (CIAMPA, 2005, p. 167).

No entanto, a representação prévia não é por si só suficiente, pois, depois do nascimento, o bebê se constituirá como filho na medida em que as relações nas quais estiver

¹³ Ver mais em Maffesoli (1998).

envolvido de fato confirmem essa representação, seja por meio de comportamentos que reforcem sua conduta como filho, seja na relação que é estabelecida no seio familiar. Dessa forma, a identidade do filho é consequência das relações que se dão, assim como é também condição dessas relações (CIAMPA, 2005). Para Hall (2011) o fato de internalizarmos os significados e valores do espaço que ocupamos, tornando-os parte de nós, contribui para ordenar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos do mundo social e cultural do qual pertencemos. Neste sentido, a identidade preenche o espaço interior e o exterior, em outras palavras, o mundo pessoal e o mundo coletivo e social dos indivíduos (HALL, 2011).

É de Ciampa (2005, p. 133) a tese de que a “identidade é metamorfose. E metamorfose é vida”. Para o autor, a construção da identidade se dá em um contexto que inevitavelmente é processo e é transformação, e estas influem na forma como as pessoas se constituem e se autorrepresentam. Desta forma – em perspectiva diferente da de Maffesoli –, não há como falar de uma identidade, e sim de várias identidades que compõe a complexa existência do ser humano, e quando nos referimos à existência, inevitavelmente nos referimos a uma vivência que é pessoal e subjetiva, mas ao mesmo tempo se insere e se constitui por um ambiente social, coletivo e objetivo. Sendo assim, o bebê, que acima mencionamos, não será para sempre e unicamente o filho pertencente àquela família, pois, ao longo de seu desenvolvimento, ele se relacionará com diferentes grupos, frequentará instituições diversas, terá desejos e elaborará projetos próprios que o levarão a reconhecer-se de diferentes maneiras.

Neste mesmo sentido e nas palavras de Castells (1999, p. 23), “a construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso”. Esses elementos são processados pelos indivíduos e grupos sociais que reorganizam seu significado por meio das tendências sociais e projetos culturais já apreendidos e enraizados em sua estrutura cognitiva e social, bem como em sua visão de tempo/espaço.

Aprofundando esta noção de que a sociedade e suas relações influenciam dialeticamente na construção das identidades, apoiemo-nos em dois sociólogos contemporâneos que têm contribuído decisivamente nessa discussão: o sociólogo polonês radicado na Inglaterra, Zygmunt Bauman e o sociólogo britânico Anthony Giddens. Ambos dedicaram livros exclusivamente ao tema da identidade e – mesmo que partindo de definições

distintas sobre a modernidade¹⁴ – consideraram-na como um dos problemas teóricos de maior relevância em uma sociedade globalizada. Nas palavras de Bauman (2005, p. 23), a identidade “é o papo do momento, um assunto de extrema importância e em evidência”.

Segundo Giddens (1991), historicamente, a modernidade refere-se a um modo de vida – costumes, comportamentos, consumo e organizações sociais – que emergiu na Europa no século XVII e rapidamente se espalhou pelo mundo. Para o sociólogo, existem quatro esferas institucionais que, juntas, constituem e fortalecem o que chamamos de modernidade. São elas: o capitalismo, o industrialismo, a vigilância e o poder militar. Estas esferas entrelaçadas permitem o que, a princípio, nos parece ser o projeto principal do advento da modernidade: o surgimento de uma economia capitalista mundial, que, em parceria com as demais esferas, trouxe mudanças radicais ao mundo e, obviamente, na forma como as pessoas se relacionam com este mundo (GIDDENS, 1991, 2002). Giddens enumera algumas das consequências que surgem destas transformações, dentre as quais destacamos: mudança da concepção de espaço e tempo (com a criação do relógio, dos calendários padronizados, das novas tecnologias e com a possibilidade de se deslocar pelo espaço em tempo reduzido, modificando as formas pelas quais as pessoas passaram a se relacionar, agora não mais e obrigatoriamente face a face) e a reflexividade das práticas sociais, que passam a ser examinadas e reexaminadas à luz da informação propagada pelos meios de comunicação e do conhecimento científico (GIDDENS, 1991, 2002).

Compartilhando da mesma noção de que a modernidade colocou o mundo em movimento, para Bauman (2008), uma de suas maiores consequências foi a de expor a fragilidade e a instabilidade das coisas, abrindo a possibilidade e também a necessidade de remodelá-las – assim foi com a construção da identidade. Em suas palavras, “a predestinação foi substituída pelo projeto de vida, o destino pela vocação – e a natureza humana na qual cada um nasceu foi substituída pela identidade que cada um precisa podar e adaptar” (BAUMAN, 2008, p. 181). Para Bauman nós, habitantes deste líquido mundo moderno,

Buscamos, construímos e mantemos as referências comuns de nossas identidades em *movimento* – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos

¹⁴ Segundo Zygmunt Bauman (2007), estamos diante do que ele denominou de “modernidade líquida”. Em uma sociedade líquido-moderna, as organizações sociais (que dão condições sob as quais agem os indivíduos) mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a sua própria consolidação. Já Anthony Giddens (2002) prefere falar em uma “modernidade tardia”, na qual as tendências globalizantes das organizações sociais são acompanhadas por transformações da vida social cotidiana, consequentemente provocando profundas implicações para as atividades e os projetos pessoais.

manter vivos por um momento, mas não por muito tempo. (BAUMAN, 2005, p. 32).

As identidades flutuam no ar, não têm a solidez de uma rocha, não são garantidas para toda uma existência, são negociáveis e revogáveis junto às decisões e escolhas feitas pelo próprio indivíduo. Os caminhos que percorre ao longo da vida e a maneira que age são fatores cruciais tanto para o pertencimento como para a identidade (BAUMAN, 2005).

Mais do que algo a ser descoberto, nesta sociedade líquido-moderna, a identidade é colocada como algo a ser inventada, como alvo de um esforço e/ou objetivo, como uma coisa que ainda precisa construir do zero ou escolher entre as possibilidades existentes e então lutar por ela (BAUMAN, 2005). Desta acepção, o autor se utiliza da metáfora do jogo de quebra-cabeça para explicar a identidade. Assim como no quebra-cabeça, a identidade é formada por peças, ou pedaços, no entanto, ao contrário do jogo comprado em uma loja de brinquedos, em que todas as peças estão presentes (nada está sobrando, tudo está preestabelecido) o quebra-cabeça da identidade só pode ser compreendido se entendido como incompleto, ao qual faltem ainda muitas peças. Neste sentido, enquanto um quebra-cabeça comum já pressupõe uma imagem final, na identidade, o sujeito precisa encaixar peças de várias imagens diferentes, por vezes conflitantes, e nunca alcançará um resultado unificado e coeso (BAUMAN, 2005).

Segundo o autor, neste admirável mundo novo e globalizado, em que as oportunidades são fugazes e as seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam. As identidades rígidas a que Bauman se refere estão articuladas ao conceito de nacionalidade. Segundo o autor, o Estado buscava a obediência de seus indivíduos representando-se como a concretização do futuro da nação e a sua continuidade, da mesma forma que uma nação sem Estado estaria destinada a ser insegura sobre seu passado, incerta sobre seu presente e duvidosa de seu futuro, e assim fadada a uma existência precária.

Para exemplificar, Bauman relembra um cartaz publicitário espalhado pelas ruas de Berlim em 1994, em que os indivíduos são descritos pelos bens que consomem, que, por sua vez, são expressões de diversas culturas do mundo, ou melhor, das identidades nacionais: “Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, arábicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro” (BAUMAN, 2005, p. 32). Cabe ressaltar que, em uma era globalizada como a nossa, o Estado já não tem mais o poder ou o desejo de manter uma sólida e inabalável união com a nação, desta forma, hoje, mais do que uma identidade calcada no lugar

em que se nasce, é também caracterizada pelo cargo ou ocupação exercido, pelas atitudes, comportamentos, relações, escolhas, entre outras.

Fazendo esta correlação entre a organização das sociedades de ontem e hoje, Giddens (2002) menciona que as mudanças na vida dos indivíduos sempre demandaram a reorganização psicológica e social, algo que era frequentemente ritualizado nas culturas tradicionais em formato de ritos de passagem. A mudança de identidade, nesses casos, era claramente indicada e visível: como quando um indivíduo saía da adolescência para a vida adulta; quando se casava; quando se tornava pai ou mãe; quando assumia uma ocupação, etc. Já nos ambientes da modernidade, como afirma Giddens (2002), cultiva-se as potencialidades individuais, oferecendo ao indivíduo uma identidade móvel, mutável. Nesse sentido, o eu modificável tem que ser explorado e construído como parte de um processo reflexivo, já que se descortina ao indivíduo um mundo de diversidade, possibilidades e escolhas. Este processo reflexivo diz respeito, portanto, a um ambiente cada vez mais constituído de acesso a informação, em que o indivíduo sente-se obrigado a viver realizando escolhas contínuas entre uma infinidade de possibilidades que, por sua vez, passam a compor a sua narrativa de identidade, sempre passível a revisão e mudança (GIDDENS, 2002).

Assim como Giddens, Stuart Hall (2011) usa o conceito de modernidade tardia para designar a sociedade que vive de constantes mudanças se comparada às sociedades tradicionais, as quais mantêm símbolos, tradições, venera o passado e perpetua as experiências geracionais. Desta concepção, afirma que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2011, p. 7).

Cabe aqui evidenciarmos, assim como Giddens (2002), o processo inerentemente contraditório que se descortina com o que ele chamou de advento da modernidade. Ao mesmo tempo em que o rompimento, mesmo que parcial, de uma ordem tradicional promove a autonomia pessoal, também retira do indivíduo uma sensação de firmeza das coisas – a liquidez da qual tanto fala Bauman –, podendo constituir-se em grande fonte de ansiedade e angústia. Neste sentido, pode-se dizer que a modernidade afasta-se do referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-a por organizações muito maiores e impessoais. Assim, “o indivíduo se sente privado e só num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança, oferecidos em ambientes mais tradicionais” (GIDDENS, 2002, p. 38).

Em outras palavras, o que passa a ser fonte de ansiedade e incerteza não é tanto como se encontrar em um lugar de uma estrutura sólida (de uma classe ou categoria social), mas, tendo-a encontrado, como preservá-la. Bauman (2008) afirma que o que nos deixa preocupados é a suspeita de que essa identidade encontrada e conquistada com tanta dificuldade seja logo desfeita ou derretida, e tenhamos que novamente nos reinventar.

Mesmo que com conceitos e concepções próprias, os autores que aqui utilizamos nos fornecem uma visão ampla e ao mesmo tempo próxima sobre a constituição das múltiplas identidades na contemporaneidade. É possível afirmar que há concordância de que a identidade é construída social e culturalmente, podendo ser caracterizada por sua transitoriedade/fugacidade. Giddens (2002), Bauman (2008), Castells (1999) e Hall (2011) nos dão subsídios para entender sua efemeridade enquanto uma das consequências do advento da modernidade, na qual as pessoas precisam a todo o momento se adaptar às rápidas mudanças da sociedade. Neste sentido, aumentam-se as sensações de insegurança e risco perante estruturas cada vez mais líquidas. Ciampa (2005) e Melucci (apud DAYRELL, 1999) também cooperam ao afirmar que as identidades transformam-se ao longo do tempo e das vivências individuais e coletivas dos sujeitos e, Santos (1997) e Maffesoli (1999) consideram-na como síntese de identificações – também transitórias e fugazes.

Acreditamos que essa discussão em torno da forma como as identidades se constituem é de extrema importância em um momento em que sua noção se confunde com uma característica inata, própria do ser humano e, principalmente, quando sua constituição é, geralmente, delegada à juventude. É justamente na etapa da juventude, conforme nossas observações, que ocorre uma pressão social no que se refere à sua constituição identitária. Na ânsia de vê-los tornarem-se sujeitos adultos ativos e produtivos (como se não o fossem, mesmo que enquanto jovens), algumas perguntas passam, repetidamente, a fazer parte do cotidiano juvenil: quem é você? O que você quer para a sua vida? Qual profissão escolher?

É por este motivo que vemos a questão da identidade tão presente nos estudos e compreensões sobre a juventude, mas, como pudemos observar, ela não é específica e nem se concretiza nesta etapa da vida. Quem dera os jovens fossem informados que questões e incertezas referentes à sua constituição se farão presentes em toda a sua biografia pessoal! Para entender na prática tudo o que teoricamente foi discutido neste tópico, e com isso compreender melhor os anseios relatados pelos jovens que participaram da pesquisa, bastaria de início nos perguntarmos: Quem nós somos?

2.3 Juventudes e projetos de vida

Algumas áreas do conhecimento discutem atualmente a noção de projeto, comungando da mesma compreensão de projeção, antecipação do futuro (ALVES, 2013), de modo que tal constatação nos permite afirmar sobre a multidisciplinaridade do termo.

Em “A antropologia do projeto”, Jean Pierre Boutinet (2002) analisa a categoria projeto a partir de uma perspectiva multidisciplinar, já que, mais do que um simples conceito, tal categoria configura-se como um regulador cultural. Neste sentido, o autor considera importante analisar o lugar e as diferentes funções do projeto em uma determinada cultura, haja vista se tratar de uma referência simbólica significativa nas sociedades contemporâneas (BOUTINET, 2002).

Para Boutinet (2002), o termo projeto surge já no século XV, com a conotação de perspectiva, de lançar-se para frente, embora ainda não utilizado no sentido amplo e multidisciplinar de hoje, cuja compreensão passa a ser assimilada somente a partir do século XIX. A história do conceito tem sua origem na Arquitetura, embora tenha ganhado lugar de destaque nas produções filosóficas da primeira metade do século XX, que tinham no conceito de intencionalidade seu embasamento maior (ALVES, 2013; BOUTINET, 2002).

Nas palavras de Nilson José Machado (2000, p. 5), o projeto pode ser entendido “como esboço, desenho, guia da imaginação ou semente da ação [...] significa sempre a antecipação de uma ação, envolvendo uma referência ao futuro”. Assim Machado compreende o projeto, atentando para a existência de três elementos que considera fundamentais: a referência ao futuro, a abertura para o novo e a indelegável ação projetada. Em outras palavras, um projeto é a antecipação de uma ação, envolvendo o novo em algum sentido, no entanto, uma ação que será concretizada pelo sujeito que projeta, tanto de forma individual como coletiva. Sobre a referência ao futuro, Machado (2000, p. 6) ainda alerta que “não se faz projeto se não há futuro – ou não se acredita haver; simetricamente, sendo a realidade uma construção humana, pode-se afirmar também que o futuro não existe – ou não existirá – sem nossos projetos”.

Ainda segundo o autor, não há nada mais caracteristicamente humano do que a capacidade de ter e fazer projetos. Constantemente buscamos a antecipação de um futuro que mantemos em aberto, definimos as metas a serem perseguidas e lançamo-nos para frente, intentando alcançá-las. Desta forma, agimos sobre a realidade vivida por meio de nossas escolhas, buscando transformá-las no sentido de nossas aspirações (MACHADO, 2000).

O conceito de projeto também é considerado central no existencialismo sartreano, uma vez que, para o filósofo, todo indivíduo é originariamente projeto (SARTRE, 1997). Para ele,

o projeto se caracteriza pela busca do sujeito em realizar plenamente o seu ser, considerando que o indivíduo está sempre em direção ao seu futuro. Daniela Ribeiro Schneider (2011), endossando a perspectiva de Sartre, entende que não existe sujeito sem projeto, pois o indivíduo, ao lançar-se no mundo, persegue um fim, mesmo que não tenha clareza de qual é ele. Em cada posicionamento, em cada atitude, existe uma significação que o transcende, cada escolha concreta designa uma escolha fundamental, ou melhor, a realização do seu projeto de ser (SCHNEIDER, 2011).

Destas constatações, Schneider orienta que, cada vez que a realidade humana desemboca no futuro, ocorre uma decepção ontológica, haja vista que o futuro não se deixa alcançar. Quando nele chegamos, já é passado! Desta forma, e nas palavras de Schneider, o futuro não acontece, entretanto o que se realiza é um indivíduo voltado para o futuro e que se constitui em relação com esse futuro. Portanto, cada vez que atingimos um objetivo com sucesso, nos lançamos em busca de novos projetos que deem novos sentidos à nossa existência. Isto quer dizer que o indivíduo não se totaliza, não se completa, ele é sempre uma totalização em curso, uma busca incessante de realização. O ser do sujeito é, assim, um eu-no-horizonte, ou seja, um sujeito inscrito em um campo de possibilidades de ser (SCHNEIDER, 2011).

Nesse mesmo sentido, Gilberto Velho (2003) salienta que o projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significado à vida, às ações dos indivíduos e à própria identidade. Nessa perspectiva, assim como o futuro é o espaço para a construção de um projeto de vida, é também espaço para a definição de si, haja vista que, projetando a ação futura, projeta-se também, paralelamente, quem se pretende ser. O futuro constitui hoje, mais do que nunca, o espaço do devir, mas, ao mesmo tempo, com uma indeterminação expressa, é também promotor de inseguranças, conforme veremos mais adiante (LECCARDI, 2005).

Em consonância, Velho (2003) afirma que, na constituição da identidade social dos indivíduos, a memória e o projeto individuais são fundamentais. Para ele, são visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo no mundo, suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura, na sucessão de etapas de sua trajetória de vida. Cabe ressaltar que um projeto não é um fenômeno naturalmente interno, subjetivo, pois acontece e é elaborado dentro de um campo de possibilidades que inevitavelmente estão circunscritas histórica, social e culturalmente, tanto em termos da noção do próprio indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes (VELHO, 1997). É neste sentido que projeto e identidade são elementos que se influenciam mutuamente. Se o projeto de vida remete a um tempo futuro (implicando um movimento temporal), falar de projeto é

fazer referência a uma possibilidade de ser aquilo que se planeja, ou seja, de adquirir identidades futuras. Da mesma forma que ao obter uma auto identidade, fica mais fácil a elaboração de um ou mais projetos de vida, pautados no autoconhecimento.

Vale mencionar que, como as pessoas mudam, transformam-se ao longo de sua existência, o mesmo acontece com os projetos, como também é possível afirmar que as pessoas mudam através de seus projetos. Aqui novamente retomamos a ideia de identidade e projetos em intrínseca relação, retomando a noção de Ciampa (2005, p. 38) de que “o humano é sempre uma porta abrindo-se em mais saídas”, ou seja, os indivíduos se configuram sempre como um vir a ser, pela sua constante metamorfose, e isso se dá, da mesma forma, na constituição de projetos de vida. De acordo com Velho (2003), a transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente, pois os acontecimentos históricos, as aprendizagens, a globalização e a fragmentação da sociedade contemporânea introduzem novas dimensões que põem em xeque todas as concepções de identidade social e consistência existencial (VELHO, 2003). Desta forma, é possível constatar que Gilberto Velho e Daniela Schneider se aproximam quando endossam que os projetos mudam, podem ser substituídos por outros ou sofrer transformações ao longo da existência dos indivíduos. Velho (2003) ainda afirma que o mundo dos projetos é fundamentalmente dinâmico, tendo em vista que os sujeitos têm uma biografia e vivem no tempo e na sociedade, ou seja, encontram-se relacionados à ação de outros indivíduos e às mudanças sócio-históricas. Sendo assim, devemos ter como premissa que o projeto de vida é uma categoria que contempla a dinâmica subjetiva, sócio-histórica e cultural, bem como o movimento de construção das identidades (MANDELLI; SOARES; LISBOA, 2011).

Com uma terminologia diferenciada, mas tratando do mesmo tema, o psicólogo norte-americano William Damon (2009, p. 53) utiliza o termo projeto vital para designar a “intenção estável e generalizada de alcançar algo que é ao mesmo tempo significativo para o eu e gera consequências no mundo além do eu”. Para Damon, a noção de projeto vital pode ser considerada uma espécie de objetivo, entretanto com maior alcance, sendo mais estável do que objetivos simples e comuns, rotineiros. O autor ainda ressalta que o projeto auxilia na busca pessoal de um sentido de vida, indo além do aspecto individual, entendendo que o projeto implica também no desejo de fazer diferença no mundo.

Nesse sentido, Damon (2009) entende que, ainda que alguns jovens possam ter aspirações claras para seu futuro, sendo fortemente motivados, perseverantes e criadores de planos para atingir suas ambições, muitos são aqueles que se encontram confusos, sentindo-se sem rumos diante das escolhas que terão de fazer ao chegarem à idade adulta. Desse modo,

Damon (2009) expõe a importância dos jovens gastarem certo tempo de suas rotinas examinando a si próprios, conhecendo-se, pensando no futuro e procurando as oportunidades que correspondam com seus interesses e ambições. Para muitos jovens, um período prolongado de exploração e reflexão durante a adolescência pode ser necessário para estabelecer uma autoidentidade satisfatória e um rumo positivo na vida (DAMON, 2009).

No que se refere especificamente à constituição de projetos na e da juventude, Dayrell (2005) afirma que um projeto se realiza na junção de duas variáveis. A primeira diz respeito à identidade, ou seja, quanto mais o jovem se conhece, experimenta as suas potencialidades individuais, descobre o seu gosto e aquilo que sente prazer em fazer, maior será a sua capacidade de elaborar o seu projeto de vida. A segunda diz respeito ao conhecimento da realidade, ou seja, quanto mais o jovem conhece a realidade em que se insere, compreende o funcionamento da estrutura social com seus mecanismos de inclusão e exclusão e tem consciência do seu campo de possibilidades, maiores serão as chances de elaborar e de implementar o seu projeto.

Vale ressaltar que são muitas as pesquisas que têm demonstrado que o projeto de vida dos jovens comumente tem sido associado a trabalho/emprego, aquisição de bens e construção de família, correlacionados por elementos centrados na melhoria da qualidade de vida (MANDELLI; SOARES; LISBOA, 2011; ALVES, 2013; DAYRELL, 2005; OJALA, 2008; WELLER, 2014).

Desta constatação, Alves (2013) também verificou em sua pesquisa¹⁵, que a maioria dos jovens que se encontravam perdidos ou inseguros com o futuro também não tinha uma clara definição de qual profissão seguir. Porém, mais do que relacionar projeto somente à profissão, Alves notou que o projeto fundamental daqueles jovens era tornar-se alguém na vida, o que, para eles, implica em ser reconhecido, ter o respeito da sociedade, ser valorizado. Para tanto, estes jovens demonstraram ter clareza de que a inserção no mundo laboral é muito importante, entretanto, questões como casar, constituir família, saber se posicionar sobre assuntos como política, drogas, orientação sexual, terminar o ensino médio e continuar ou não uma trajetória acadêmica, entre outros, estiveram presentes no discurso dos jovens em toda a investigação.

Da mesma forma, na pesquisa “Projeto de futuro dos jovens universitários no Distrito Federal: um estudo de caso”, Raisa Ojala (2008) observa que o espaço universitário no qual os jovens estão inseridos influencia na construção de projetos de caráter profissional, tendo

¹⁵ “Ser alguém na vida. Condição juvenil e projeto de vida de jovens moradores de um município rural da microrregião de Governador Valadares – MG”.

em vista estarem diariamente envolvidos com questões voltadas para o mundo ocupacional. Desta forma, além dos projetos de construção familiar, os projetos profissionais foram mencionados como forma de estabilidade e bem estar.

Consideramos fundamental entender que por mais que o termo projeto por si só indique um tempo futuro, existe uma dinâmica temporal que está presente em sua constituição. Alves (2013) afirma que as narrativas biográficas envolvem passado, presente e futuro, e estas, por sua vez, compõem e dão embasamento aos projetos de vida. Neste mesmo sentido, os projetos dos jovens não podem ser analisados apenas na sua perspectiva futura ou em seu resultado final quando alcançados, “mas na relação que esse futuro almejado guarda com o presente vivido e com o passado experimentado” (ALVES, 2013, p. 140).

Schneider (2011) afirma que a experiência cotidiana (presente) sustenta-se em antecipações (futuro) e recordações (passado). Segundo a autora, a perspectiva existencial do indivíduo se caracteriza por ser resultante de três dimensões da temporalidade que não existem isoladas: passado, presente e futuro. O passado é implicado constantemente pelo futuro, na medida em que quando lá, em outro momento de sua vida o sujeito desejou ser alguém, já tinha um projeto definido ou em constituição – inversa e proporcionalmente o futuro reinvoca este passado. Nesta relação dialética, observamos que o presente se configura como pertença no mundo (SARTRE, 1997), reflexão e, ainda, plano de ações e de passagem a se concretizarem no futuro, “assim, sou meu passado (que é o que é) e meu futuro (que não é ainda) enquanto presença no mundo” (SCHNEIDER, 2011, p. 126). Nas palavras de Boutinet (2002, p. 77-78) “todo projeto, por meio da identificação de um futuro desejado e dos meios próprios para fazer com que aconteça, estabelece certo horizonte temporal no interior do qual evolui”. Desta forma, entende-se consensualmente que o projeto é construído ao longo da trajetória pessoal e coletiva de cada indivíduo.

Partimos do pressuposto, em nossa pesquisa, de que a compreensão do termo projeto torna-se fundamental na análise da constituição de projetos de vida na juventude, uma vez que, conforme já mencionamos, esta é uma etapa da vida que assume características próprias, mas que também configura um momento de conhecimento de si e de definições perante o futuro. Portanto, este retomado teórico de autores de diversas áreas do conhecimento e que trabalham com o conceito de projeto possibilita o cruzamento de ideias e noções multidisciplinares que, conforme pudemos observar, convergem no que diz respeito à ideia de projeção e antecipação do futuro¹⁶.

¹⁶ Nem todos os autores partiram da mesma terminologia, como nas passagens em que mencionamos os projetos de vida (ALVES, 2013; DAYREL, 2005), projetos de futuro (OJALA, 2008) e projetos vitais (DAMON, 2009).

Faz-se importante destacar, assim como fez Alves (2013), que não utilizamos a ideia de projeto de vida “para nomear de forma fechada e arbitrária as manifestações dos jovens sobre suas perspectivas de futuro, mas para interpretar o modo como esses sujeitos se posicionam diante da necessidade de assumirem autonomamente seus processos de construção de futuro” (ALVES, 2013, p. 145). Concordamos com Melucci (1997), quando afirma que é a partir da adolescência que o sujeito torna-se capaz de enxergar as mudanças que lhe estão ocorrendo, e, portanto, torna-se capaz também de projetar-se no futuro e compreender a si mesmo. Nas palavras do autor, “a adolescência é a idade em que a orientação para o futuro prevalece e o futuro é percebido como apresentando um maior número de possibilidades” (MELUCCI, 1997, p. 9). Com isso não estamos querendo dizer que é somente na juventude que questões concernentes ao futuro são apresentadas ao indivíduo, mas sim, com grande frequência e intensidade.

Feitas tais considerações e compreendendo que os projetos dos jovens constituem-se dentro de um campo de possibilidades gestadas no contexto social, assim como no decorrer das trajetórias pessoais e coletivas, depositaremos ênfase às participações e representações político-religiosas dos jovens na atualidade, enquanto caminhos possíveis de engajamento social e, por efeito, promotor e constituinte de identidades e projetos de vida.

2.4 Articulações entre juventude, religião e política

Compreendemos que o discurso comumente proferido pelo senso comum de que política e religião não se misturam, ou que não devem ser discutidas, dissolve-se em um campo social no qual observamos tanto vertentes religiosas alimentando sectarismos e fundamentando embates políticos e econômicos, como Estados laicos se relacionando com múltiplas expressões religiosas que adentram pelo campo da cultura e da política, permitindo que valores e símbolos religiosos frequentem cada vez mais o espaço público (NOVAES, 2012). A presença de tais símbolos realimenta o debate sobre o papel e a influência que as religiões ainda exercem em nossa sociedade.

Neste sentido, tem-se percebido o surgimento, com maior frequência, de agentes seculares que estabelecem relações de cumplicidade com instituições religiosas. Para Burity (2008), este fato pode ser compreendido no bojo dos questionamentos sobre como e em que medida vem ocorrendo a sensibilização para questões e demandas culturais no contexto das

Acreditamos que o conceito de projeto de futuro não seja adequado, haja vista que *projeto* por si só remete ao futuro. Desta forma, assumimos a noção de projeto de vida, por entendermos que se ajusta melhor à própria ideia de estabelecimento de objetivos futuros para a vida e que abarcam a dinâmica intersubjetiva, sócio-histórica e o movimento de construção das identidades juvenis.

políticas e dos projetos sociais e como o campo religioso é ao mesmo tempo afetado por eles e participante ativo em suas transformações. Sendo assim, os campos da religião e da política se inter cruzam no campo da convivência civil, atuando juntos nos projetos e ações de setores governamentais responsáveis pela formulação de políticas públicas.

Desta relação entre religião e política, buscamos compreender de que forma estes campos também se inserem e pertencem ao cotidiano juvenil, seja por meio de participação ativa e institucional, seja por novos tipos de pertencimento e engajamento, constituindo-se enquanto variáveis socioculturais de influência na definição e constituição dos jovens e seus projetos de vida.

Dentre as características da representação socialmente compartilhadas no meio acadêmico sobre a juventude, encontram-se aquelas relacionadas à sua participação social e política. Os jovens são, muitas vezes, vistos como portadores da esperança, do desejo e da ânsia por justiça e por projetos de transformação da sociedade (MORAES et al., 2010). No entanto, exemplos contrários a essa representação, como a dos jovens indiferentes à experiência política, evidenciam a dificuldade de se pensar em uma identidade juvenil, portadora de utopias sociais, de desejo de justiça e de projetos de transformação do status quo. Observa-se, portanto, uma ambiguidade: ao mesmo tempo em que os jovens são vistos como portadores da rebeldia e do desejo de mudança, outras características atribuídas a eles, como alienação, consumismo e individualismo, desvalorizam o seu potencial de participação ativa na sociedade (MORAES et al., 2010). Daí, talvez, uma vez mais, a precaução em não se trabalhar com categorias amplas e genéricas sobre juventude, que, acima de tudo, não consideram a dimensão empírica oriunda dos contextos sociais investigados.

Ainda no rol das relações entre juventude e política, parte da literatura vem indicando um distanciamento por parte dos jovens do que se compreende tradicionalmente pela participação política, especialmente daquela atrelada à institucionalidade do Estado. Neste sentido, Ribeiro (2004) constata que atualmente a participação política dos jovens não tem chamado tanta atenção como no passado recente da história brasileira. Ao relembrar fatos e manifestações históricas que tiveram nos jovens seu protagonismo central – como a marcha dos cem mil (1968), o movimento das diretas já (1983-1984) e o movimento dos caras pintadas (1992) – a primeira imagem que vem a mente é a das passeatas na rua, servindo ao imaginário social como referência de como os jovens devem atuar perante a sociedade, ou mesmo como um bom exemplo de juventude engajada (RIBEIRO, 2004; MOREIRA; BARBOSA, 2010; GROppo; ZAIDAN FILHO; MACHADO, 2008).

Abramo (1997) menciona que, das comparações feitas entre a juventude de décadas anteriores e da juventude atual, surge uma preocupação, por parte de atores e agentes sociais, responsáveis por projetos destinados à juventude, que vem acompanhada de um diagnóstico que identifica, nos jovens, o desinteresse pela política e pelas questões sociais. Tal desinteresse é visto como resultado da acentuação do individualismo e do pragmatismo que se destacam como tendências sociais crescentes, tornando os jovens pré-políticos ou quase que inevitavelmente apolíticos.

Concordamos com os autores de que a juventude de hoje, se comparada com a do passado recente da história brasileira, parece transparecer pouco interesse por questões políticas e sociais, sobretudo daquelas institucionalizadas, no entanto chamamos a atenção para o fato de que o possível desinteresse dos jovens, assim como as diferentes maneiras pelas quais eles tem se inserido atualmente na esfera pública, indica um quadro de crise das formas tradicionais de participação e socialização política. Neste sentido, ao focar o problema da “apatia política” nos jovens, deixa-se de perceber que “a crise de participação cidadã é um fenômeno social ampliado que atinge todas as faixas etárias da população” (IBASE/POLIS, 2005, p. 8) e merecem análises e interpretações sobre o que de fato vem ocorrendo com a política (a pergunta não seria o porquê os jovens estão desinteressados, mas o que tem feito a política parecer pouco interessante).

Na contramão do discurso que deposita nos jovens o desinteresse pela política, no ano de 2005 o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE) e o Instituto Polis publicaram o resultado da pesquisa “Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas”¹⁷, ajudando a desmistificar essa apatia da juventude. Dentre os resultados alcançados, notou-se a presença de jovens em outros tipos de ações coletivas em torno de diferentes experiências sociais participativas. Constatou-se também que grande parte dos jovens deseja participar, entretanto, não sabem ao certo de que forma fazê-lo. Ademais, as formas de participação da sociedade civil são percebidas como muito distantes da realidade cotidiana dos jovens investigados, interditando ou excluindo-os da participação (IBASE/POLIS, 2005).

Consideramos ainda, que deste imaginário e discurso, muito difundidos nos meios midiáticos, há que se tomar certo cuidado, haja vista que as generalizações sobre a apatia

¹⁷ A investigação teve como finalidade subsidiar novas políticas, estratégias e ações públicas voltadas para os jovens e realizou-se a partir de duas abordagens metodológicas: a primeira caracterizou-se por um levantamento estatístico por meio da aplicação de questionário em amostra do universo (8000 jovens) buscando caracterizar seu perfil e diferentes formas de participação e percepção sobre o tema; a segunda de caráter qualitativo desenvolveu Grupos de Discussão (913 jovens). Os participantes pertenciam a sete regiões metropolitanas (Belém, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo) e no Distrito Federal.

juvenil são intensificadas pela insuficiência de pesquisas que permitam com alguma precisão apreender e interpretar as situações pelas quais os jovens expressam processos de desinteresse, ou mesmo indicam novas práticas de participação que já pertencem ao seu cotidiano, ou daquelas em que aceitariam se envolver (IBASE/POLIS, 2005).

No rol destas considerações devemos relembrar que em junho de 2013 um grande número de pessoas se envolveu em manifestos que tinham como força base a atual situação política do país. Mesmo que com a participação de diferentes segmentos sociais, mais uma vez quem assumiu o protagonismo central das manifestações foi a juventude, o que realimenta o debate, tão atual no nosso ponto de vista, sobre o engajamento dos jovens em causas políticas e sociais.

As manifestações foram desencadeadas primeiramente em São Paulo pelo Movimento Passe Livre, tendo como principal reivindicação a diminuição da tarifa do transporte público. Esta indignação foi o estopim para o surgimento de tantas outras: pela qualidade dos serviços públicos de saúde, pela melhoria na qualidade das escolas e universidades públicas, contra a realização de megaeventos esportivos no Brasil – como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 – contra a corrupção na política, etc. O que chamou a atenção nesses eventos foi a pluralidade de pessoas e causas, assim como a ausência de organizações partidárias. Mais recentemente, em novembro de 2015 no Estado de São Paulo, um grande quantitativo de jovens ocupou aproximadamente 182 escolas contra a proposta de reorganização escolar do governador Geraldo Alckmin¹⁸. As manifestações que foram intensas, inclusive com confronto da Polícia Militar, cessaram quando o governador voltou atrás na sua decisão.

Moreira e Santiago (2013) mencionam que, em virtude das conquistas democráticas das últimas décadas, a rua deixou de ser um espaço de ação política, tendo nos espaços institucionais (partidos, conselhos, plenários, etc.) maior participação da sociedade civil. Portanto, especificamente as manifestações de junho de 2013, caracterizaram-se enquanto um movimento que trouxe novidades para o cenário político, por desencadear novas formas de ação sociopolítica, tendo as redes sociais como uma das principais fontes de mobilização cidadã. No entanto, por falta de focos específicos, as ações se enfraqueceram rapidamente e muitos dos que agregavam às manifestações não sabiam ao certo porque estavam nas ruas.

Um ano após as manifestações de junho, o sociólogo francês Michel Maffesoli esteve no Brasil para participar de um ciclo de conferências na Universidade do Vale do Rio dos

¹⁸ A proposta previa o fechamento de mais de 90 escolas, além da divisão das escolas em ciclos, separando alunos do Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio em unidades diferentes.

Sinos (Unisinos) em São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Nesta ocasião, concedeu entrevista para o jornal de circulação estadual Zero Hora¹⁹, afirmando ser o Brasil um laboratório da pós-modernidade, no qual se podem observar as nuances de um mundo em transformação. Referindo-se às manifestações sociais e juvenis, o sociólogo asseverou que elas assumiram um caráter diferente na pós-modernidade (não somente no Brasil). Para ele, parece que as pessoas se unem não para transformar o mundo, mas para justamente sentirem-se unidas em torno de causas próximas. Em suas palavras, a participação em manifestações, “não são mais preocupações políticas, uma busca de uma sociedade perfeita, mas essa ideia de tribo, de estar junto em busca de algo” (MAFFESOLI, 2014). E mais,

Há uma diferença fundamental entre a ação política, com uma finalidade, e a explosão, como vimos, que é momentânea. Por um momento, há a marcha e seus efeitos. Isso tem uma finalidade, é pontual e tem consequências. Mas há uma diferença entre as mobilizações que tínhamos antes e as de hoje. Na pós-modernidade, elas são muito intensas e diferentes entre si, mas, ao mesmo tempo, são muito efêmeras (MAFFESOLI, 2014).

Coadunando com o pensamento de Maffesoli, a imagem que se tem dos jovens hoje é a de que “a ênfase parece estar em outras relações, mais grupais, menos totalizáveis, de vínculos que vão e vêm, de experiências” (RIBEIRO, 2004, p. 32).

Segundo Lucia Rabello de Castro²⁰, a infinidade de bandeiras e reivindicações nas manifestações colocaram uns em um espectro e outros, em outro. De um lado, aqueles que manifestavam por causas nazistas, fascistas, homofóbicas, e de outro, aqueles tantos que entoavam bandeiras de direito à cidade, à educação, à saúde, tentando problematizar a questão do gênero, da desmilitarização da polícia, da criminalização da juventude, etc. Segundo a autora, a dificuldade de transversalizar essas pautas em busca de um objetivo comum é o principal problema das manifestações ocorridas em junho de 2013, uma vez que, estando cada um no seu canto, entoando a bandeira que mais lhe convém, a luta perde forças e pode se dissipar. A autora ainda sustenta a hipótese que alguns cataclismos venham a acontecer, fazendo com que as pessoas saiam do comodismo e consigam pensar e se unir em busca de causas comuns (SERAFIM; BONINI, 2015).

Na esteira da ideia de novas formas de envolvimento e participação sociopolítica, Castro (2008) discute as possibilidades de ação engajada e seu sentido político frente à

¹⁹ Ver entrevista completa em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/04/o-sistema-educacional-nao-funciona-mais-diz-michel-maffesoli-4473443.html>

²⁰ Em entrevista concedida às pesquisadoras Thaís Serafim dos Santos e Lara de Fátima Grigoletto Bonini em abril de 2015. Para acessar o conteúdo completo: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/view/762>

aparente inércia e apatia dos jovens de hoje em relação à política, fazendo repensar sobre o que de fato venha a ser a participação política. De acordo com a autora, esses mecanismos estabelecidos nas formas de representação política de partidos e agremiações parapolíticas – organizações estudantis, sindicatos, etc. –, insistem na maneira tradicionalmente conhecida e legitimada de se fazer política, chamando os jovens a imbuírem-se de uma bandeira e posição de luta na busca da transformação do país. Ainda de acordo com Castro, atualmente é possível observar o surgimento de novas estratégias de participação e engajamento político dos jovens. Essas formas de envolvimento social enveredam por caminhos diversos, sejam os da política institucional, sejam os da ação militante no trabalho social voluntário.

Destacamos ainda a arte urbana (grafite, fotografia, estêncil, etc.), como umas das formas de engajamento que possibilitam modificar os modos de vida propostos pela lógica contemporânea, permitindo que os jovens se expressem e com isso possam construir novos espaços e possibilidades para si e para os outros (ZANELLA; BRITO, 2012). Ainda neste viés, Novaes (2012) também enfatiza a cultura Hip Hop (composta pela trilogia: rap, break e grafite), como forma de engajamento juvenil. Trata-se de um movimento que desde a década de 1990 tem se destacado nas periferias a partir de grupos culturais que denunciam a violência física e simbólica presente na sociedade. Também a música popular é capaz de construir experiências afetivas e reflexivas, que nas palavras de Maheirie (2002) possibilitam a produção de significados coletivos sobre a sociedade e especialmente, sobre a política. Diante destas considerações, entendemos que quaisquer que sejam as manifestações populares, artísticas e musicais, elas podem ser (pela sua composição, em grande parte, crítica) fonte de interesse e comprometimento político-social dos jovens.

Mary Castro e Miriam Abramovay desenvolveram, no ano de 2009, uma pesquisa com jovens participantes da etapa nacional da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude, na qual revelaram que a juventude tem buscado diferentes formas de participação social, e evidenciaram a assídua utilização das tecnologias de informação e comunicação pelos jovens na atualidade, o que favorece e potencializa a participação e o envolvimento social dos mesmos (CASTRO; ABRAMOVAY, 2009; MOREIRA; BARBOSA, 2010).

Em consonância, diversos pesquisadores (MÜXEL, 1997; FERNANDES, 2007; BOGHOSSIAN; MINAYO, 2009; CASTRO, 2008) relatam o surgimento de novas estratégias de participação e engajamento político dos jovens – conselhos de juventude, redes sociais, fóruns, etc. –, além de novas pautas políticas, relacionadas tanto a questões universais quanto ao cotidiano da juventude, tais como o mundo do trabalho, o lazer, a ação solidária, a violência.

Este conjunto de constatações permite refletir sobre o lugar que ocupa a religião na atualidade, em um contexto que Bobsin, Becker e Júnior (2004) definem como multicultural, instável e diversificado. A expressão religiosa configura-se por meio de novas possibilidades, que podem estar descoladas ou a parte das instituições convencionais. Ainda de acordo com os autores, o papel da religião nos faz pensar, também, sobre sua função política, social e cultural na gestão e elaboração de projetos emancipatórios, especialmente quando nos referimos ao público jovem, mediados por políticas de ação pautadas pela noção de solidariedade social (BOBSIN; BECKER; JÚNIOR, 2004).

Sendo assim, no que tange especificamente ao campo religioso, são notórias as profundas mudanças ocorridas nas últimas décadas, em especial na questão da sua liberdade, refletida na pluralização das religiões (PÁTARO; MEZZOMO, 2013). Estas mudanças dizem respeito a um fenômeno considerado como uma das características (ou consequências por assim dizer) da modernidade: a secularização.

Na definição de Peter Berger (1985), secularização consiste em um processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos a dominação das instituições e símbolos religiosos. Este fenômeno afeta a totalidade da vida cultural e causa o declínio dos conteúdos religiosos nas artes, filosofia, literatura com conseqüente ascensão da ciência como forma predominante de olhar sobre a realidade. Nas palavras do autor:

A secularização colocou uma situação inteiramente nova para o homem moderno. Provavelmente pela primeira vez na história, as legitimações religiosas do mundo perderam a plausibilidade não apenas para uns poucos intelectuais e outros indivíduos marginais, mas para amplas massas das sociedades inteiras. Isso ocasionou uma crise aguda não apenas para nominação das grandes instituições sociais, mas também para a das bibliografias individuais (BERGER, 2001, p. 137).

Em contrapartida, revendo suas reflexões produzidas nas décadas de 1960 e 1970, o autor afirma que os efeitos secularizantes do mundo moderno provocaram o movimento de contrassecularização ou dessecularização, evidenciando os equívocos das teses que defendiam o desaparecimento da religião na modernidade. No fenômeno da dessecularização nota-se a presença de novas configurações religiosas no cenário público, assim como grupos religiosos reivindicando seus direitos na sociedade. Berger²¹ (2001, p. 10) chega a afirmar que o mundo de hoje é “furiosamente religioso como sempre foi, e em alguns lugares mais do que nunca”.

²¹ Berger se utiliza dos postulados weberianos para quem a racionalidade é o elemento central na compreensão do mundo moderno. Weber defendia que o predomínio da razão conduz a um desencantamento do mundo e,

É neste sentido que Sofiati (2012) compreende a secularização não como um simples processo sócio-estrutural, manifestado na retirada das religiões de áreas de influência, mas como uma espécie de secularização das mentalidades com o predomínio de sujeitos que interpretam o mundo não mais exclusivamente a luz do sagrado e, sim, por meio de referências racionais (SOFIATI, 2012).

Mesmo diante o fenômeno da secularização, percebemos que o Brasil é marcado pela expressão religiosa em suas mais variadas vertentes e manifestações, motivo pelo qual Fernandes (2007) afirma que a religião configura-se como uma influente variável na compreensão de aspectos sociais e na análise do comportamento juvenil.

Assim como pudemos constatar uma crise de participação na política, o mesmo parece acontecer com a religião. De acordo com Fernandes (2007) atualmente temos um pêndulo que oscila entre a vinculação religiosa ou de igrejas e a não vinculação. Neste sentido, diversas pesquisas vêm apontando para a forma como os jovens tem se relacionado com a religião na contemporaneidade, valorizando mais a sua fé do que a religião materializada na instituição (NOVAES, 2004; FERNANDES, 2007; TAVARES; CAMURÇA, 2004; OLIVEIRA, 2010; OLIVEIRA; PANASIEWICZ, 2014).

A Fundação Perseu Abramo em parceria com o Instituto cidadania, sob a coordenação dos pesquisadores Helena Abramo e Pedro Branco, desenvolveram uma ampla pesquisa no território nacional sobre o perfil da juventude, contemplando diversas temáticas, como a vinculação religiosa, participação política, opinião sobre políticas públicas, valores e referências, gênero, etc. No que se refere à associação em entidades das quais os jovens participam ou gostariam de participar, o grupo religioso configurou-se como o maior agregador da participação juvenil (ABRAMO, 2005). Neste sentido, Fernandes (2007) afirma que há uma busca de espaços de participação que se delineiam predominantemente junto às igrejas. Diante destas considerações, concordamos com a proposição de Flávio Sofiati (2012), quando afirma que as instituições religiosas configuram-se como uma das principais formas de organização juvenil na sociedade brasileira.

Ribeiro (2009, p. 110) afirma que, “estando imerso num mundo secular, o jovem encontra em sua religiosidade uma preciosa fonte de energia”. Em sua compreensão, a religiosidade é uma esfera que proporciona confiança para o jovem, já que este se encontra em uma etapa em que a necessidade por guiar-se por alguma direção para tomar decisões estratégicas em sua vida, se faz presente. Ressaltamos que esta necessidade a que se refere

consequentemente, nas formas pelas quais os indivíduos se relacionariam com a religião (SOFIATI, 2015; WEBER, 2002).

Ribeiro, em nossa compreensão, não é específica da etapa da juventude. Este subsídio fornecido pela religião, no sentido de orientar nas trajetórias de vida dos indivíduos pode ser vislumbrada em diferentes esferas da vida de todo e qualquer sujeito. O que estamos querendo dizer é que a necessidade de fazer escolhas e definir um caminho para a vida (e aqui muito atrelada à vida adulta, incluindo a escolha de uma profissão e sua inserção no mundo do trabalho) é consequentemente natural aos jovens, em contrapartida também se faz natural em outras etapas da vida em que também são definidas e redefinidas as trajetórias e as identidades de cada sujeito.

Ao se refletir sobre a relação entre religiões e juventudes, entendemos as múltiplas mediações realizadas, levando em consideração que, conforme afirma Bourdieu (2007), a religião cumpre funções sociais, uma vez que não se espera dela apenas justificações de existir, capaz de livrar da solidão, da angústia existencial, do sofrimento ou da morte. Conta-se com a religião para que forneça justificações de viver em uma posição social determinada, com todas as propriedades socialmente inerentes (BOURDIEU, 2007). Desta forma, entendemos que as manifestações religiosas estão presentes e tornam-se aspectos de influência na sociabilidade juvenil, ainda que não tenham ligação direta com a institucionalidade das religiões.

Nesse sentido, Regina Novaes (2004) entende que os jovens fazem suas escolhas religiosas em um atual campo plural e competitivo, culminado em um contraditório tripé que se faz presente na experiência desta geração, a saber: a) forte disposição para mudança de religião; b) ênfase na escolha individual gerando maior disponibilidade para a reafirmação pessoal ao pertencimento institucional; c) desenvolvimento de religiosidade sem vínculos institucionais. Deste modo, aumenta o número de grupos e indivíduos em que a adesão religiosa faz-se por meio de rearranjos provisórios entre crenças e rituais sem as fidelidades institucionais e de líderes pastorais.

Neste sentido, a pesquisa de Alves (2004), “Perfil da religiosidade do jovem universitário – um estudo de caso na PUC-SP”, aponta, em seus participantes, “uma intensa religiosidade, em conflito com um sagrado civilizado e sistematizado pela instituição, habitando um estágio originário no qual a emoção predomina sobre a razão” (ALVES, 2004, p. 81), motivo pelo qual se compreende a necessidade e a importância de atentarmos para aquilo que subsiste de religiosidade para além da religião institucionalizada, seja essa religiosidade explicitamente enquadrada pelos dogmas tradicionais, ou seja, espontânea, “mais ou menos artesanal, mais ou menos selvagem, ou até mesmo inconsciente de suas amarras religiosas” (FERRY; GAUCHET, 2008, p. 43).

Encerramos este tópico apropriando-nos da indagação feita por Regina Novaes (2004) sobre se a religião, de fato, influencia na composição identitária do jovem, assim como de seus interesses e manifestações políticas e sociais, para mais a frente a retomarmos, buscando respondê-la diante os dados alcançados em nossa pesquisa:

“A religião faz diferença?”

* * *

Neste capítulo nos dispomos a contextualizar a problemática da definição da juventude, das formas de participação e engajamento político e religioso, da constituição identitária e de projetos de vida na juventude.

Em um primeiro momento, discutimos sobre as concepções e os modos de compreensão da juventude, passando por aquelas noções que historicamente contribuíram para uma compreensão etária, biológica e comportamental associada à visão negativa que ainda hoje permeia alguns discursos científicos, tornando muitas vezes a juventude como sinônimo de problema social e apresentando especial destaque a diferentes e novas formas de se compreender a juventude, que englobam, além dos componentes biológicos e comportamentais, os de caráter sociocultural.

Ao percebermos que a constituição identitária, com frequência, é delegada à etapa da juventude, na qual de fato ocorre uma maior pressão social no sentido de que os sujeitos jovens precisam conhecer-se para então definir o curso de suas vidas, apresentamos algumas noções que contribuem para a compreensão de identidade, enquanto processo, capaz de fazer-se e refazer-se em diferentes momentos, além de calcada em contextos, circunstâncias e culturas. Entendemos que discorrer sobre esta temática foi imprescindível para melhor compreender a multiplicidade de experiências e demandas juvenis, inclusive favorecendo a compreensão sobre a constituição de projetos de vida.

Sendo assim, na sequência fizemos um breve percurso sobre as noções de projeto na visão de diversos autores, apropriando-se, para nossa pesquisa, enquanto uma referência ao futuro que assume especial destaque na vida dos jovens por contribuir com a elaboração e constituição de suas próprias identidades.

Por fim, colocamos em evidência as relações entre religião e política que atualmente tornam-se intrínsecas ao contexto do qual pertencemos, e que mesmo descoladas de suas institucionalidades podem pertencer ao cotidiano juvenil por meio de novos tipos de vínculos, pertencimentos e participações. Neste sentido, concordamos com Fernandes, ao afirmar que

“a melhor conduta metodológica ao estudar as interfaces entre a religião, juventude e participação sócio-política é aquela na qual o pressuposto da apatia dos jovens é abandonado e a lente que usamos para analisar a religião a percebeba como geradora de sentido” (FERNANDES, 2007, p. 162).

CAPÍTULO 3

PROJETOS DE VIDA E REPRESENTAÇÕES POLÍTICO-RELIGIOSAS

Se partirmos da ideia de que os indivíduos se constituem nas/pelas relações que estabelecem, assim como pelas instituições das quais se afiliam ao longo da vida, pode a religião e a política – esferas que, com a racionalidade moderna, passaram a ser compreendidas enquanto desgastadas ou mesmo desencantadas de sentido – influenciarem a constituição e consolidação de projetos de vida na contemporaneidade?

Desta interpelação, que nos guiou no caminho até então percorrido, buscaremos a partir da experiência de campo e das discussões produzidas alcançar compreensões que não se pretendam acabadas e generalizáveis, mas capazes de captar a complexidade (ou parte dela) dos fenômenos que nos propomos investigar.

Sendo assim, neste capítulo debruçamo-nos sobre os dados produzidos a partir do trabalho de campo, fazendo dialogar com algumas noções teóricas, caras para nossa pesquisa. Para tanto, iniciamos traçando o perfil geral dos jovens ingressantes na Unespar/Campo Mourão, para, na sequência, delinear o perfil específico dos jovens que participaram da etapa da entrevista. Posteriormente, inferimos sobre as categorias temáticas (cada qual com suas respectivas subcategorias de análise) extraídas do material empírico das entrevistas (a partir da análise de conteúdo), assim como do survey. São elas: Projetos de vida, Participação juvenil e Futuro, cada qual em um tópico específico de discussão. Conforme já mencionado, a divisão por categorias temáticas nos auxilia tanto a analisar os resultados alcançados como a organizá-los textualmente, de tal forma que a relação intrínseca que estabelecem entre si perpassará todo o trajeto deste capítulo.

3.1 Perfil dos jovens

Partimos do pressuposto de que para conhecermos os projetos de vida dos jovens, assim como a forma com que seus vínculos e representações político-religiosas contribuem para a elaboração de suas projeções, precisamos, de antemão, saber de quais jovens estamos falando, para além da condição de alunos ingressantes em uma universidade estadual estabelecida no Paraná.

Desta forma, mesmo sabendo que os jovens se fizeram presentes em toda a construção desta dissertação, delimitamos este espaço especialmente à descrição e apresentação de alguns dados que nos auxiliaram a delinear o seu perfil. Sendo assim, podemos dizer que algumas

perguntas regem e estruturam este tópico, dentre elas: Quem são eles? Onde e com quem moram? O que fazem? Quais cursos estão realizando e por que os escolheram? Quais são suas crenças? Quais atividades fazem parte de seu cotidiano? O que pensam sobre juventude?

Diante de tais considerações, traçamos o perfil dos jovens com base nos dados coletados por meio do questionário online (survey) e na sequência apresentamos os quatro jovens entrevistados. Devemos esclarecer que optamos por dividir a apresentação do perfil dos jovens (primeiramente entre os participantes do survey e em seguida os participantes da entrevista) não para estabelecer distinções entre eles, mas para permitir que as informações prestadas não fossem generalizadas, já que foram emitidas em situações e com instrumentos diferentes.

No ano letivo de 2014, estavam matriculados 580 ingressantes nas primeiras séries dos 10 cursos de graduação da Unespar/Câmpus de Campo Mourão, dos quais 317 ingressantes aceitaram participar da pesquisa e responder ao questionário. Destes ingressantes, 282 são jovens – pertencendo ao recorte etário previamente definido para a pesquisa – sendo, portanto, o quantitativo por nós analisado. O número de jovens está distribuído por curso de graduação, podendo ser melhor visualizado no quadro abaixo:

Quadro 2: Quantidade de alunos por curso de graduação

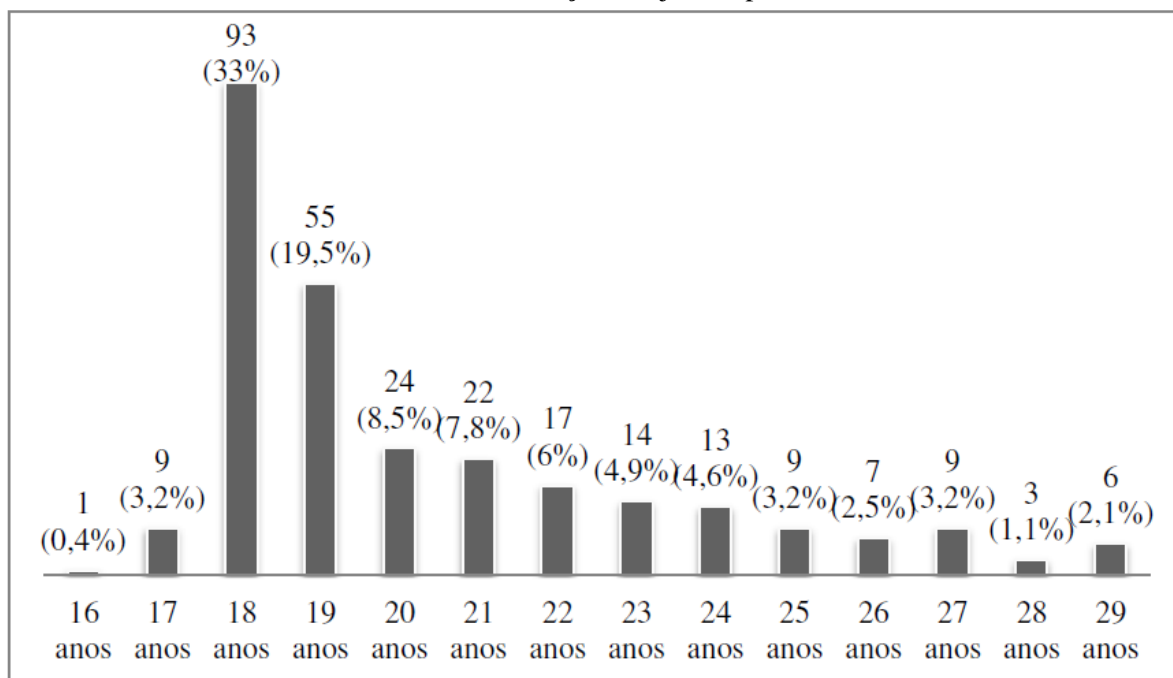
Curso	Quantidade	Porcentagem
Ciências Contábeis	56	19,9%
Administração	43	15,3%
Pedagogia	37	13,1%
Letras	27	9,6%
Matemática	25	8,9%
Ciências Econômicas	21	7,4%
Geografia	21	7,4%
Turismo e Meio Ambiente	21	7,4%
História	18	6,4%
Engenharia de Produção Agroindustrial	13	4,6%
Total	282	100%

Fonte: SANTOS; MEZZOMO; PÁTARO, 2016.

Destes, 65,6% pertencem ao sexo feminino e 34,4% ao sexo masculino. Com relação à faixa etária, pudemos verificar uma grande concentração de estudantes jovens cursando o Ensino Superior na idade considerada ideal de 18 a 24 anos (CORBUCCI, 2014). Tomando por base este grupo etário, observamos que 72,4% dos jovens têm até 21 anos e, portanto,

poderão concluir o curso de graduação até os 24 anos. No gráfico abaixo distribuimos os jovens por idade²²:

Gráfico 1: Distribuição dos jovens por idade



Fonte: SANTOS; MEZZOMO; PÁTARO, 2016.

No que diz respeito à identidade racial, há predominância entre os que se autodeclararam brancos (65,7%), seguido dos pardos (26,2%), negros (6,7%) e amarelos (1,4%). Com relação à escolha do curso (questão que permitia múltipla escolha), 66,7% alegam tê-lo escolhido respeitando seus interesses pessoais, 48,6% fizeram a escolha embasados nas oportunidades do mercado de trabalho, enquanto que 22% apoiaram a decisão na influência familiar. Há um grande percentual de jovens que estão cursando pela primeira vez o Ensino Superior (73,4%), enquanto que 18,1% já iniciaram outros cursos, mas desistiram antes de seu término, 7,8% já são graduados e 0,7% realizam outro curso de graduação concomitantemente.

Ainda sobre a vida acadêmica, a maioria é oriunda de escolas públicas: 93,3% cursaram o Ensino Fundamental apenas em escolas públicas e 92,6% cursaram todo o Ensino Médio em escolas públicas. Sobre estes dados, cabe a reflexão de que o Estado brasileiro manteve-se durante muito tempo conivente com a enorme exclusão social e cultural dos filhos das classes populares que não tinham condições de passar da escola pública de Ensino Médio

²² É válido mencionar que, embora nossa delimitação etária seja a que se refere ao conceito de juventude (15 a 29), o participante mais novo tinha 16 anos.

para a universidade pública (CHAUI, 2003). Assim, segundo a compreensão de Marilena Chauí, a universidade pública deixará de ser um bolsão de exclusões sociais e culturais quando o acesso a ela estiver assegurado pela qualidade e pelo nível dos outros graus do ensino público (CHAUI, 2003). Por conseguinte, observamos que na última década foram propostas soluções referentes à ampliação do acesso e maior equidade através da diversificação do sistema, com a criação de novos tipos de instituições de Ensino Superior, novas modalidades de cursos (como, por exemplo, os cursos a distância e os tecnológicos, dispendo de menor tempo para conclusão), bem como a proposta de políticas de inclusão social e de ações afirmativas, como são o Programa Universidade para Todos (PROUNI), sistema de cotas, Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Financiamento Estudantil (FIES) e o Sistema de Seleção Unificada (SISU)²³.

Sendo assim, é possível afirmarmos que, no Brasil, o Ensino Superior público não é mais ocupado apenas pela classe média e pelas elites intelectuais (CARRANO, 2009), em virtude das recentes políticas públicas de democratização do acesso e da ampliação de vagas. No caso do Câmpus de Campo Mourão, certa acessibilidade se dá, inclusive, por conta de sua localização, abrangendo municípios de pequeno porte, nos quais a oferta de vagas no Ensino Superior público e gratuito é limitada (MEZZOMO; PÁTARO, 2015).

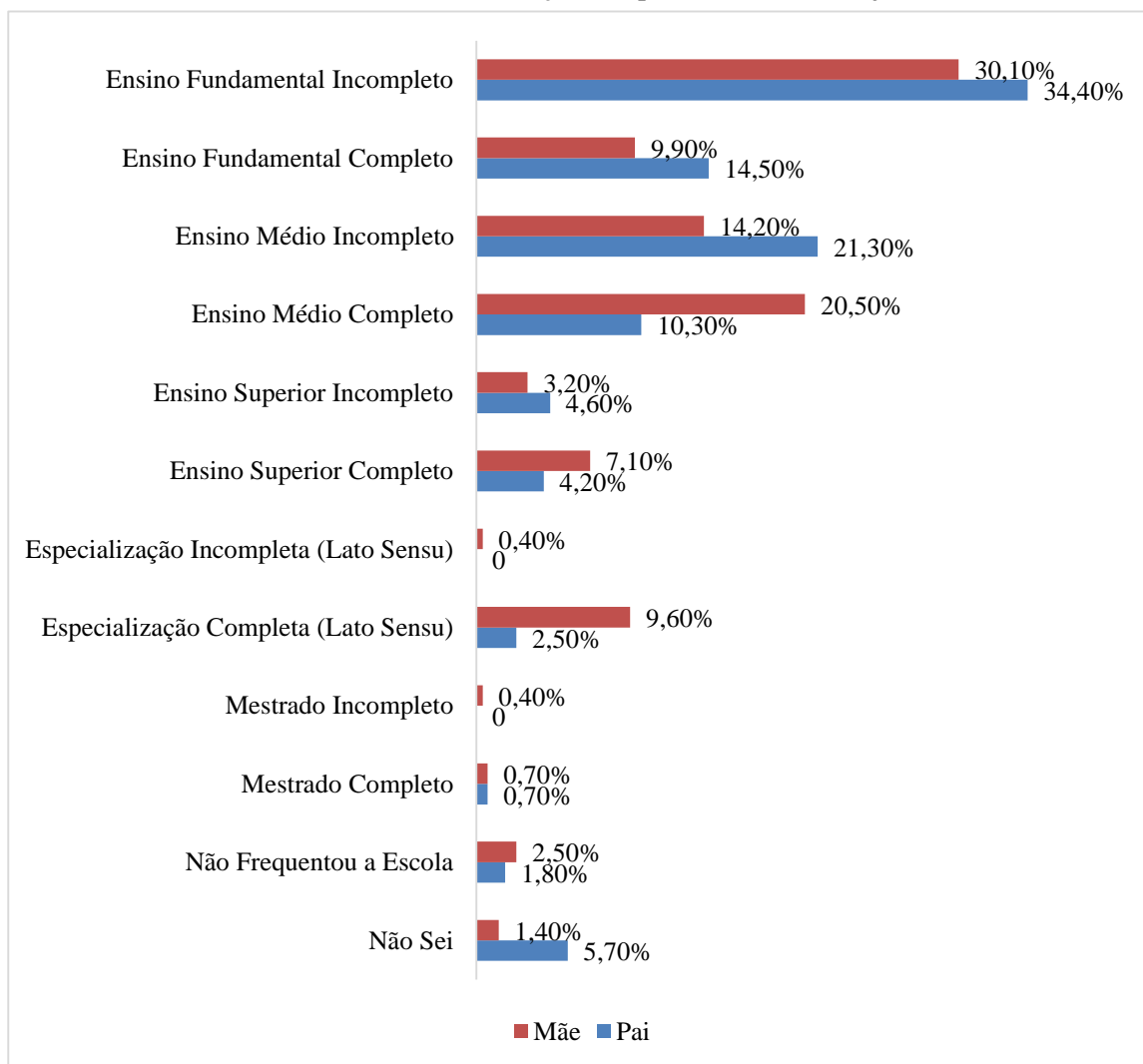
Não obstante, mesmo que tais políticas tenham possibilitado a inserção de muitas pessoas ao Ensino Superior, resolvendo em parte a situação da restrição do acesso, acreditamos, apoiados por outros pesquisadores, que o modelo de expansão implementado ainda é insuficiente para integrar em maior proporção as parcelas mais pobres e as minorias historicamente excluídas (CATANI; HEY, 2007; CORBUCCI, 2014; MEZZOMO; PÁTARO, 2015). Corbucci (2014) ainda afirma que tais políticas e programas têm seus limites, haja vista não alterarem a trajetória escolar de crianças e jovens brasileiros. Isto significa que a aceleração e o processo de incorporação dos jovens ao Ensino Superior dependerão da melhoria do fluxo escolar e da qualidade do Ensino Básico, de modo a garantir

²³ Estes programas são mantidos pelo Estado brasileiro e facilitam o acesso à Educação Superior. O Prouni tem como finalidade conceder bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de cursos de graduação em instituições privadas de educação superior. O Fies tem como objetivo financiar a graduação na Educação Superior de estudantes que não têm condições de arcar com os custos de sua formação. O sistema de cotas é amparado pela Lei de Cotas (Lei nº 12,711/2012) que prevê que as universidades públicas federais e os institutos técnicos federais devem reservar 50% das vagas para estudantes que tenham cursado todo o Ensino Médio em escolas da rede pública, com distribuição proporcional das vagas entre negros, pardos e indígenas. Já o Sisu tem por finalidade selecionar os candidatos às vagas das instituições públicas de ensino superior que utilizarão a nota do Enem como única fase do processo seletivo. Por fim, o Enem tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica. É utilizado também como critério de seleção para o ingresso no Ensino Técnico, para seleção do Programa Ciência sem Fronteiras, para os estudantes que pretendem concorrer a uma bolsa do Prouni, a uma vaga pelo Sisu e o financiamento pelo Fies. Para mais informações: <http://portal.mec.gov.br/>

sua conclusão na idade considerada adequada e favoreça sua transição para a universidade. Portanto, deixamos claro que, ao dizermos que o Ensino Superior público já não é mais ocupado unicamente pelas elites, não estamos afirmando que as condições de ingresso e permanência não sejam ainda influenciadas pelas condições socioeconômicas e demais desigualdades presentes na sociedade brasileira.

A restrição do acesso à universidade é evidenciada pela baixa escolarização dos pais dos jovens ingressantes na Unespar/Campo Mourão, conforme evidenciado no gráfico abaixo:

Gráfico 2: Sobre a escolarização dos pais e das mães dos jovens



Fonte: SANTOS; MEZZOMO; PÁTARO, 2016.

Apenas 4,2% dos pais dos jovens concluíram o Ensino Superior (Gráfico 2), ao passo que 7,1% das mães concluíram o mesmo grau. Especificamente sobre a escolarização dos pais e mães, o maior índice se encontra naqueles que não concluíram o Ensino Fundamental (34,4% entre os pais e 30,1% entre as mães). Isso mostra que as condições sociais e de acesso

tanto ao Ensino Básico como no Ensino Superior têm sido modificadas entre as gerações. Segundo Mezzomo e Pátaro (2015, p. 33), estes índices da Unespar implicam “maiores desafios no ingresso e permanência dos estudantes da instituição que representam, possivelmente, a primeira geração de suas famílias a terem acesso à Universidade”.

Os jovens, em sua maioria, são solteiros (87,9%). Quanto à moradia, há um maior quantitativo/aglomeração daqueles que moram em Campo Mourão (48,2%), enquanto que os demais (52,8%) estão distribuídos em municípios adjacentes, conforme mostra o quadro a seguir:

Quadro 3: Sobre os municípios que moram os jovens

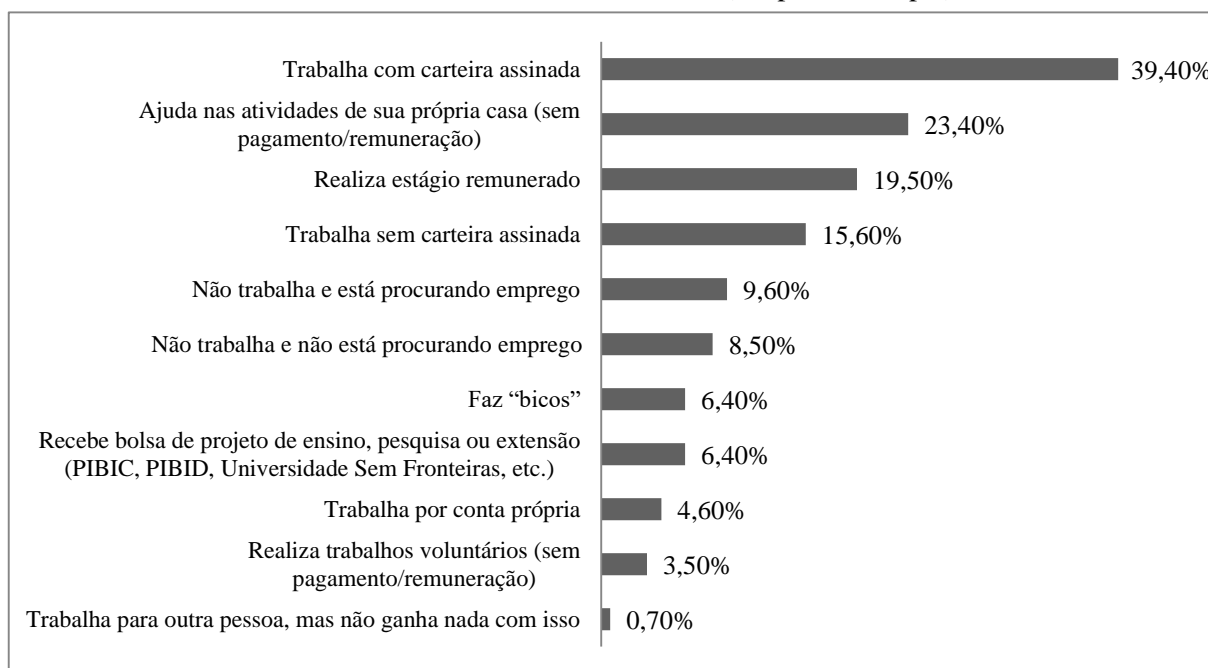
Município	Quantidade	Porcentagem
Campo Mourão	136	48,2%
Ubiratã	18	6,4%
Peabiru	15	5,3%
Araruna	13	4,6%
Mamborê	13	4,6%
Terra Boa	10	3,5%
Corumbataí do Sul	6	2,1%
Moreira Sales	6	2,1%
Engenheiro Beltrão	5	1,8%
Goioerê	5	1,8%
Luiziana	5	1,8%
Roncador	5	1,8%
Barbosa Ferraz	4	1,4%
Iretama	4	1,4%
Janiópolis	4	1,4%
Nova Cantu	4	1,4%
Quarto Centenário	4	1,4%
Quinta do Sol	4	1,4%
Farol	3	1,1%
Fênix	3	1,1%
Rancho Alegre do Oeste	3	1,1%
Nova Tebas	3	1,1%
Juranda	2	0,7%
Boa Esperança	1	0,4%
Campina da Lagoa	1	0,4%
Cianorte	1	0,4%
Mato Rico	1	0,4%
Piquirivaí	1	0,4%
São Lourenço	1	0,4%
Tapejara	1	0,4%
Total	282	100%

Fonte: SANTOS; MEZZOMO; PÁTARO, 2016.

Ainda sobre a moradia, boa parte deles reside com a mãe (72,7%), o pai (57,1%) e os irmãos (54,3%). Após ingressarem no curso, 81,5% continuaram a morar na casa dos pais, 11% continuaram a viver sozinhos ou com seus cônjuges, 3,2% passaram a residir em repúblicas ou pensionatos e 3,2% passaram a morar sozinhos.

No que diz respeito à atividade econômica (Gráfico 3), 39,4% dos jovens trabalham com carteira assinada, 19,5% realizam estágio remunerado e 15,6% trabalham sem carteira assinada. Destes, 6,4% se envolvem com atividades de ensino, pesquisa ou extensão (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, etc.²⁴).

Gráfico 3: Sobre a atividade econômica (Resposta múltipla)



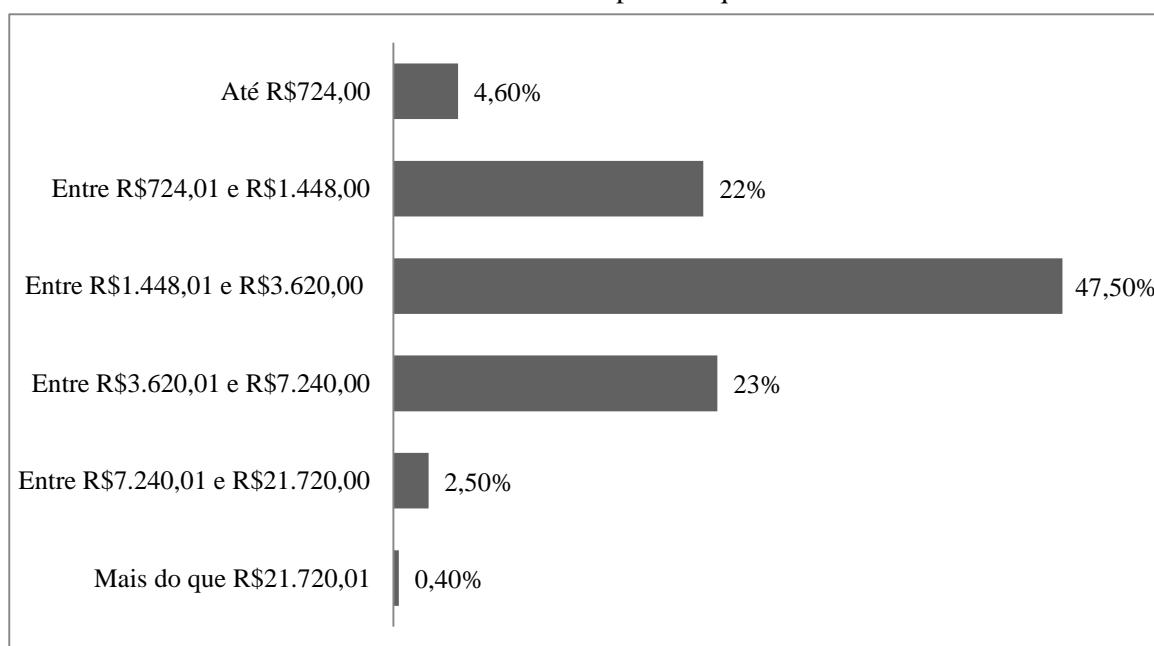
Fonte: SANTOS; MEZZOMO; PÁTARO, 2016.

Sobre a renda total das pessoas que moram em suas casas (Gráfico 4), 47,5% concentram-se entre R\$1.448,01 e R\$3.620,00²⁵ e 31,5% trabalham e contribuem com a renda da família (Gráfico 5).

²⁴ Trata-se de programas que incentivam e valorizam a participação dos estudantes da Educação Superior ao mundo da pesquisa científica, em projetos de extensão, assim como do aperfeiçoamento da formação de professores para a educação básica.

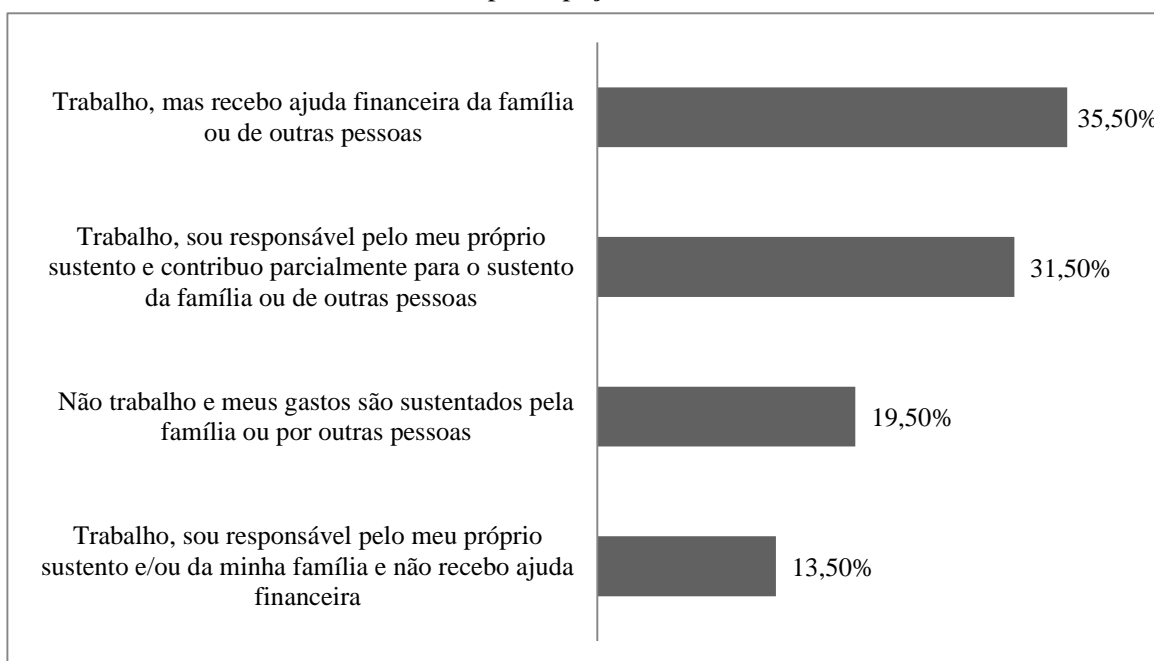
²⁵ O equivalente de 2 a 5 salários mínimos no valor de R\$ 724,00 no ano de 2014.

Gráfico 4: Sobre a renda das pessoas que moram em sua casa



Fonte: SANTOS; MEZZOMO; PÁTARO, 2016.

Gráfico 5: Sobre participação na vida econômica da família



Fonte: SANTOS; MEZZOMO; PÁTARO, 2016.

No que se refere à religião/crença (Quadro 4), dentre a maioria dos jovens (mesmo que havendo a presença de diversas opções religiosas), observa-se, em termos quantitativos, a preponderância de Católicos (66,7%), seguido dos Evangélicos²⁶ (16,7%) e daqueles que

²⁶ Para chegar a porcentagem referente à categoria “Evangélicos”, somamos os diferentes segmentos evangélicos dos quais os jovens afirmaram pertencer. Optamos por manter tais segmentos especificados no quadro,

Acreditam em Deus, mas não participam de religião (6,7%). Ateus representaram 2,5% da amostra, Espíritas e religião não determinada ou múltiplo pertencimento representaram, cada qual, 0,7%. Religiões Afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda, assim como as de tradição esotérica não estão entre as opções escolhidas pelos jovens.

Quadro 4: Sobre a religião/crença dos jovens

Qual é a sua religião/crença?	Quantidade	Porcentagem
Católicos	188	66,7%
Acredito em Deus, mas não participo de religião	19	6,7%
Congregação Cristã do Brasil	13	4,6%
Presbiteriana do Brasil	10	3,5%
Assembleia de Deus	10	3,5%
Ateus	7	2,5%
Evangélica Quadrangular	6	2,1%
Evangélica Batista	5	1,8%
Espírita	2	0,7%
Religião não determinada ou múltiplo pertencimento	2	0,7%
Evangélica Adventista	1	0,4%
Evangélica Luterana	1	0,4%
Evangélica Metodista	1	0,4%
Outros ²⁷	17	6%
TOTAL	282	100%

Fonte: SANTOS; MEZZOMO; PÁTARO, 2016.

Nesta mesma direção estão os percentuais mais expressivos do Censo de 2010 no que se refere às religiões no país, revelando a continuidade da queda do catolicismo de 73,8% em 2000 para 64,63% em 2010, ao lado do crescimento evangélico de 15,4% para 22,2% e, por fim, um aumento, mesmo que em ritmo menor, dos sem religião, de 7,28% para 8% (CAMURÇA, 2013). De acordo com Teixeira (2013, p. 24) “Mudanças são, de fato, visíveis no cenário religioso brasileiro, com sinais visíveis de pluralização, mas o traço da hegemonia cristã permanece aceso”. Neste sentido, devemos mencionar que a retração do catolicismo não reflete na diminuição do cristianismo, tendo em vista que o crescimento dos evangélicos vem

considerando a diversidade de denominações evangélicas presentes na atualidade, permitindo maior visibilidade a estes grupos religiosos.

²⁷ Na opção “Outros. Qual?”, resposta aberta, obtivemos respostas como: “Atualmente não sigo nenhuma religião específica”; “Na verdade eu não sei”; “Não sei se existe um deus e nem quero saber”; “Nenhuma no momento e não sei responder se acredito em deus ou não”; e “Sou filho de Deus”. Também apareceram denominações não listadas por nós como, Casa de oração para todos os povos, Igreja Cristã Maranata, Igreja evangélica do avivamento bíblico, Igreja evangélica restituídos em Cristo, Igreja pentecostal caminhando com Jesus e Igreja Internacional da Graça de Deus.

umentando a cada década. Portanto, somando os católicos com os evangélicos, chega-se a uma porcentagem de 86,8% de toda a população brasileira (TEIXEIRA, 2013).

É válido mencionar que o número significativo (em conformidade com o âmbito nacional) de jovens sem religião²⁸ (6,7%) em nossa pesquisa não significa um indiferentismo de crenças ou a própria falta de religiosidade. Estes jovens se afastam dos modos tradicionais e institucionais da religião para viverem, à sua maneira, sua fé e suas crenças. Mesmo que suas crenças não estejam pautadas e depositadas em uma determinada religião, os jovens afirmam acreditar em Deus, percebendo-o como um Ser Superior. Neste sentido, não há como negar que em suas subjetividades faz-se presente um mosaico religioso, composto por religiosidades outras (FERNANDES, 2013).

Voltando aos dados de nossa pesquisa, vale mencionar que 84,8% dos jovens participantes declaram possuir religião. Trata-se de um dado expressivo, tendo em vista o discurso que atribui aos jovens a descrença e a apatia religiosa. Ainda sobre a vinculação religiosa, os jovens revelaram, em sua grande maioria, ter escolhido sua religião/crença por influência familiar (76,2%), seguida de motivos pessoais (35,5%), conforme ilustra o quadro 5:

Quadro 5: Sobre o que influenciou a escolha da religião/crença (Resposta múltipla)

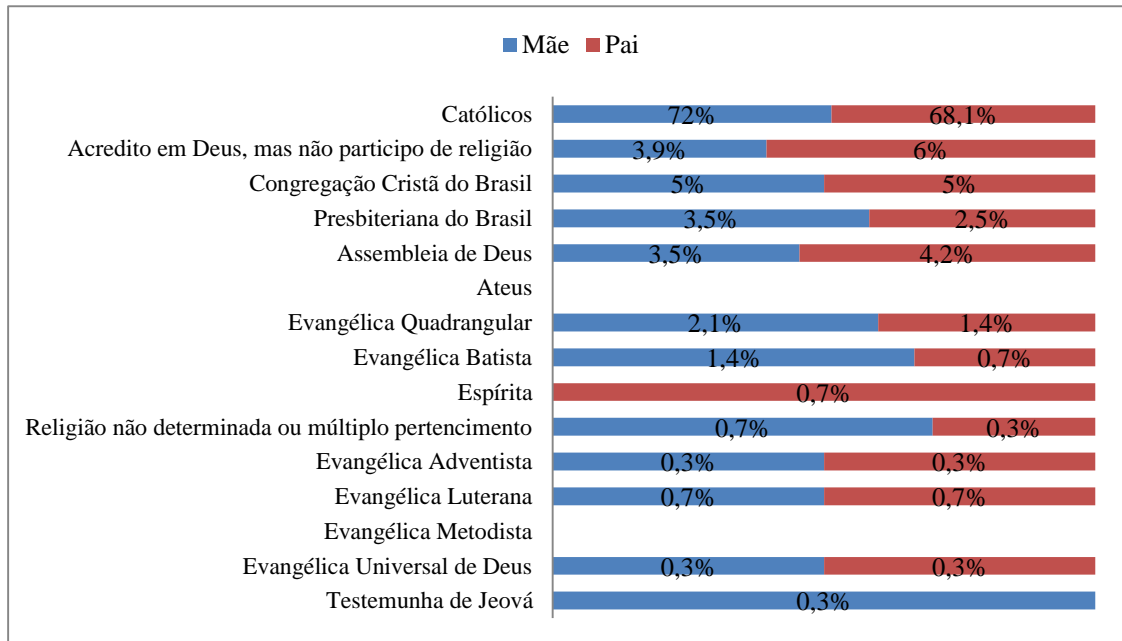
Resposta	Quantidade	Porcentagem
Família	215	76,2%
Motivos pessoais	100	35,5%
Amigos	34	12,1%
Líderes religiosos	19	6,7%

Fonte: SANTOS; MEZZOMO; PÁTARO, 2016.

Observamos que a maioria dos pais e mães é religiosa (Gráfico 6), exercendo grande influência na escolha da religião dos filhos (Gráfico 7). Assim como na pesquisa feita por Tavares e Camurça (2006), percebemos a importância da escolha da religião pela família (seguida por motivos pessoais), constituindo-se enquanto um indicador de transmissão religiosa geracional entre os jovens. Dentre as religiões/crenças, a família exerce maior influência nas religiões Católica e Evangélicas (Igrejas Adventista, Luterana e Assembleia de Deus). Os motivos pessoais concentram-se mais entre os que Acreditam em Deus, mas não participam de religião, os Ateus e Evangélicos das Igrejas Adventista e Luterana.

²⁸ A categoria “jovens sem religião” é objeto de investigação da pesquisa desenvolvida pela Lara de Fátima Grigoletto Bonini, também pertencente ao grupo de pesquisa Cultura e Relações de Poder. Sua dissertação, intitulada: “Não tenho religião, apenas crença em Deus”: representações político-religiosas de jovens sem religião da Unespar conta com a mesma base de dados utilizada por nós.

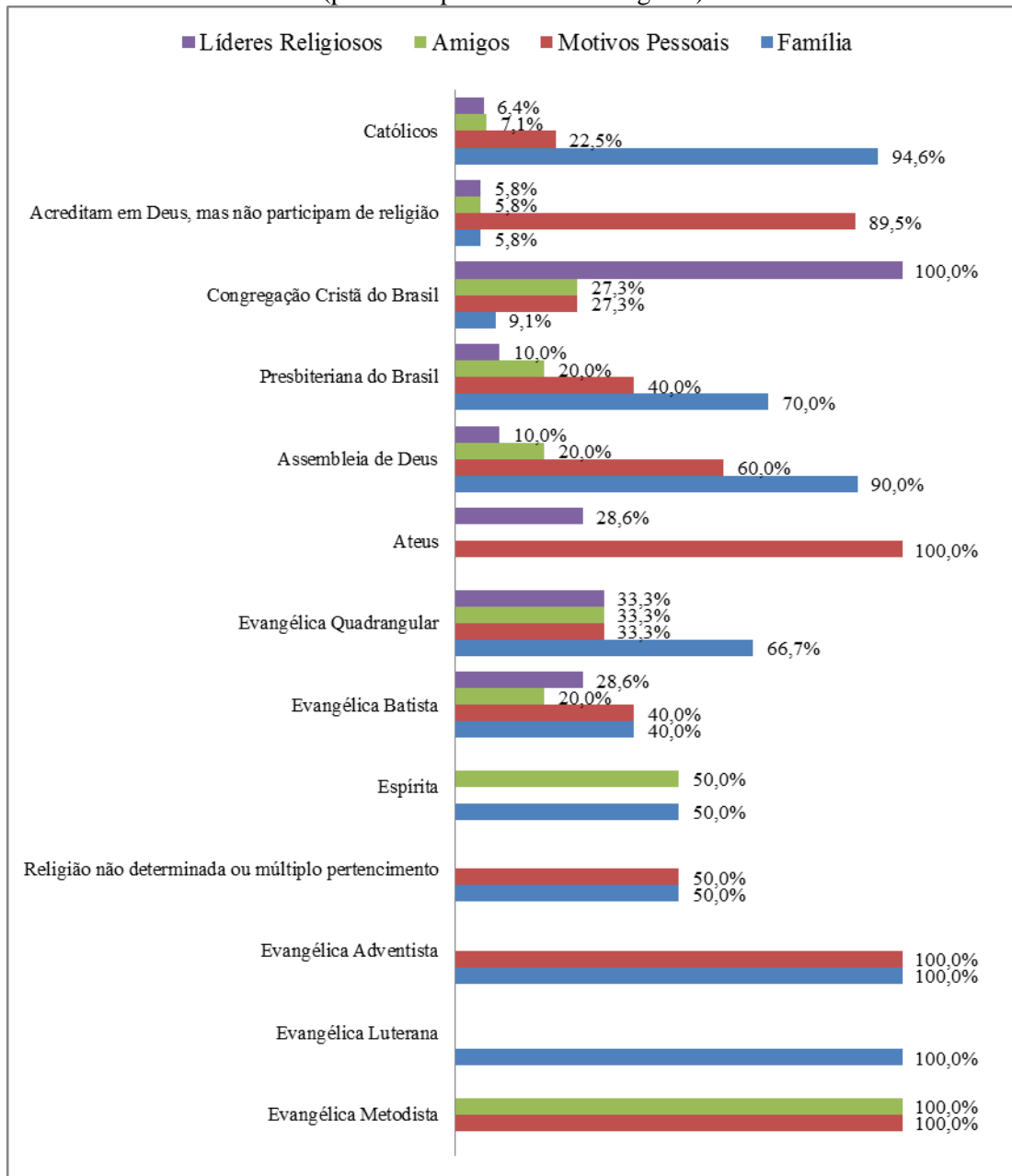
Gráfico 6: Sobre a religião/crença dos pais e das mães dos jovens



Fonte: SANTOS; MEZZOMO; PÁTARO, 2016.

No que diz respeito à participação religiosa, 49,3% afirmaram frequentar semanalmente os encontros e/ou atividades vinculadas à sua igreja. Cabe mencionar que 50,3% nunca frequentaram outra religião e 40,8% somente em ocasiões especiais. Dos elementos vinculados à religião dos quais os jovens mais gostam, sobressaíram-se a música/canto/louvor e a oração (cada qual com 50,7%).

Gráfico 7: Sobre a influência para a escolha da religião
(para cada pertencimento religioso)



Fonte: SANTOS; MEZZOMO; PÁTARO, 2016.

Um aspecto significativo para a compreensão do perfil e da condição juvenil dos ingressantes da Unespar diz respeito à dimensão da cidadania, referente aos direitos e deveres dos jovens e à participação social. Sendo assim, ao indagarmos acerca das atividades, organizações ou movimentos sociais em que os jovens mais participam, as opções que se destacaram foram: campanhas solidárias (66%), grupos vinculados a igrejas (64,9%) e visitas a instituições caritativas (53,5%), conforme demonstrado no gráfico abaixo:

Gráfico 8: Sobre a participação em atividade, organização ou movimento social
(Resposta múltipla)



Fonte: SANTOS; MEZZOMO; PÁTARO, 2016.

Percebe-se pouco envolvimento e participação em atividades consideradas tradicionalmente como políticas, principalmente no que se refere à sua institucionalidade, como no caso da participação em partidos políticos (9,20%). Esse dado corrobora com os resultados obtidos por Ana Karina Brenner (2014), que afirma que o engajamento de jovens, assim como de adultos, em partidos políticos no Brasil é um fenômeno infrequente. Entre adultos, chega a 10% o número de filiados e, entre jovens, não passa de 4%, conforme dados do Tribunal Superior Eleitoral (BRENNER, 2014).

Ainda sobre práticas políticas, evidenciou-se que 72% dos jovens questionados sempre cumprem com o seu direito e obrigação do voto, no entanto, apenas 9,9% acompanham o mandato dos candidatos em que votou e 41,1% leem com frequência ou assistem a noticiários sobre política (Quadro 6). De fato, a política associada aos espaços e formas mais tradicionais de participação revelou-se pouco frequente.

Quadro 6: Sobre a frequência de realização de atividades

Opções	Nunca	Raramente	Com frequência	Sempre
Lê ou assiste noticiário sobre política	4,3%	39,7%	41,1%	14,9%
Conversa com outras pessoas sobre política	8,2%	49,6%	32,6%	9,6%
Recorre ao auxílio ou apoio dos políticos	56,4%	39,4%	3,2%	1,1%
Vota nas eleições	14,5%	3,6%	9,9%	72%
Procura se informar sobre os candidatos no período das eleições	9,6%	17,4%	34%	39%
Conversa com membros da Igreja e/ou líderes religiosos sobre política	66%	23,4%	6,4%	4,2%
Acompanha o mandato dos candidatos nos quais você votou	24,1%	31,2%	34,8%	9,9%
Em período eleitoral atua como voluntário para candidatos/partidos	85,5%	9,9%	2,8%	1,8%
Em período eleitoral atua de forma remunerada para candidatos/partidos	92,5%	5,3%	1,1%	1,1%
Faz uso das redes sociais/internet em manifestações e reivindicações políticas	66,3%	19,9%	9,9%	3,9%
Faz uso das redes sociais/internet em ações e campanhas de solidariedade	44,7%	27%	22,3%	6%

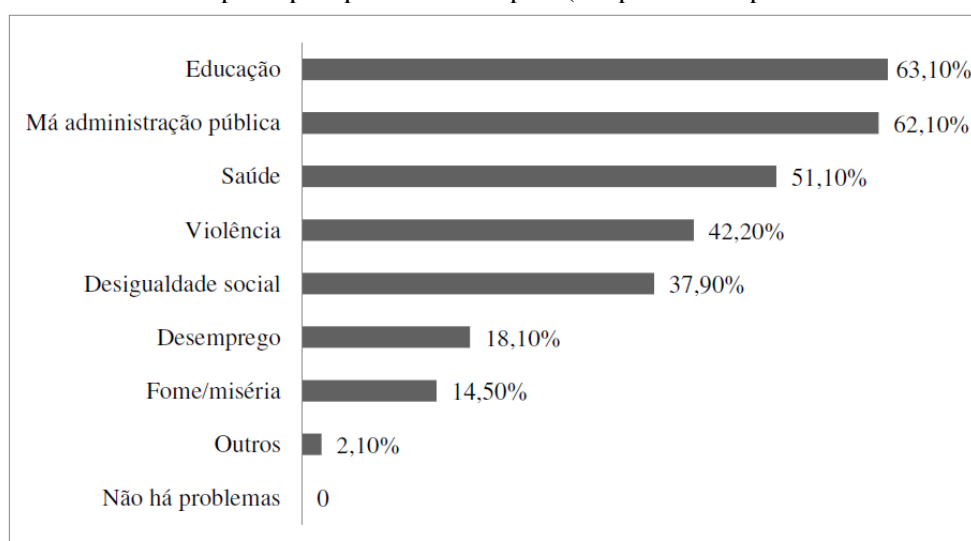
Fonte: SANTOS; MEZZOMO; PÁTARO, 2016.

Devemos mencionar que outros tipos de engajamento e participação, como grupos estudantis, voluntariado em ONGs, manifestações pela paz, ecológicos, greves e sindicatos também obtiveram baixos índices percentuais (Gráfico 8). Estes elementos vão à mesma direção daqueles observados na pesquisa desenvolvida pelo ISER no Rio de Janeiro, no ano de 2002, “Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos”, na qual Regina Novaes e Cecília Mello concluíram que a participação juvenil em espaços coletivos se dá, sobretudo, nos grupos religiosos, ultrapassando as agremiações estudantis, os partidos políticos, as organizações ambientalistas, associações comunitárias, etc. (NOVAES; MELLO, 2002).

Apesar do baixo engajamento em partidos políticos, a presença dos jovens na esfera pública é significativa, principalmente em atividades de cunho social, como pudemos observar no caso das campanhas solidárias (66%), visitas a instituições caritativas (53,5%), e movimentos estudantis (48,6). Diante disso, não há como negar a influência de tais participações na constituição de identidades juvenis, enquanto produtoras de sentidos e, por consequência, produtoras de significados para a sociedade.

Ainda se faz interessante observar que, dos principais problemas do país, os jovens deram destaque à educação (63,1%), à má administração pública (62,1%) e à saúde (51,1%), conforme evidenciado no gráfico abaixo:

Gráfico 9: Sobre os principais problemas do país (Resposta múltipla – máximo de três)



Fonte: SANTOS; MEZZOMO; PÁTARO, 2016.

Percebemos a educação enquanto uma esfera valorizada pelos jovens, haja vista ter protagonizado também as respostas sobre o que tornaria o Brasil um país melhor para se viver (Quadro 7):

Quadro 7: Sobre o que tornaria o Brasil um país melhor para se viver (Resposta múltipla – máximo de três)

Opções	Quantidade	Porcentagem
Promoção de melhorias na educação	205	72,7%
Promoção de melhorias na saúde	154	54,6%
Igualdade de oportunidades	115	40,8%
Criação de mecanismos de combate à corrupção	93	33%
O equilíbrio das contas públicas	56	19,9%
Diminuição dos índices de violência urbana	47	16,7%
Crescimento econômico acompanhando o desenvolvimento humano	46	16,3%
Combate efetivo às desigualdades entre as regiões	36	12,8%
Habitação para todos	24	8,5%
Preservação ambiental	22	7,8%
Investimento em atividades culturais	18	6,4%
Mais programas de ações afirmativas como as cotas para o ingresso no Ensino Superior	8	2,8%
Maior acesso ao consumo	2	0,7%
Mais programas de distribuição de renda como o Bolsa Família	1	0,4%

Fonte: SANTOS; MEZZOMO; PÁTARO, 2016.

Por fim, consideramos válido mencionar que a aparente rejeição dos jovens aos espaços da política tradicional não significa necessariamente alienação, mas uma crítica reveladora da necessidade do surgimento de outras vias de participação, mais representativas e democráticas (MESQUITA; OLIVEIRA, 2013).

Tendo apresentado o perfil dos jovens participantes da primeira etapa da pesquisa, passamos agora à caracterização dos quatro jovens que nos concederam entrevista²⁹.

Rebeca (18 anos, Igreja Assembleia de Deus)

Rebeca é branca, solteira e mora em Campo Mourão com os pais. Coursou o Ensino Fundamental e Médio em escolas públicas da cidade. Escolheu o curso de Administração, tendo por motivação o mercado de trabalho (possui interesse em trabalhar em banco ou no setor público, ambos por meio de concurso), e diz se sentir apoiada pela família. Realiza estágio remunerado e é responsável pelo próprio sustento, além de contribuir parcialmente com o sustento da família. É evangélica, da Igreja Assembleia de Deus. “Nasci dentro desta igreja”, foi o que disse Rebeca, justificando o fato de nunca ter refletido sobre ter ou não o interesse em conhecer outras religiões. Frequenta semanalmente a Escola Bíblica Dominical³⁰. Já participou de grupo estudantil na época do Ensino Médio, atualmente faz visitas a instituições caritativas e participa de campanhas solidárias (arrecadação de alimentos e roupas e montagem de cestas básicas) e ecológico/ambientalistas (arrecadação de fundos para uma entidade de proteção aos animais), desenvolvidas tanto pela igreja quanto pela universidade.

Rebeca sente-se incentivada pela igreja a participar de campanhas solidárias. O incentivo se dá por meio dos trabalhos sociais que a instituição desenvolve, assim como da orientação presente nas pregações e ações de sua religião. No que diz respeito à política, Rebeca vota com frequência, mas raramente acompanha o mandato dos eleitos. No que se refere às aproximações entre os campos político e religioso, pensa que não devam atuar juntos, no entanto acredita que os políticos que participam de uma religião têm mais condições de ajudar a população. Compreende que a religião contribui para a formação das pessoas, mas também acha que as pessoas devam ter apenas uma religião, sendo a sua crença

²⁹ Vale lembrar que os jovens que participaram das entrevistas também responderam ao questionário na primeira etapa desta investigação.

³⁰ É o encontro semanal para o ensinamento da bíblia. Rebeca relatou que em sua igreja existem vários grupos que participam da Escola Bíblica Dominical, divididos entre as etapas do desenvolvimento (crianças, adolescentes e adultos). No grupo de adolescentes (do qual ela pertence), eles mesmos escolhem os temas que chamam a atenção para serem debatidos à luz dos ensinamentos bíblicos.

a única verdadeira. Rebeca acredita que melhorias na educação e na saúde, habitação para todos e preservação ambiental tornariam o Brasil melhor.

Sobre seus projetos de vida, Rebeca os dividiu em duas áreas: profissional e familiar. Na primeira, ela se referiu ao desejo de se inserir rapidamente no mercado de trabalho após a conclusão de sua graduação, mencionou que tem estudado e se esforçado para se destacar na sua turma. Relatou sentir-se muito insegura com a inserção no mercado de trabalho: “Eu tenho que terminar a faculdade logo! Porque cada vez mais o mercado de trabalho exige pessoas novas, principalmente para começar a trabalhar, e eu não tenho experiência nenhuma. Isso com certeza me cobra mais agora. Eu faço estágio, mas não é relacionado à Administração, faço serviço de secretária”. Além do imediatismo presente em sua fala, a competitividade do mercado de trabalho mostrou-se outra fonte de insegurança: “Acho que no futuro teremos muita competição, não será fácil conseguir um emprego bom e ser reconhecida. As pessoas são muito boas, muito capacitadas e se a gente for parar pra pensar a pessoa que está ao meu lado pode ter a mesma idade e estar muito à frente de mim [...] meus colegas serão meus concorrentes, então tudo o que eu puder fazer pra ter mais conhecimento, melhor”.

Zé (18 anos, Igreja Católica)

Zé é negro, solteiro e mora em Campo Mourão com a mãe, o padrasto e os irmãos. cursou o Ensino Fundamental e Médio em escolas públicas. Escolheu o curso de Ciências Contábeis tendo por motivação seus interesses pessoais, interesse por problemas sociais e também pelas oportunidades do mercado de trabalho. Começou a trabalhar com 15 anos (como Menor Aprendiz em uma empresa na qual aprendeu sobre finanças e contabilidade), “e de tanto mexer fui pegando gosto pela coisa!” – declara. Atualmente é estagiário em sua área de formação, sendo responsável pelo próprio sustento e contribuindo parcialmente com o sustento da família. Pertence à religião Católica desde que nasceu. Participa semanalmente das atividades da igreja (inclusive foi coordenador por 4 anos do grupo de jovens) e gosta do estudo/conhecimento religioso, dos aconselhamentos e das pessoas da comunidade. No Ensino Médio, participou de grupo estudantil; em 2014 participou de manifestações (junto a outros universitários) contra o governo estadual (reivindicando o repasse de verbas para a universidade, valorização dos docentes, etc.), atualmente se engaja em campanhas solidárias e faz visitas a instituições caritativas. Sua religião influencia e incentiva estas participações por meio do estímulo dos líderes religiosos através de orientações presentes nas pregações e ações de sua igreja.

Zé vota com frequência e também acompanha o mandato dos candidatos eleitos. Acredita que as pessoas devam ter apenas uma religião, mesmo considerando que todas as religiões sejam verdadeiras e contribuam para a formação humana. Acredita que os campos político e religioso possam atuar juntos para resolver os problemas sociais. Zé acredita que melhorias na educação e na saúde, assim como o crescimento econômico acompanhado de desenvolvimento humano, fariam o Brasil melhorar/crescer.

No que diz respeito aos seus projetos de vida, Zé relatou sonhar em ser um empresário do setor da contabilidade, mas afirma saber que este é um projeto a longo prazo, já que este não é um caminho fácil e rápido de se alcançar. Mencionou também que para atingir este objetivo ele precisará da ajuda de outras pessoas: “Tudo o que a gente for fazer de projeto de futuro, tanto em nível profissional ou de vida, a gente não vai fazer sozinho! A vinculação religiosa, política, tudo o que fizermos estará em relação”. Zé falou muito sobre sua família e em como se sente orgulhoso por ter oportunidades que sua mãe não teve ao longo da vida (estudar e se profissionalizar). Relatou, também, o medo que tem em decepcioná-la (por este motivo se esforça para sempre tirar notas boas e orgulhá-la). Ao final da entrevista, Zé revelou que também planeja construir a sua própria família (casar e ter filhos) e que esse desejo é em muito influenciado pela sua religião. “Fiquei com vergonha de falar logo no início, a gente nem se conhecia daí eu já ia falar que quero casar”?

Laura (18 anos, Igreja Presbiteriana Renovada)

Laura é branca e mora em Peabiru (15 km de Campo Mourão) com a mãe e a irmã. Coursou Ensino Fundamental e Médio em escola pública. Seu sonho era cursar Psicologia, no entanto, sem condições financeiras (não há este curso em instituições públicas em Campo Mourão), optou por Turismo e Meio Ambiente, curso que, segundo ela, mais se encaixava com o seu perfil. Para tomar essa decisão levou em consideração as oportunidades do mercado de trabalho. Trabalha como garçone em um restaurante, sendo responsável pelo próprio sustento e contribuindo parcialmente com o sustento da família.

Quando tinha 8 anos, saiu (junto a sua mãe) da Igreja Católica para frequentar a Igreja Presbiteriana Renovada, na qual participa até a atualidade. Envolve-se semanalmente nas atividades religiosas e gosta da música/cântico/louvor, do acolhimento e das curas e libertações. Atualmente frequenta o grupo de jovens da igreja denominado de JUMP (Jovens Unidos Movendo Peabiru)³¹, desenvolvendo campanhas solidárias e visitas a instituições

³¹ Os jovens que pertencem ao JUMP se reúnem todos os sábados na igreja para celebrar, dançar e cantar para Deus. Ademais, realizam (junto a outros membros) cultos em praças da cidade, com o intuito de chamar a

caritativas. No ano de 2013 participou de manifestações e passeatas a favor da ética na política, contra o governo federal. Sua religião influencia o envolvimento em atividades solidárias e caritativas por meio do incentivo dos líderes religiosos, em contrapartida, acredita que sua igreja evita falar de política para não parecer que está apoiando determinado partido. Laura acredita que melhorias na educação e na saúde poderiam tornar o Brasil um país melhor.

No que diz respeito aos seus projetos de vida, Laura mencionou que pretende “terminar a faculdade, casar e ter filhos, nessa ordem, porque eu acho que pra mim, pessoalmente, eu não conseguiria fazer tudo junto. A gente precisa dar uma atenção especial para os estudos, depois para vida pessoal”. Afirmou que sua igreja sempre alerta para a necessidade das pessoas terem um bom trabalho para que possam constituir suas famílias. Apesar de saber que este alerta é mais direcionado aos meninos (para as meninas a orientação é que se casem e trabalhem junto a seus maridos), Laura afirma concordar em parte com este posicionamento, já que antes de se casar tanto homens como mulheres precisam ter uma vida estável financeiramente. Laura afirmou que “as coisas começam aqui dentro”, referindo-se ao ambiente universitário como um meio para alcançar seu objetivo profissional. Mencionou que seu trabalho de garçonne pouco tem a ver com sua área de formação, mas foi a atividade que conseguiu para conciliar com o horário de estudo.

Ricardo (28 anos, Acredita em Deus, mas não participa de religião)

Ricardo é branco, solteiro e mora em Campo Mourão com a mãe. cursou o Ensino Fundamental e Médio em escola pública. Atualmente cursa História por se interessar pelos problemas sociais e políticos. Acredita que o curso agregará conhecimento à sua vida e ao seu interesse em “compreender e interpretar os acontecimentos históricos, compreender a história política do nosso país, de coisas da nossa região, da América Latina [...] São coisas que eu já gostava de estudar e agora agregam ao meu futuro, para ter uma interpretação humana, um discernimento pela História, ajudando a ligar os fatos, compreender o nosso passado e a nossa vida”. Atualmente trabalha com publicidade e é responsável pelo próprio sustento, contribuindo parcialmente com o sustento da família. Ricardo optou por não ter religião para estudar e interpretar a doutrina de várias religiões, e não de uma só. Durante o Ensino Médio participou assiduamente de grupos estudantis e atualmente se considera engajado em busca de um país melhor, com melhores condições a todos. Relatou que é voluntário na Associação

atenção da população; entregam panfletos nas escolas convidando outros jovens a participarem de seus cultos; realizam gincanas e praticam o bem para os mais necessitados.

Mourãoense Alegria de Viver (AMAVI)³², também é filiado ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB), participou da passeata intitulada “O pré-sal é nosso”, realizada em Brasília em 2009, da manifestação pelos 10% do PIB para a Educação no ano de 2012, manifestações contra a corrupção e a favor da reforma política no ano de 2013 e, mais recentemente, em 2015 (no mesmo período em que coletávamos os dados da pesquisa), participou de manifestações na praça³³, quando as escolas e universidades públicas do estado estavam em greve, além de ter acampado (junto a outros universitários, professores e funcionários da educação) em frente ao Núcleo Regional de Educação de Campo Mourão.

Na sua concepção, seu ativismo não está atrelado a uma religião, mas sim à sua “consciência de justiça”. Acredita ser mais importante ter fé do que ter uma religião, mas também acredita que a religião contribua na formação das pessoas. Acredita que religião e política possam atuar juntas para resolver os problemas sociais e que melhorias na educação poderiam tornar o Brasil um país melhor.

Seu projeto de vida está atrelado ao desejo de seguir uma carreira política. Ricardo afirma que sua graduação contribui para o seu conhecimento, e por consequência para a sua carreira também, no entanto não considera que os estudos sejam a única forma para atingir seu objetivo. Diferentemente dos demais jovens entrevistados, a inserção no mercado de trabalho (em sua área de formação) não é o mais importante: “Eu já tenho uma profissão, estou bem nela, talvez até comece outra coisa depois [...] e independente do curso que eu faça, vai agregar conhecimento à minha vida”. Todavia, considera que o mercado de trabalho influencia na escolha de uma profissão, pois “favorece muito a nossa identificação, determina o que a gente vai querer ser, porque a gente trabalha e percebe o que gosta de fazer e o que quer para o futuro. Eu já trabalhei como artista plástico e trabalhei com publicidade. Até tentei entrar na faculdade nessa área e não consegui, mas foram os meus empregos que me despertaram o interesse em entrar para área acadêmica”.

Conhecendo, mesmo que brevemente, os jovens que participaram da pesquisa, passemos a explorar as categorias temáticas extraídas especificamente das entrevistas e que, articuladas aos dados do questionário, permitem definir alguns elementos sobre a constituição dos projetos juvenis na intersecção com o mundo da política e da religião.

³² Associação de utilidade pública em defesa dos direitos sociais.

³³ Praça Getúlio Vargas em que ocorrem diferentes atividades culturais na cidade. Localiza-se na área central, juntamente com a Catedral São José.

3.2 Projetos de vida: identidade profissional e o desejo de “ser alguém” na vida

Como refere Machado (2000), não há nada mais caracteristicamente humano do que a capacidade de ter e fazer projetos. É a partir deles que agimos sobre a realidade vivida, buscando transformá-la na direção de nossas aspirações. Neste sentido, falar em projeto é – inerentemente – falar em um futuro que se mantém em aberto, permitindo que possamos nos (re)construir constantemente, indicando o eterno vir a ser que compõe a nossa existência. Ao adotarmos a perspectiva do “vir a ser”, chamamos atenção para um cuidado que consideramos necessário: como vimos (Capítulo 2), são muitas as representações negativas acerca da juventude e dos jovens (ainda hoje vigentes), portanto, há que se ter o cuidado de não cair na armadilha de considerá-los enquanto “aquilo que ainda não chegaram a ser”. Desta consideração, nega-se a importância do presente vivido, enquanto espaço/tempo de formação, opiniões e questões existenciais, além de desprezar os jovens, que deixam de ser entendidos enquanto sujeitos, ativos e capazes (DAYRELL, 2003). Desta forma, a possibilidade de vir a ser, apontada por nós, contempla a possibilidade de identidades futuras, mas que não nega o que se é (no presente). Diante tais ponderações, passaremos agora a trabalhar com a categoria central desta pesquisa: projetos de vida.

De forma geral, dos projetos mencionados por Rebeca, Zé, Laura e Ricardo, há dois temas emergentes. O primeiro diz respeito ao projeto voltado para a carreira/inserção no mercado de trabalho e o segundo para a constituição familiar. Antes de nos aprofundarmos nestes temas, é válido mencionar que cada um dos entrevistados apresentou um modo particular de pensar o futuro, estabelecer e organizar metas e projetos de vida, tendo como aporte valores diferenciados. Isto permite dizer que a categoria projeto, ao mesmo tempo em que aparece repetida e semelhante para alguns, possui também como característica a subjetividade, portanto singular e específica para cada jovem que participou da pesquisa.

Ao indagarmos os jovens quais eram seus projetos de vida, rapidamente eles trouxeram para o diálogo o mundo do trabalho, conforme é evidenciado nas falas a seguir:

Eu quero fazer um concurso público ou trabalhar em um banco, ou em um cargo na prefeitura, eu já entrei na faculdade pensando em concurso (Rebeca, 18 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Meu objetivo é me formar e a princípio ter meu próprio negócio, ser empresário no setor de contabilidade. Eu acho que ter meu próprio negócio é ter lucro, claro, mas ter lucro com algo que eu gosto (Zé, 18 anos, Igreja Católica).

Pretendo terminar a faculdade e me inserir no meio de trabalho fazendo aquilo que eu me formei [...] gostaria de morar em Santa Catarina, acho que

lá tem mais oportunidades de trabalho (Laura, 18 anos, Igreja Presbiteriana Renovada).

Penso em futuramente investir em uma carreira política, se isso não der certo, tem um universo de possibilidades aí (Ricardo, 28 anos, Acredita em Deus, mas não participa de religião).

Os projetos mencionados por estes jovens parecem ir na mesma direção de outros estudos e pesquisas que vêm demonstrando que o estudo/profissionalização e a posterior entrada no mercado de trabalho assumem protagonismo na elaboração e constituição de projetos de vida na e da juventude (CORRÊA; SOUZA, 2015; DANZA; ARANTES, 2014; ALVES, 2013; MANDELLI; SOARES; LISBOA, 2011; DIB; CASTRO, 2010; ITO; SOARES, 2008; OJALA, 2008; GUIMARÃES, 2005).

Devemos destacar que não é somente o mundo do trabalho que se impõe a estes jovens, pois a constituição de família (embora que com menor intensidade) também foi apresentada como um desejo, retratada em um primeiro momento nas falas de Rebeca e Laura:

Na área pessoal mesmo eu quero constituir uma família, desde muito novinha eu tinha esse sonho de casar e ter filhos, é tudo bem clichê, mas essas duas coisas são bem fundamentais pra mim. Não necessariamente preciso seguir esta ordem, se eu conseguisse me formar e ter uma condição boa, mais estável, pra depois casar e ter filhos, seria melhor, mas pode ser que não... Vai que eu não consigo passar em um concurso tão logo, então não teria problema de me casar antes (Rebeca, 18 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Depois que eu me formar e estiver trabalhando na minha área, pretendo me casar e ir embora do interior (Laura, 18 anos, Igreja Presbiteriana Renovada).

Ao término da entrevista, Zé também relatou rapidamente que almeja se casar e ter filhos. Rimos juntos quando ele disse ter sentido vergonha de falar deste projeto logo no início de nossa entrevista:

Eu quero casar e ter filhos e isso tem muita relação com a minha formação religiosa. A gente falou muito mais sobre projetos profissionais né, mas eu também tenho esse projeto de família. Fiquei com vergonha de falar no início, a gente nem se conhecia daí eu já ia falar que quero casar? (Zé, 18 anos, Igreja Católica).

Diante tais posicionamentos, percebemos que a constituição familiar vem na sequência dos projetos voltados à profissionalização e ao trabalho, como se houvesse uma linearidade

entre os acontecimentos da vida: primeiro tem-se um emprego, para depois casar-se e ter filhos.

Mesmo sabendo que na contemporaneidade o curso de vida definido por etapas específicas já não se constitui mais enquanto regra para a construção das biografias dos indivíduos (LECCARDI, 2005), os projetos de vida dos jovens participantes da pesquisa são expostos sobre a base de uma sequência linear facilmente reconhecível: conclusão dos estudos, inserção no mundo do trabalho, construção de um núcleo familiar e o nascimento dos filhos. Essas etapas sintetizam mais do que sequencialidade e linearidade, pois remetem a valores simbólicos, pertencentes à sociedade e à cultura.

Os projetos de Rebeca, Laura e Zé se aproximam no que diz respeito à intenção de se inserirem no mercado de trabalho ao concluírem suas graduações e, obviamente, em suas respectivas áreas profissionais. Eles também enfatizam a importância dos estudos para atingirem seus objetivos futuros. Já no que diz respeito à constituição familiar – projeto também em comum entre eles –, compreendem que não há nada específico que possa ser feito, além do próprio curso natural da vida (em que as pessoas se conhecem, se relacionam e buscam construir suas vidas juntas), conforme exposto por Rebeca:

Olha... No que diz respeito ao meu projeto familiar, eu posso dizer que não tenho me esforçado muito. Ainda estou na faculdade estudando e isso toma mais do meu tempo agora. Eu penso que a família, encontrar alguém legal pra casar, acaba acontecendo de forma natural, quando for pra acontecer, acontecerá (Rebeca, 18 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Referindo-se ao que tem feito para alcançar seu projeto de se tornar um empresário da Contabilidade, Zé deu ênfase à busca e a aquisição de conhecimentos. Ele apresentou uma experiência que teve ao trocar de emprego no final do ano de 2014:

Eu troquei de emprego no final do ano passado. Eu fui trabalhar na Coamo, numa área nada a ver com o que eu fazia, eu troquei o que eu sabia por um salário melhor. Não deu certo, fiquei três meses e saí. Eu não sei o que está acontecendo, se é a crise, mas esse ano está complicado, está difícil de arranjar emprego, está feroz. Então pensando no meu futuro, o que eu fiz? Fui atrás de um estágio em escritório de contabilidade, dentro do que eu preciso aprender pra fazer no meu futuro. Percebi que seria melhor do que arranjar outro emprego qualquer, talvez com um salário melhor, mas que não iria me ajudar em nada. Não que seja ruim, por exemplo, trabalhar de caixa de posto, de lavador de posto, isso pode te preencher agora, mas e depois? O que isso vai agregar pra mim? (Zé, 18 anos, Igreja Católica).

De forma semelhante, Rebeca nos relatou que seu futuro profissional depende unicamente de seu esforço, enfatizando a importância do estudo e as exigências do mercado de trabalho:

Eu tenho que fazer a faculdade, tenho que estudar, tenho que tentar passar em um concurso, então depende mais de mim. É muita pressão! [...] a faculdade que eu comecei, eu tenho que terminar logo! Cada vez mais o mercado de trabalho exige pessoas novas, principalmente para começar a trabalhar e eu não tenho experiência nenhuma. Isso com certeza me cobra mais agora (Rebeca, 18 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Laura, que não conseguiu um trabalho mais aproximado de sua área de formação, também reconhece a importância dos estudos:

Agora com a greve eu só estou trabalhando, sei que deveria estar revendo os conteúdos, mas assim que as aulas retornarem eu pretendo me dedicar bastante aos estudos e continuar indo em busca dos meus sonhos, aqui dentro (universidade). Acho que é aqui que as coisas começam! Eu sou garçõete em um restaurante. Não estou inserida ainda na minha área, mas até que tem um pouco a ver, já que é um ramo alimentício. Foi o trabalho que consegui pra conciliar com o horário de estudo (Laura, 18 anos, Igreja Presbiteriana Renovada).

Em contrapartida às opiniões acima citadas, Ricardo compreende os estudos de uma forma diferente. Para ele, o curso de graduação (História) não está, necessariamente, vinculado ao seu projeto de vida (tornar-se político), embora contribua para o conhecimento que ele diz ser necessário para sua atuação política:

Eu já tenho uma profissão, estou bem nela e pretendo continuar, mas pode ser que mais pra frente eu mude, comece outra coisa. A minha formação não está ligada a ideia de projeto, e sim como algo que vai agregar à minha vida e ao meu conhecimento. A escolha pelo curso de História veio no sentido de compreender a história política do nosso país, de coisas da nossa região e da América Latina. A gente se preocupa mais em ter do que ser, e o conhecimento ajuda você a ser melhor. A gente precisa ir além! Se um dia eu conseguir ser um político, ter um casa e outros bens será por consequência do meu esforço e trabalho! Pra eu conseguir chegar a este projeto, vou precisar de muita gente em meu caminho (Ricardo, 28 anos, Acredita em Deus, mas não participa religião).

É interessante observar que Ricardo, diferente dos demais, não deseja trabalhar em sua área de formação, pois se encontra satisfeito com sua atual ocupação. Ao desejar se inserir na carreira política, Ricardo não deixa de lado outras funções ocupacionais, inclusive por

entender que, para ser um político de fato, um longo caminho terá de ser trilhado. Ele também afirma que sua graduação não está ligada à ideia de projeto, no entanto, em sua fala, o estudo é enfatizado como elemento importante para a sua constituição pessoal, assim como para adquirir o conhecimento que lhe é necessário para atuar como político no futuro.

O estudo é uma dimensão que atinge a fala de todos os jovens entrevistados, significando, de forma mais elaborada, um meio para alcançarem seus projetos. Nesta mesma direção, o quadro 8 aponta para o conhecimento (ao lado do “respeito as diferenças”) como o valor mais importante entre os jovens que responderam ao survey:

Quadro 8: Sobre a importância dos valores

Valores	Média (Total de 4)
Conhecimento	3,5
Respeito às diferenças	3,5
Igualdade de oportunidades	3,4
Respeito ao meio ambiente	3,4
Autorrealização	3,3
Dedicação ao trabalho	3
Liberdade individual	3
Temor a Deus	2,9
Lazer e diversão	2,9
Autenticidade pessoal	2,9
Convivência social	2,7
Liberdade política	2,7
Respeito aos costumes e tradições de gerações anteriores	2,5
Religiosidade	2,2
Prazer sexual	2
Obediência às autoridades	1,9

Fonte: SANTOS; MEZZOMO; PÁTARO, 2016.

Em contrapartida, a “dedicação ao trabalho” não ficou entre os principais valores, conquanto, ficou ainda à frente de valores tidos como característicos da juventude pelo senso comum como, por exemplo, a “convivência social”, o “prazer sexual” e o “lazer e diversão”.

Embasados pela compreensão de Guimarães (2005), arguimos que a centralidade do trabalho para os jovens não advém unicamente do seu significado ético, mas resulta, sobretudo, da sua urgência enquanto um problema. Nas palavras da autora, e em consonância com os dados por nós apresentados, “o sentido do trabalho seria antes o de uma demanda a satisfazer que o de um valor a cultivar” (GUIMARÃES, 2005, p. 12). Para Bauman (2003), antigamente o trabalho assumia o posto de principal valor da sociedade, haja vista permitir às pessoas controlarem seus futuros, sendo, entre outras coisas, sinônimo de riqueza.

Complementando o pensamento de Bauman, Beck (2011) salienta que atualmente o trabalho tem perdido a garantia de função protetora, portanto, já não é mais central nos projetos biográficos dos indivíduos.

Ao contrário, percebemos que o trabalho continua pertencendo ao escopo de suas projeções, porém, apoiados pela compreensão de Bauman (2003), consideramos que os projetos de vida dos jovens assumem uma característica inerente ao contexto e tempo em que vivemos, tendo um significado que transcende um valor. O sociólogo afirma que o papel do trabalho hoje é o de satisfazer as demandas individuais, sem com isso, garantir estabilidade de longo prazo.

No que diz respeito às influências que receberam ao longo da vida para a elaboração e constituição de seus projetos, percebemos que tanto a família como a religião estiveram presentes nas falas de Zé, Laura e Rebeca. No que concerne à família, eles mencionam:

Tenho este projeto profissional pensando na minha família. É justamente por minha família não ter tido essa oportunidade que eu tenho hoje, de estudar, fazer uma faculdade e tudo mais. Eles sempre me incentivaram muito (Rebeca, 18 anos, Evangélica da Assembleia de Deus).

O caso da influência familiar pra mim foi bastante. A família da minha mãe é de sítio, não estudavam muito. Minha mãe conseguiu terminar os estudos com 23 anos e já estava com 3 filhos (Zé, 18 anos, Católico).

Para Velho (1997), o sucesso traduzido em dinheiro e/ou diplomas é a ascensão social que pode conferir um novo tipo de prestígio aos jovens. Segundo o autor, o prestígio é associado a uma situação mais tradicional, de estabilidade. Regras, valores e modelos estão relativamente claros, e os indivíduos são avaliados e situados dentro de um modelo hierarquizante com categorias, em princípio, definidas. Já a ascensão está associada à mudança, transformação, tanto em termos de trajetória individual como de contexto social. Podemos observar nas falas de Rebeca e Zé o desejo de tornarem-se alguém diante às oportunidades que seus pais não tiveram, logo, mais do que prestígio, a ascensão geracional aparece como forte influenciadora na constituição de seus projetos.

Já no que se refere a religião, os trechos abaixo sintetizam sua influência:

Especificamente sobre o desejo de casar e ter filhos tem muita relação com a minha formação religiosa [...] Mas se for pensar bem, tudo o que a gente for fazer de projeto de futuro, tanto a nível profissional ou de vida, a gente não vai fazer sozinho. A vinculação religiosa envolve valores, são questões morais, então tem relação. A gente não pensa que depende tanto das coisas assim (Zé, 18 anos, Igreja Católica).

Eu sempre tive esses sonhos. Na minha igreja eles sempre dizem que a gente precisa ter um trabalho, viver bem, se sustentar e ter uma família e eu acredito que isso é preciso mesmo, não podemos ficar sozinhos para o resto da vida, né? [...] a igreja sempre está em cima dos jovens, principalmente nesses cultos de sábado, e eles sempre falam que a gente precisa estudar, se dedicar e trabalhar naquilo que a gente gosta! (Laura, 18 anos, Igreja Presbiteriana Renovada).

Desde que eu me entendo por gente nós frequentamos a mesma igreja, e a igreja tem toda uma estrutura, ou melhor, pra tudo já tem um modelo, e por já estar introduzida nesse meio desde muito cedo, a gente está acostumado a ver e acaba produzindo isso na nossa vida também, então na questão familiar acho que influencia bastante. Até na questão profissional... na igreja, nós somos incentivados a estudar. Esse incentivo até vem por meio da pregação no culto, mas vem mais da Escola Bíblica Dominical (Rebeca, 18 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Nota-se claramente nestes trechos que a religião, para estes jovens, cumpre com uma função de transmissão de modelos e valores ao incentivá-los a seguirem suas trajetórias de vida dando ênfase à constituição profissional e familiar. Ricardo, por sua vez, afirma não ter recebido influência nenhuma, orgulhando-se por fazer suas escolhas de acordo com seus próprios interesses e convicções:

Eu não tive influência nenhuma. Meu interesse pela política começou desde cedo. Desde a época do colégio eu me envolvi em atitudes de liderança [...] minha mãe até falava para eu fazer uma faculdade, mas eu me formei com 19 anos e ela nunca me forçou a nada. Foi algo que surgiu naturalmente. Meus pais odeiam política. Quando eu disse que estava entrando em uma perspectiva comunista eles disseram que era coisa do capeta. Todos os interesses que tenho são próprios, independente do que eles pensam... Eu estou contente com isso! (Ricardo, 28 anos, Acredita em Deus, mas não participa de religião).

É possível abstrairmos da fala de Ricardo que a vivência escolar, na qual pode se envolver em atitudes de liderança, exerceu algum tipo de influência, ou mesmo despontou o interesse posterior pela participação na política e, conseqüentemente, na constituição de seu projeto de vida.

De acordo com Ito e Soares (2008), as escolhas dos jovens podem ser consideradas dialeticamente multideterminadas e multideterminantes, isto porque a escolha de uma ocupação, o desejo de ascensão no mercado de trabalho e a constituição de uma família se apresentam, senão, imbricadas e umas com reflexo nas outras. Assim sendo, os projetos de vida encontram sustentação em formas institucionalizadas estáveis (seja na família, religião,

política e/ou escola), em função das quais é possível estabelecer e traçar metas, bem como desenvolver os cursos de ação para atingir esses fins (DIB; CASTRO, 2010).

Devemos destacar que, quando questionados sobre o que estão fazendo para, no futuro, alcançarem seus projetos de vida, mesmo que os jovens tenham apontado o estudo e o conhecimento como ponte para chegarem onde pretendem, as falas não denotam estratégias ou ações que concretizam tais desejos. Sendo assim, o modo de efetivação se apresenta de forma vaga e superficial, o que segundo Dib e Castro (2010) sugere desconhecimento dos mecanismos de ação que conduzem a ascensão no mercado de trabalho. Cursos extracurriculares, pós-graduação e a constante qualificação profissional, exigências atuais de um mercado de trabalho competitivo e instável, não foram mencionados pelos jovens como forma de conseguirem um emprego ou se destacarem no mercado, de tal forma que a aquisição do diploma lhes parece suficiente neste momento. Esse desconhecimento pode estar atrelado ao fato de serem ainda ingressantes no mundo acadêmico, e, portanto, ainda não se encontram familiarizados com tais questões.

De acordo com Dib e Castro (2010), profundas mudanças culturais, econômicas, políticas e tecnológicas vêm alterando a forma como os indivíduos se relacionam com o tempo e, conseqüentemente, com o devir, acarretando um estado de insegurança perante seus projetos, que, ancorados em um tempo futuro, são marcados pela imprevisibilidade. Entendemos que a falta de planos de ações corrobora com tal sensação:

O futuro me preocupa. A insegurança, o medo do que virá pela frente acaba assustando um pouco [...] Se estarei desempregado, por exemplo (Zé, 18 anos, Igreja Católica).

Pessoalmente eu acho que o futuro assusta porque está cada vez mais difícil conseguir um emprego [...] e querendo ou não o emprego é o que vai te estabilizar futuramente (Laura, 18 anos, Igreja Presbiteriana Renovada).

Eu me sinto muito insegura com o futuro! Eu tenho medo em relação à parte profissional de não conseguir um bom emprego e ficar muito frustrada (Rebeca, 18 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Esse medo de enfrentar o novo e as responsabilidades que vem com o tempo é o que mais aflige, porque a maioria ainda é sustentada pelos pais, imagina pensar que daqui a uns 10 anos você tem que estar totalmente por tua conta né, velho? (Ricardo, 28 anos, Acredita em Deus, mas não participa de religião).

O que nos chama atenção é que boa parte dos jovens que participaram da pesquisa (em ambas as etapas) trabalha, sendo eles responsáveis pelo próprio sustento, assim como pelo

sustento parcial da família. Mesmo assim, observamos que a sensação de vulnerabilidade e risco tem papel de destaque em grande parte das respostas concernentes ao trabalho (ou à falta dele). Mais uma vez, nota-se a importância desta categoria ao imaginário juvenil, mas... Por quê?

Em concordância com Giddens (1991), o trabalho é uma prática social que estrutura a vida das pessoas, por isso sua relevância na modernidade. Dentre as mais variadas esferas da vida, observamos que é o trabalho que permite e consagra a independência financeira, produz a estruturação do tempo tendo como referência uma rotina diária, favorece laços de sociabilidade, colocando os indivíduos em convívio com outras pessoas e em diferentes espaços sociais, ademais, também se configura como responsável pela produção de sentido de investimento e identidade pessoal (GIDDENS, 1991).

Especificamente para os jovens, o trabalho assume um lugar privilegiado como possibilidade de construção de autonomia e reconhecimento perante os grupos de convivência (em especial a família e os amigos). Em contrapartida, a falta de trabalho tem representado uma preocupação específica, contribuindo para aumentar a incerteza e a sensação de risco. Em “A sociedade de risco”, Ulrich Beck (2011) afirma que a importância adquirida pelo trabalho na vida das pessoas facilmente se revela em situações comuns e cotidianas, como quando dois conhecidos se encontram e perguntam: “o que você é/faz?”. O autor afirma que, se sabemos a profissão do nosso interlocutor, acreditamos saber quem ele é, de modo que temos na profissão um parâmetro mútuo de identificação, com o qual contamos para avaliar as necessidades e capacidades pessoais e a posição econômica e social daquele que a tem.

É por ser um meio de inserção social e efetivação de padrões e estilos de vida, que o trabalho assume caráter emergencial na juventude, conforme nos afirma Guimarães (2005), mas também é pela sua ausência (pelo não-trabalho, pelo desemprego) que o mesmo se destaca, ganhando centralidade nos discursos e demandas juvenis, conforme comunicado pelos jovens participantes da pesquisa.

Faz-se importante ressaltar que quanto ao medo de não conseguirem trabalhar em suas áreas de formação, segundo o relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2012), cerca de 75 milhões de jovens estavam desempregados no mundo no ano de 2012, representando um aumento de mais de 4 milhões desde 2007. Na América Latina, existem cerca de 108 milhões de jovens, dos quais 56 milhões fazem parte da força de trabalho (têm um emprego ou estão em busca de uma ocupação) e, mesmo que a taxa de desemprego tenha baixado em 16,4% do ano de 2005 para 2011, os jovens de 15 a 24 anos continuam a enfrentar dificuldades para encontrar um emprego. No que se refere ao emprego de qualidade,

55,6% dos jovens ocupados conseguem emprego em condições de informalidade, o que geralmente implica em salários baixos, instabilidade laboral e carência de proteção e direitos (OIT, 2014).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o desemprego no Brasil é historicamente maior entre jovens, e os resultados da Pesquisa por Amostra de Domicílios Contínua, realizada no segundo trimestre de 2015 (abril-junho), corroboram com esta prerrogativa: 24,4% das pessoas entre 14 e 17 anos estão desempregadas, para os jovens de 18 a 24 anos o índice é de 18,6%, enquanto que, para a população de 25 a 39 anos, a taxa abaixa para 7,9%. Vale destacar que, dentre as faixas etárias que compreendem os jovens participantes da nossa pesquisa (18-24 e 25-39), o maior índice de desocupação se concentra nas regiões Norte e Nordeste do País. Outro dado relevante é que a taxa de jovens desempregados com Ensino Superior completo (4,1%) é consideravelmente menor em relação à taxa daqueles que possuem o Ensino Médio completo (9,9%) (IBGE, 2015). Diante destes dados, consideramos significativa a preocupação dos jovens que, pautada em informações como estas, evidenciam a escassez de oportunidades de inserção juvenil no mercado de trabalho. Em contrapartida, os mesmos dados indicam que as oportunidades para os jovens participantes da pesquisa são mais favoráveis no que diz respeito à localização geográfica em que estão inseridos, assim como o nível de escolarização que estão adquirindo.

O trabalho, atualmente, é considerado uma das atividades sociais mais valorizadas e que permitem a consolidação de uma identidade (calcada na profissão/ocupação) reconhecida pelos outros e pela sociedade. Nas palavras de Dubar (2012), é fonte de identificação social. “Quem é você? Chamo-me Thaís e sou Psicóloga!” ou ainda, “Sou Psicóloga e estou fazendo mestrado para me tornar Professora”. Percebemos que o trabalho permite situar o lugar de quem fala, e descrever-se por meio de sua ação, ao falar daquilo que se é como pessoa, a referência ao trabalho constitui-se como um dos principais processos de identificação (DUBAR, 2012).

Já havíamos mencionado que, ao projetar o futuro, projeta-se também quem se pretende ser, neste sentido, por mais que a estabilidade financeira seja um dos elementos presentes na constituição dos projetos de vida dos jovens, percebemos que o que os fundamenta e estrutura é a possibilidade de “ser alguém” por meio da identidade profissional (também relacionada ao desejo de ascensão geracional), identificada durante as entrevistas e sintetizadas nos trechos abaixo:

Eu acho que no futuro teremos muita competição e por isso mesmo não será fácil ser reconhecida pelo o que faço (farei) (Rebeca, 18 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Sabe... Eu acho que não importa qual a profissão escolhida, até porque o profissional quem faz somos nós mesmos, por isso precisamos nos dedicar bastante para sermos bons e reconhecidos no futuro (Laura, 18 anos, Igreja Presbiteriana Renovada).

Como eu tinha dito, as pessoas estão preocupadas em ter. Eu quero mais, quero ser. Para ser um bom político preciso contar com muitas pessoas, mas se esse meu projeto vai dar certo mesmo, só meus futuros eleitores poderão dizer! Risos (Ricardo, 28 anos, Acredita em Deus, mas não participa de religião).

Meu curso influencia muito na ideia do financeiro né, de querer ter lucro e tal, mas meu projeto vai além também... A gente sabe que ambiente de trabalho não é nada fácil... Então imagina se eu conseguir ser um grande empresário naquilo que eu gosto? (Zé, 18 anos, Igreja Católica).

É válido mencionar que o desejo de “ser alguém” não foi verbalizado deliberadamente, de forma intencional, mas por nós apreendido enquanto elemento fundante de seus projetos de vida, que compatíveis aos referenciais teóricos que nos apropriamos, recebe sustentação empírica.

Por fim, compreendemos que os jovens da pesquisa projetam-se a partir de papéis profissionais que lhes permitirão a elaboração de uma identidade mais ou menos sólida, respeitada e gratificante (seja como Empresário da Contabilidade, Servidora pública, Turismóloga e/ou Político). Eles atribuem ao trabalho possibilidade de se ter uma posição desejável, uma identidade pessoal socialmente aceitável. Do desejo de “ser alguém”, pudemos perceber a influência que exercem – à sua maneira e para cada jovem – as esferas religiosa, familiar e política. Estas influências, exercidas, sobretudo, por meio de participação, serão analisadas com mais profundidade no tópico a seguir.

3.3 Participação juvenil: entre vínculos e representações

Este tópico é destinado à compreensão das formas de participação dos jovens e as possíveis correlações com a constituição e consolidação de seus projetos de vida. De forma geral, já pudemos perceber que a participação dos jovens concentra-se mais em atividades de cunho religioso do que em atividades tradicionalmente consideradas políticas. Dos jovens que participaram da etapa da entrevista, apenas Ricardo é filiado a um partido político. Os demais mencionam participar de atividades solidárias, embora já tenham participado de manifestações populares contra medidas do governo (tanto federal como estadual). Estas

considerações nos permitem repensar e conjecturar sobre os diferentes tipos de vínculo e participação dos jovens na contemporaneidade. Esta é a tarefa pela qual nos debruçaremos a seguir.

Conforme pudemos verificar no capítulo 2, o debate sobre a participação juvenil, presente tanto na literatura nacional como internacional, parece ter girado em torno de duas questões centrais que, em parte, se autoexcluem: (1) a de que os jovens não participam; (2) a de que os jovens participam numa nova perspectiva (BOGHOSSIAN; MINAYO, 2009).

Primeiramente, há que se deixar claro que o conceito de participação possui uma alta carga simbólica composta pelo caráter ideológico da estrutura social, de modo que é preciso ser compreendido em consonância com o contexto em que os jovens estão inseridos, além de analisado de acordo com a própria concepção juvenil (BOGHOSSIAN; MINAYO, 2009). No entanto, partimos da definição genérica dada por Nirenberg (2006, p. 121) em que participar é “estar envolvido, tomar parte ou influenciar nos processos, nas decisões e nas atividades num contexto ou campo de ação em particular”.

Neste sentido, Carrano (2012) contribui ao propor que, para aferir a qualidade de um processo de participação juvenil, não basta apenas preocupar-se em saber se os jovens querem ou não participar deste ou daquele processo social e político, mas perceber até onde esses, enquanto indivíduos ou coletivos, podem chegar com sua participação, no sentido de influenciar decisões e, claro, projetos.

Diante de tais considerações, iniciaremos abordando tanto a participação como a representação dos jovens no que concerne ao campo político e social, sendo que, na sequência, as mesmas questões serão arguidas sobre a religião. Buscaremos também encontrar possíveis correlações entre os dois campos, assim como a forma como influem na constituição de identidades e projetos de vida.

Ao perceber – por meio dos dados coletados com o survey – pouca participação em atividades tradicionalmente atreladas ao fazer político (Gráfico 8, p. 77), interpelamos os jovens sobre como percebem a participação juvenil no cenário político e social. Suas respostas foram em direção ao desinteresse atual, justificado por representações negativas que circundam o meio político (é válido mencionar que, em um primeiro momento, os jovens referiram-se à política enquanto sinônimo de partido):

Eu não vejo interesse dos jovens em participar da política por causa dessa imagem que nós temos mesmo da política no Brasil que em geral é muito feia, ruim (Rebeca, 18 anos, Igreja Assembleia de Deus).

É que a política ficou com tanta corrupção que o jovem vê a política de forma errada, negativa (Zé, 18 anos, Igreja Católica).

Eu acho que não tem muito interesse dos jovens na política por causa dessa imagem ruim que ela tem [...] acho que os jovens não se interessam porque ainda não caiu a ficha de que isso é preciso, que eles podem ajudar de alguma forma a política a melhorar (Laura, 18 anos, Igreja Presbiteriana Renovada).

Até mesmo Ricardo, que se considera ativista em causas políticas e sociais, menciona uma possível “despolitização” juvenil:

Eu acho que o jovem cresce cada vez mais despolitizado. Como já trabalhei em algumas ONGs, percebo que é difícil achar jovem com interesse parecido. É mais fácil ver participação política dentro das universidades através de DCE (Diretório Central de Estudantes) e também dos Grêmios estudantis, mas mesmo assim, são poucos que se envolvem (Ricardo, 28 anos, Acredita em Deus, mas não participa de religião).

Das representações negativas, mencionadas por Zé, Rebeca e Laura, apoiamo-nos em Mesquita e Oliveira (2013, p. 3), quando afirmam que a dimensão política tem se encontrado, de fato, “desgastada por imagens que a associam com práticas clientelistas, corruptas, de indiferença às desigualdades sociais e a um sentimento coletivo de não representatividade”.

Neste sentido, Ribeiro (2004, p. 27) afirma que “a política é uma área desenergizada em nosso tempo”. Pode parecer estranho que ela sofra tal desapareço, afinal, como nos afirma o autor, diminuíram-se as ditaduras e aumentaram-se as liberdades, no entanto, ela continua a aparecer aos olhos da maioria como um caminho que não leva a lugar nenhum e, portanto, pouco fecunda.

Já que a política encontra-se desgastada, é possível que a energia – ou o sangue novo – para a política venha justamente de fora dela. Ribeiro (2004) menciona que esta energia vem, sobretudo, de duas fontes: dos movimentos sociais e da indignação ética. Os movimentos sociais a que Ribeiro se refere são aqueles que foram desdenhados pelo establishment ao longo do tempo e que, em nosso país, assumem, desde 20 ou 30 anos, papel cada vez mais importante. Já a indignação ética configura-se pela politização do que antes não era politizado. Trata-se de uma ascensão, tendo em vista que as pessoas passam a ter consciência política após terem vivenciado traumas e injustiças, e se dispõem a lutar por um mundo melhor.

É válido mencionar, assim como Carrano (2012), que as clássicas formas de participação feitas em agremiações estudantis e partidos políticos ainda possuem significado

na arena pública, entretanto, elas co-habitam com novas formas e conteúdos de associativismo juvenil, a exemplo dos jovens desta pesquisa. Para Carrano (2012), evidencia-se que jovens de diferentes estratos sociais demonstram rejeição ao ofício da política profissional, o que, para o autor, é um sinal preocupante, tendo em vista que a baixa confiabilidade na política consequentemente fragiliza a institucionalidade democrática que se organiza na base da representação partidária. Esta desconfiança mencionada por Carrano é exemplificada por Rebeca, quando menciona que as pessoas têm medo de se corromper e/ou não conseguir mudar o que já está posto na política:

Eu pelo menos não me envolveria com política, é até errado pensar assim, porque tem pessoas boas que não mudam a política por medo do que já está posto. Como a política é vista de forma ruim, as pessoas boas têm medo de participar [...] É o medo de não conseguir fazer a diferença, mas também medo de se corromper! A política é uma coisa complicada (Rebeca, 18 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Mais uma vez, acentua-se a representação negativa dos jovens no que se refere à política. Carrano (2012) afirma que a família e a escola – tradicionais agências de socialização – parecem não estar oferecendo sólidos e resistentes suportes para a promoção da socialização política como meio privilegiado de transmissão de comportamentos, escolhas, preferências, bem como de representações do mundo. Continua o autor:

Pode-se dizer que, de um modo geral, são incipientes os estímulos dados pelo “mundo adulto” para o envolvimento de jovens em processos de participação que poderiam aumentar o capital político orientado para valores democráticos. Ao mesmo tempo, é esse mesmo “mundo adulto” que não se cansa de repetir que os jovens são apáticos, que não se interessam pela política (CARRANO, 2012, p. 95).

Corroborando com a ideia de Carrano, apropriamo-nos de questionamento feito por Damon (2009, p. 77): “os jovens alguma vez já foram guiados por um senso de dever cívico ou dedicaram-se a propósitos sociais e políticos além da própria vida diária?”. Para responder tal interrogação, utilizamo-nos de trechos da entrevista realizada com Ricardo, em que o mesmo correlaciona os estímulos gerados para a participação política com a participação religiosa:

Nunca ninguém me convidou para participar de política, agora para a igreja... Em qualquer canto tem gente distribuindo panfleto, pregando a palavra, tá ligado? Então é muito mais atrativo! Aonde você vai tem alguém pra te dar um conselho vinculado à religião [...] eu já acho que as pessoas

vão mais pra religião porque têm pais e mães que são da igreja, então a influência familiar tem bastante efeito. Até porque são poucos os pais que participam da política para influenciar os filhos a participarem também (Ricardo, 28 anos, Acredita em Deus, mas não participa de religião).

Faz-se importante destacar que, antes de se inserir no partido político, Ricardo já havia participado de grêmios e movimentos estudantis, tendo sido o ambiente escolar do Ensino Médio espaço para socialização e despontamento do ideário de mudanças sociais, diferente do que propõe Carrano (2012). Apesar de Ricardo afirmar que seu interesse pela política apenas surgiu, sem saber indicar os motivos que contribuíram para tal surgimento, a escola apareceu em sua fala por diferentes momentos da entrevista:

Meu interesse pela política começou desde cedo. Desde a época do colégio eu me envolvi em atitudes de liderança [...] eu não nasci querendo fazer política, fazer o bem pra todo mundo. Não nasci querendo ser presidente, até porque acho isso muito extremo. As coisas foram acontecendo, eu fui percebendo certos caminhos. Foi algo que surgiu naturalmente [...] um pessoal do colégio falou que queria montar um grêmio e ninguém queria assumir a liderança. Aí me inseri... Nisso eu abri espaço pra conhecer pessoas e continuar na política (Ricardo, 28 anos, Acredita em Deus, mas não participa de religião).

Rebeca e Zé também nos contaram que na época da escola participaram de grêmios estudantis. No entanto, e segundo seus próprios relatos, suas preocupações atuais se configuram por outras questões (como no caso do trabalho, mencionado em tópico anterior). Zé chegou a afirmar que os jovens encontram-se centrados em si mesmos, deixando de lado um senso maior de coletividade. Para ele, a universidade poderia desempenhar um papel mais ativo e positivo:

Se a política for ensinada desde cedo e bem explicada, tende a ser muito positiva. Se tivesse uma matéria na faculdade ia ajudar muito (Zé, 18 anos, Católico).

Diante o relato destes jovens, percebemos que a participação ativa na vida escolar constitui um fator importante em suas histórias de vida, favorecendo a identificação com o universo político-social e, especificamente no caso de Ricardo, favorecendo também seu ingresso tanto no partido como em outros grupos de militância. De modo geral, é possível apurar que a universidade pode não estar correspondendo ao mesmo papel social desempenhado pelas escolas desses jovens. Sobre esta questão Ricardo deu a sua opinião:

Mas que nem agora com a questão da greve, a gente não tem grêmio, não vemos líderes de classe – esse tipo de organização – lutando em prol e em direito dos alunos e também reivindicando os direitos dos professores. Os grêmios seriam muito importantes nisso (Ricardo, 28 anos, Acredita em Deus, mas não participa de religião).

Em direção oposta à representação negativa dos jovens acerca da participação política está a participação religiosa, delineada pelas falas de Laura, Zé e Rebeca como sinônimo de bondade:

Eu acho que os jovens participam da igreja porque se sentem mais aconchegados, sentem amor, se sentem amados (Laura, 18 anos, Igreja Presbiteriana Renovada).

Acho que é uma questão de fé. É muito pessoal, não tem algo específico, que todos sentem a mesma coisa! Na igreja você aprende a fazer o bem, ela tem esse papel (Zé, 18 anos, Igreja Católica).

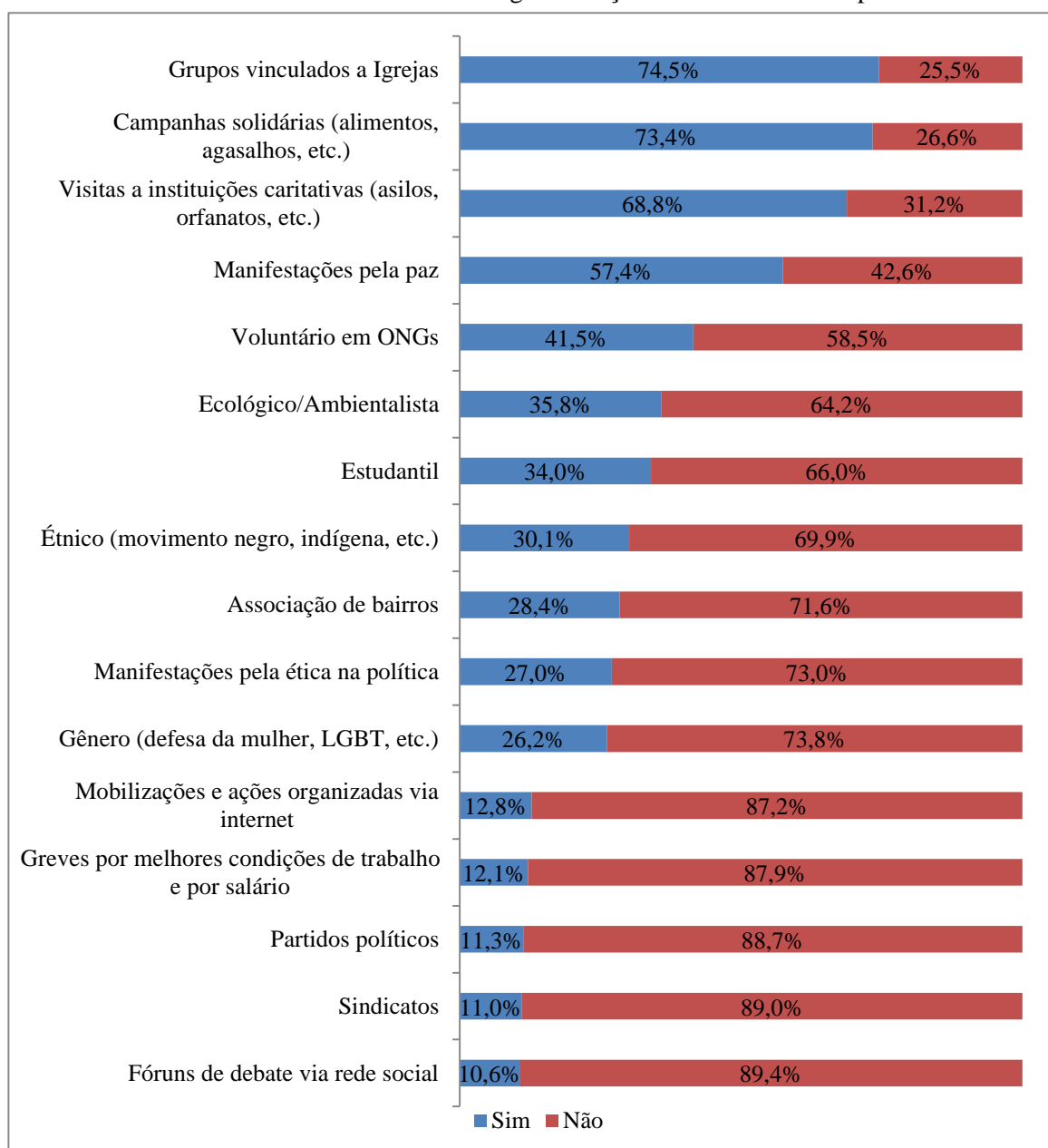
Eu vejo a igreja de uma forma oposta a política, porque na igreja a gente tem essa visão de coisas boas, coisas certas e de amor, e na política – pelo menos se a gente levar em conta o que a imprensa passa pra gente – é o oposto disso. Então acho que as pessoas acabam indo mais para o lado do bem (Rebeca, 18 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Ricardo já havia mencionado que, em sua opinião, a participação religiosa se dá, sobretudo, pela influência familiar. De forma semelhante pensa Rebeca:

Acho que a maioria, pelo o que eu vejo, é porque se a gente já cresce nesse meio, já é acostumado desde pequeno, vendo as pessoas a nossa volta a participar, a gente acaba sendo influenciado. Eu digo que fui criada dentro desta igreja, então nunca parei pra pensar se eu gostaria de ir em outra igreja mesmo que fosse só pra conhecer. Nunca pensei em sair desta igreja e ir pra outra, porque já estou acostumada e a minha educação veio dali. Os jovens acabam frequentando, por fazerem as mesmas coisas que os pais fazem (Rebeca, 18 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Ao retomarmos os dados obtidos com aplicação do survey, a grande participação dos jovens em grupos vinculados a igrejas (64,9% Gráfico 8, p. 77) nos permite afirmar que a esfera religiosa além de pertencer ao cotidiano juvenil da grande maioria, também tem configurado um papel de engajamento, de ordem social. Isso porque, quando questionados se suas religiões/crenças promoviam ou incentivavam a participação em atividades específicas, obtivemos maior número de respostas afirmativas para campanhas solidárias (73,4%) e visitas a instituições caritativas (68,8%), conforme é possível observar no gráfico abaixo:

Gráfico 10: Sobre o incentivo da religião/crença em atividades sócio-políticas



Fonte: SANTOS; MEZZOMO; PÁTARO, 2016.

Destes dados, podemos afirmar, ainda, que os estímulos da religião são incipientes no que se refere à participação política (11,3%), complementado pela fala de Laura:

A minha igreja não incentiva a participação, eles até evitam falar de política para não parecer que eles estão apoiando determinado partido. Isso é um pouco ruim, porque, se eles influenciassem, com certeza as pessoas participariam, porque, da mesma forma que você vai ao grupo da igreja, você pode ir ao grupo político também (Laura, 18 anos, Igreja Presbiteriana Renovada).

Ainda sobre o incentivo da igreja em atividades de cunho solidário, selecionamos alguns trechos das entrevistas que coadunam com os dados apontados pelo gráfico 10:

A minha religião incentiva sim. As igrejas, em geral, têm bastante dessas campanhas de cunho solidário (doação de roupa, doação de sangue, até doação de órgãos), como a igreja prega essa ideia de amor ao próximo, então acaba sendo incentivado a praticarmos essas ações. A minha igreja tem um trabalho em que todo primeiro domingo do mês, a gente faz uma arrecadação de alimentos com a igreja toda, daí a gente monta as cestas básicas. Doação de sangue também, algumas vezes no ano. Eu me sinto bem fazendo isso, só não doei sangue ainda porque eu tenho um pouco de medo (Rebeca, 18 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Minha igreja incentiva essa participação, inclusive semana passada fizemos uma campanha do agasalho. Eles também arrecadam dinheiro na igreja para dar cesta básica às pessoas que não têm condições, então com frequência a gente realiza essas atividades (Laura, 18 anos, Igreja Presbiteriana Renovada).

Na igreja a participação social está muito vinculada à arrecadação de alimentos e campanha de agasalhos. O jovem na igreja não tem como fazer muita coisa além, é tipo isso, ajudar (Zé, 18 anos, Igreja Católica).

A participação em campanhas solidárias atingiu, de fato, alto índice percentual (66% Gráfico 8, p. 77), portanto nos permite afirmar que configura um modo de inserção dos jovens na esfera social. Devemos esclarecer que, se os jovens demonstraram se envolver em atividades solidárias, qualquer consideração de que eles sejam apáticos ou desinteressados é enfraquecida, pois há uma intenção de fazer o bem e ajudar o próximo, preocupando-se com contextos e pessoas menos favorecidas, mesmo que tais preocupações não resultem em mudanças nas macroestruturas sociais.

Para Castro, Pérez e Seixas (2010), o trabalho solidário se destaca como uma das formas de engajamento e participação política e social das quais os jovens mais participam hoje em dia. No entanto, por trabalho solidário, as autoras entendem “a adesão e o engajamento dos jovens a uma causa e a um coletivo que, necessariamente, articulam uma ação com o objetivo de transformar as condições de injustiças e desigualdades sociais” (CASTRO; PÉREZ; SEIXAS, 2010, p. 42). As autoras ainda ressaltam que o trabalho solidário se diferencia de um modo convencional de participação, que acontece dentro de grupos com regras previamente definidas e formas de ação estruturadas e hierárquicas, como, por exemplo, o exercício por meio de partidos, sindicatos e movimentos estudantis. Pode ser considerada enquanto uma forma de participação política e social, caso parta do objetivo de

mobilização frente às injustiças e desigualdades sociais vividas por outras pessoas (CASTRO; PÉREZ; SEIXAS, 2010).

Compreendendo, portanto, que a participação política ocorre por diferentes formas e estratégias (não sendo, unicamente, sinônimo de partidarismo), questionamos aos jovens se eles consideravam suas participações solidárias como políticas. Ricardo, em um primeiro momento, alegou que qualquer atividade que tenha como intuito o bem coletivo, deve ser considerada uma ação política:

O que a gente chama de política é essa questão partidária e eleitoral, mas todo trabalho social, movimento e/ou hierarquia é política. A política, acredito eu, é uma movimentação social, em prol de um bem maior. (Ricardo, 28 anos, Acredita em Deus, mas não participa de religião).

Laura e Rebeca também emitiram suas representações:

Eu acho que diferente da política, que a gente entra e fica com medo do que acontece lá dentro e tudo mais, no trabalho solidário a gente vê uma recompensa, não é financeiro nem nada, mas quando você faz um trabalho e vê a pessoa agradecendo e você sabe que ela estava precisando, isso muda uma vida [...] Por este motivo acho que a participação solidária pode ser considerada uma forma de fazer política sim [...] mas pensando bem, acho que o trabalho solidário atrai mais pessoas justamente por não parecer política, quando a gente faz, a gente não pensa que pode estar fazendo uma forma de política! (Rebeca, 18 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Acho que os jovens participam mais desse tipo de atividade porque você vê o retorno, o ato vai causar um retorno, você vai ver o outro bem e feliz e na política isso é mais difícil, é difícil ver um retorno dos políticos (Laura, 18 anos, Igreja Presbiteriana Renovada).

Notamos, claramente, nos trechos apresentados, que a participação neste tipo de atividade está vinculada ao retorno imediato de suas ações, o que pela via partidária não parece acontecer. Devemos lembrar que a ação política institucional tem sido criticada por ser, além de corrupta, inerte. É por este motivo que percebemos que o trabalho solidário até pode configurar uma visada política ao tentar construir ou mesmo reformar a sociedade a partir de ações menores e mais próximas aos jovens, como afirmou em entrevista a pesquisadora Lucia Rabello de Castro (SERAFIM; BONINI, 2015).

Em contrapartida, percebemos que a solidariedade praticada pelos jovens assume uma ótica benevolente, movida por causas humanitárias, cujo argumento maior é o de fazer o bem aos que dele necessitam. Esta perspectiva beneficente é pontual e imediata, não chegando a atingir um status de engajamento, haja vista não conduzir a uma leitura política do mundo,

nem favorecendo o questionamento sobre o funcionamento geral da sociedade e as situações de desigualdade e/ou injustiça social, como esclarecem Castro, Pérez e Seixas (2010).

Nesta mesma perspectiva, Ricardo nos afirmou que, em sua opinião, é só a partir de uma organização maior (no caso a política partidária e legislativa) que as condições de vida das pessoas podem mudar:

Quando você começa a pensar com mais profundidade, a solidariedade é um ato egoísta! Você faz o bem para alguém, isso é inconsciente, para se sentir bem com você próprio do que realmente ajudando ela [...] é muito mais fácil ajudar o próximo, do que lutar por um próximo ou por todos [...] Eu vejo que a participação social e solidária é politizada, mas até que ponto? A intenção não é mexer em leis, por exemplo. A intenção é fazer algo mais filantrópico, organizar eventos que agreguem jovens da própria comunidade que eles estão inseridos. Pelo legislativo é possível fazer mais! (Ricardo, 28 anos, Acredita em Deus, mas não participa de religião).

De forma semelhante, Zé opinou:

O problema é a sociedade que é muito individualista. A gente passa ali na praça e direto tem os carinhos deitados, alguns até levam comida, mas porque ninguém leva eles para uma instituição, um asilo ou até mesmo indica um trabalho? Sei lá... Invés de alimentar todo o dia, dedicar um pouco mais do tempo para dar um final aquela situação (Zé, 18 anos, Igreja Católica).

Assim, a participação dos jovens em atividades voluntárias e solidárias é marcada por valores da condição juvenil contemporânea, a exemplo do prazer de estar junto, o convívio e a amizade, como afirmam Castro, Pérez e Seixas (2010), aproximando-se da ideia de tribos, proposta por Maffesoli (1999). Há que se destacar que, nesse movimento, encontram-se entrelaçados processos de construção identitária no horizonte das injunções do contemporâneo (CASTRO; PÉREZ; SEIXAS, 2010).

Neste sentido, notamos que a participação dos jovens em atividades solidárias é, em muito, incentivada pelas instituições religiosas das quais estão inseridos. Para os jovens, tais atividades também podem ser consideradas políticas, percebemos, então, que há uma imbricação do campo religioso sobre o campo político, visto aqui como uma forma de pensar no coletivo e no bem maior. Desta forma, as atividades a que se vinculam os jovens participantes desta pesquisa, mesmo de formas distintas, suprimem a ideia de apatia e conformismo. A responsabilização frente ao destino comum pode encontrar em diferentes vias as fontes de participação (CASTRO, 2008). Entretanto, consideramos pertinente a afirmação de Ricardo, exposta no último trecho, pois nos permite pensar até onde os jovens podem, através da solidariedade, mudar de fato o status quo, principalmente ao levarmos em

conta a pauta imediatista e pontual observada nos relatos dos jovens entrevistados em contraponto à necessidade da participação coletiva e da adesão à causas que visem à transformação social e ao enfrentamento das injustiças e desigualdades, características que contribuem para a definição de uma participação politicamente engajada.

Dos resultados discutidos neste tópico pudemos perceber que a maioria dos jovens da pesquisa tem se envolvido em atividades religiosas e solidárias, o que não significa que eles não saibam opinar sobre o campo político. Da mesma forma aconteceu com Ricardo que tem uma participação ativa e militante no campo político e mesmo não possuindo uma religião, sabe falar a respeito. Desta constatação, onde não há participação, há representação, o que para nós é de extrema importância.

Entendendo que a constituição identitária – calcada no desejo de “ser alguém” na vida – revelou-se um elemento importante na constituição dos projetos de vida dos jovens e, diante nossos objetivos, interpelamos a eles de que forma suas participações (seja no âmbito religioso, político e social) contribuem para sua formação pessoal. Abaixo os trechos que sintetizam suas opiniões:

O que eu sou hoje com certeza é por causa da igreja [...] para mim é difícil falar da política porque eu não frequento né, mas acho que contribui também, abre a mente da pessoa. Agora sobre a participação social, contribui muito, afinal não adianta você ser uma pessoa bem sucedida, se for egoísta (Laura, 18 anos, Igreja Presbiteriana Renovada).

Na questão do caráter... Nada contra quem não tem formação religiosa, mas quem participa de religião tende a ser melhor, não posso dizer de todo mundo, falo por mim. A gente tem a noção de bondade, de fazer o bem ao próximo. Isso faz da gente pessoas melhores. Sobre as outras participações... muita gente pensa que igreja não tem caráter social, na política só tem ladrão, mas a partir do momento que você realmente participa você cresce. Mas é a política que te ensina leis, a saber o que é certo e o que é errado, então tende a complementar e formar um bom caráter, ou não! Risos (Zé, 18 anos, Igreja Católica).

Eu acho que a igreja tem bastante influencia na formação das pessoas, no caráter, nos valores. A gente aprende as atitudes que são boas e aquelas que não são, a gente estuda a bíblia... Pelo menos no meio que a gente segue e acredita então é um pouco mais difícil uma pessoa ter uma atitude errada se ela já está acostumada a seguir os ensinamentos da igreja e da família também [...] Todas as pessoas que participam de trabalhos sociais são pessoas um pouco melhores, não que as outras não sejam, mas uma pessoa que consegue se doar, sem esperar algo em troca, algo material, ela com certeza é uma pessoa boa, melhor. Sobre a política, se a pessoa tem conhecimento político, se interessar por essa área, ela pode até descobrir que nem é tão terrível assim como a gente imagina, mas por outro lado, pode fazer com que ela se iguale a maioria que aparentemente fazem as coisas ruins e acabam atingindo a gente também de certa forma. Então pode

influenciar de uma forma boa, mas também negativa (Rebeca, 18 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Ah.. A religião exerce influência sim, talvez na forma como as pessoas devem agir. Mas não acho que seja tanto, pelo menos não pra mim. Acho que pela política e pelas participações sociais você aprende a respeitar o espaço do outro, saber dos seus direitos. Se você participa, por exemplo, de um projeto em uma comunidade, você vai aprender muito sobre aquele espaço, sobre as condições das pessoas, etc. Você deixa de ver as coisas de forma individual, você começa a ver de forma macro, como um todo. Você se conscientiza que seu mundo não é só aquilo, você entra em contato com outras realidades (Ricardo, 28 anos, Acredita em Deus, mas não participa de religião).

Destes trechos notamos que para os jovens religiosos (Laura, Rebeca e Zé) a religião configura-se como uma forte influenciadora em suas constituições identitárias e, conseqüentemente em suas projeções também – pelos valores e ensinamentos que lhes são transmitidos tanto pela instituição religiosa (igreja) como pela família. Esta questão já havia sido mencionada no tópico anterior, e unida aos dados aqui apresentados nos permitem afirmar que, ao contrário do discurso comumente proferido – de que a juventude perdeu as crenças, abandonou as práticas religiosas e afogou-se no individualismo –, os dados produzidos a partir da pesquisa de campo revelam que a religião está presente no cotidiano dos jovens universitários, assim como na constituição de seus projetos de vida. De acordo com Alves (2004), o que parece estar acontecendo hoje no ambiente universitário é que os jovens aparentam não mais colocar em dúvida a existência ou não da religião, mas estão interessados pelo seu estudo, pelas suas relações com o mundo contemporâneo (como no caso de Ricardo) e com o auxílio social e pessoal que as religiões ainda podem realizar (como observado em Laura, Rebeca e Zé).

A partir dos dados apresentados e das discussões realizadas neste tópico, é possível afirmarmos que não são questões de cunho coletivo que vem mobilizando e ganhando destaque na constituição dos projetos de vida de Laura, Rebeca e Zé, já que é do universo pessoal que surge a preocupação com o futuro profissional. Deste futuro profissional observamos o desejo de ascensão, estabilidade e constituição da identidade. Em contrapartida, o projeto de vida de Ricardo agrega interesse pessoal (também de constituição identitária e, mesmo estabilidade) ao desejo de mudança social. Desta maneira, percebemos a individualização como um processo contemporâneo que atravessa a construção das trajetórias juvenis. Nas palavras de Souza e Castro (2014, p. 170-171), “os desejos e ações dos jovens se apoiam, sobretudo, em um “eu” que desenha, sonha, age; sem que sejam percebidos ou relatados aspectos sociais que possam determinar o processo de subjetivação, e como esse

“eu” emerge a partir das determinações de sua condição de existência”. Ricardo chegou a mencionar o individualismo como uma tendência capitalista:

essa questão do individualismo é cada vez mais frequente. Estamos em uma sociedade voltada para o capital. Nossa educação é para o crescimento pessoal, enriquecimento próprio. Vai dizer que a maioria dos jovens não está aqui na faculdade pra arranjar um emprego e depois ganhar dinheiro? São muito poucos os que pensam em usar esse conhecimento em prol de todos. Infelizmente não temos uma formação voltada para o interesse social (Ricardo, 28 anos, Acredita em Deus, mas não participa de religião).

Sobre a influência religiosa, devemos lembrar que a religião tinha um lugar central nas sociedades ditas pré-modernas, sendo decisiva para o conceito definido por Durkheim. Para este sociólogo (citado por BERGER; LUCKMANN, 2012) a religião é uma espécie de dossel simbólico que se estende por toda a sociedade, reunindo interpretações comuns da realidade e fornecendo o fundamento de uma moral universal. Com o processo de secularização, a religião perde, em parte, sua centralidade na sociedade, e, como afirmam Berger e Luckmann (2012), é justamente em decorrência desta perda que a religião, enquanto instituição intermediária, pode desempenhar um papel positivo na vida dos indivíduos.

Encerramos este tópico com um trecho da entrevista realizada com Rebeca, que melhor explicita o papel positivo desempenhado pela religião em sua vida, favorecendo a efetivação de seus projetos:

A participação religiosa como eu tinha dito, é o que me dá um rumo. Eu acho que a fé me ajuda a efetivar meus projetos de vida. Na igreja a gente é ensinado a cada dia a fortalecer a fé, a acreditar em um Deus que nos ajuda, então mesmo na questão profissional e familiar, a partir do momento que a gente acredita que tem um Ser que cuida da gente, que pode dar força e tudo o mais que a gente precisa pra conquistar, a gente fica com mais força de vontade, mesmo sabendo que pode dar algo de errado até chegarmos ao nosso objetivo final, vai dar tudo certo, porque a gente se sente seguro, pois tem alguém por de trás guiando nosso caminho. Todas as religiões têm um Ser superior e a fé nele, em qualquer religião, ajuda muito (Rebeca, 18 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Complementando, Berger (2001) diz que as instituições religiosas podem até ter perdido o seu poder de influência nas sociedades modernas, conquanto, as práticas religiosas permaneceram presentes na vida das pessoas. A religião revelou-se, em nossa pesquisa, enquanto uma instituição capaz de transmitir valores, normas e condutas que ajudam os jovens a constituírem suas trajetórias de vida, mostrando-lhes o caminho que deve ser trilhado. Ao trilhar este caminho, a fé tende a fortalecer suas convicções e desejos e amenizar

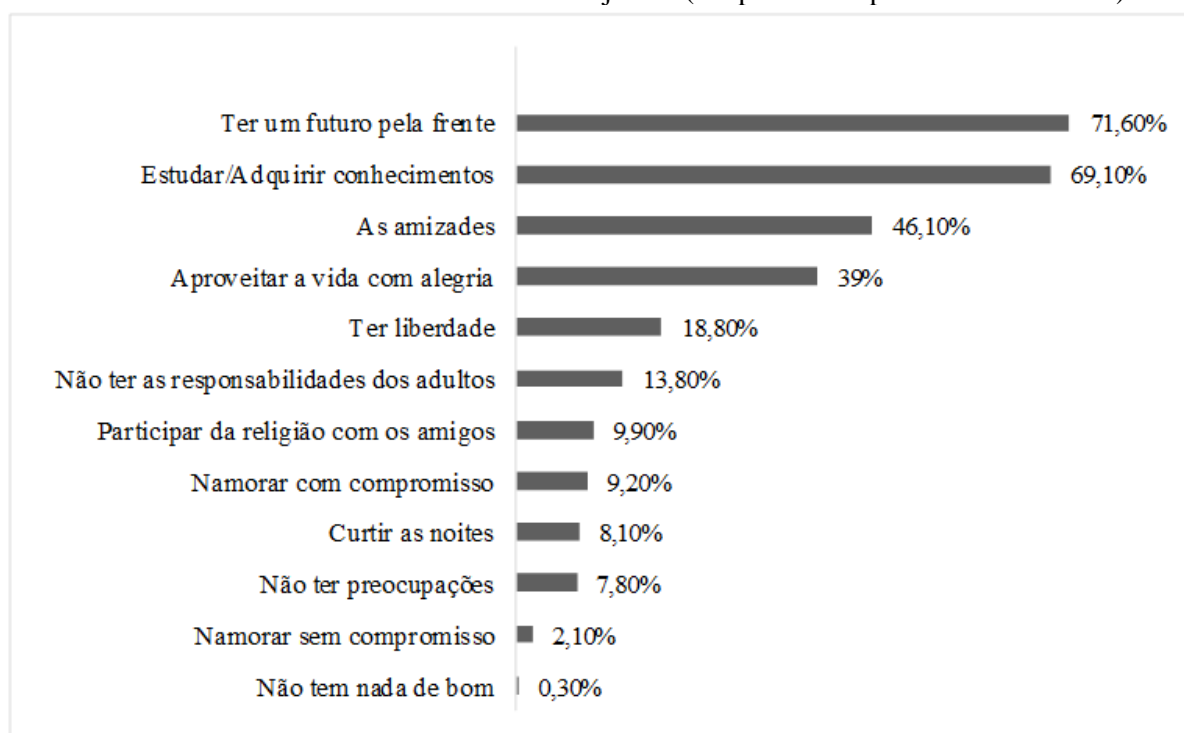
possíveis inseguranças advindas do futuro (categoria que será trabalhada na sequência). A partir deste tópico talvez tenhamos conseguido responder o questionamento feito por Regina Novaes (2004) e por nós rememorado no capítulo 2 (p. 63). Sim, a religião faz a diferença na constituição identitária dos jovens, em especial aos participantes desta pesquisa que se declararam religiosos.

3.4 Futuro: tempo de incertezas

Se compreendemos que projeto naturalmente envolve o tempo futuro, era de se esperar que ele surgisse dos resultados obtidos no decorrer da pesquisa. Por este motivo, fizemos dele um dos eixos de nossa análise, que possui relação intrínseca com os projetos de vida, como veremos adiante. Devemos explicar que optamos por trabalhar com mais profundidade este eixo de análise somente aqui – mesmo que tenhamos mencionado brevemente o futuro em tópico anterior – por considerarmos que as discussões realizadas nos tópicos 3.2 e 3.3 nos permitiriam maior embasamento teórico e empírico, para que, aqui, conseguíssemos amarrar as categorias, de modo a nos aproximarmos do encerramento desta pesquisa.

Do survey e das entrevistas, o futuro configurou um elemento significativo para a compreensão da condição juvenil (especialmente dos jovens da Unespar). Esta constatação se evidenciou primeiramente no survey, no qual fizemos questionamentos referentes aos melhores e piores aspectos dessa etapa da vida (questões 47 e 48, Apêndice I). Estes questionamentos tinham como objetivo avaliar as representações que os jovens têm sobre a própria juventude. Essas perguntas mostraram preocupações específicas com os estudos, o futuro e o mundo do trabalho, estando ligadas à construção de projetos de vida. Vejamos como esse dado foi representado pelos participantes:

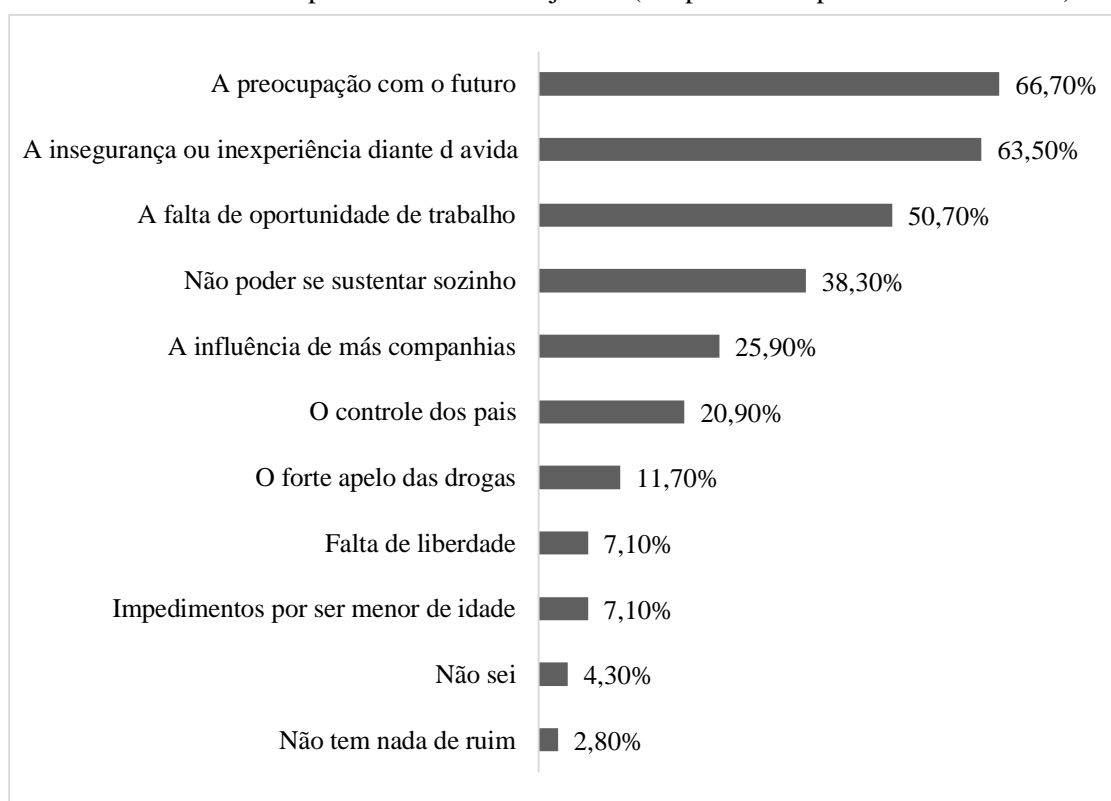
Gráfico 11: Sobre as melhores coisas em ser jovem (Resposta múltipla – máximo de três)



Fonte: SANTOS; MEZZOMO; PÁTARO, 2016.

Das melhores coisas que contemplam a etapa da juventude, destacaram-se “ter um futuro pela frente” (71,6%), assim como “estudar e adquirir conhecimentos” (69,1%), seguido da importância das “amizades” (46,1%). Quanto às representações negativas acerca da condição juvenil, o gráfico abaixo apresenta as respostas dadas pelos jovens universitários:

Gráfico 12: Sobre as piores coisas em ser jovem (Resposta múltipla – máximo de três)



Fonte: SANTOS; MEZZOMO; PÁTARO, 2016.

Deste questionamento, sobressaíram-se “a preocupação com o futuro” (66,7%), “a insegurança ou inexperiência diante da vida” (63,5%) e “a falta de oportunidade de trabalho” (50,7%). Percebemos que o futuro protagonizou os resultados dos dois gráficos, sendo representado ora como positivo, ora como negativo. Conforme já discutido em tópico anterior, a aquisição da carreira desejada e a futura inserção no mercado de trabalho foram representadas pelos jovens entrevistados como fontes de incertezas, coincidindo com os dados apresentados no gráfico 12. No entanto, o que de fato faz o futuro ser promotor de preocupações e inseguranças?

Diante deste questionamento, perguntamos aos jovens que participaram da entrevista o que eles entendiam por futuro e, na sequência, o motivo pelo qual o futuro tem sido representado como promotor de inseguranças e incertezas. Suas respostas, em geral, foram na direção da compreensão de futuro enquanto o momento no qual seus planos e projetos se concretizam. A possibilidade deles não darem certo, conforme planejam hoje, é o que lhes causa insegurança. Vejamos:

Vejo o futuro como a realização dos meus planos, sonhos. O futuro, ao mesmo tempo que te excita, porque te traz possibilidade, te causa medo porque você não sabe como vai ser o amanhã (Zé, 18 anos, Igreja Católica).

Eu me sinto muito insegura com o futuro! Eu planejo muito o que quero e pode ser que não aconteça da forma como eu quero [...] Cada dia que passa a gente vê muita mudança em todos os setores, na economia, em tudo, até no religioso, então a gente precisa ficar se adequando (Rebeca, 18 anos, Igreja Assembleia de Deus).

O futuro é algo mais profundo, é algo para você transcende, pra pensar em como evoluir. O futuro é um universo de possibilidades, de coisas que você pode fazer de bom, de aprender, de tentar e de dar certo, mas também pode ser uma possibilidade de fracasso, do medo do desconhecido, de algo que você ainda não viveu (Ricardo, 28 anos, Acredita em Deus, mas não participa de religião).

O futuro é o amanhã, mas que a gente começa fazendo hoje. Nossas atitudes de hoje que influenciarão lá na frente (Laura, 18 anos, Igreja Presbiteriana Renovada).

Desta insegurança associada ao futuro, verificamos, assim como Melucci (1997), que a juventude também é caracterizada pela ênfase orientada ao futuro, que é percebida como apresentando um número maior de possibilidades. Melucci (1997) ainda afirma que nas sociedades do passado, a incerteza quanto ao futuro era desencadeada por eventos aleatórios e incontroláveis (como no caso das epidemias, do colapso econômico e até mesmo das guerras), portanto, raramente envolvia questões subjetivas e de posição social, já que esta era determinada pelo nascimento e se tornava previsível pela história da família e do contexto social. Por outro lado, para o adolescente moderno, a relativa incerteza da idade é multiplicada por outros tipos de incertezas que derivam dessa ampliação de perspectivas: a disponibilidade de possibilidades sociais, a variedade de cenários nos quais as escolhas podem ser situadas, etc. Assim, a perspectiva temporal do jovem tornou-se menos previsível, e os projetos de vida passaram mais do que nunca a depender da escolha autônoma de cada indivíduo (MELUCCI, 1997).

Neste sentido, Leccardi (2005) chama atenção para o fato de que a maior parte dos jovens – em resposta às condições sociais de grande insegurança e de risco para com o futuro – encontra refúgio, sobretudo, em projetos de curto prazo, assumindo o que a autora chama de presente estendido como área temporal de referência. Para Leccardi (2005), este presente estendido pode ocorrer como uma reação à inquietação que a própria palavra futuro evoca, ou por assumir características de formas projetivas marcadas pela concretude, capazes de responder às pressões sociais que demandam resultados imediatos.

Vivemos em uma época na qual o futuro a médio e longo prazos não pode ser discutido sem suscitar preocupações, ao que Leccardi nomeia como um período histórico de crise do futuro, e mais,

de crise da concepção da juventude como transição para a vida adulta *tout court*, delinea-se assim um novo estado de ânimo juvenil em relação ao tempo. Em seu centro está a necessidade de não deixar-se engolir pela velocidade dos eventos, de controlar a mudança, equipando-se para agir prontamente, de não desprezar o tempo deixando que as coisas aconteçam, de não se deixar encurralar pela insegurança difusa (LECCARDI, 2005, p. 53).

Perante estruturas sociais cada vez mais fluidas, os jovens sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, e movimentos autênticos, denominados por Pais (2006) de vaivém. Este movimento é também correlacionado à metáfora do ioiô: os jovens saem da casa dos pais para qualquer dia retornar; abandonam os estudos para retomar tempos depois; encontram um emprego e a qualquer momento se veem sem eles, etc. Trata-se de movimentos oscilatórios e imprevisíveis. Neste sentido, os jovens vivem uma condição social em que as setas do tempo linear se imbricam com o tempo cíclico (PAIS, 2006).

De acordo com Dib e Castro (2010) a atividade de pensar e fazer escolhas não se impunha até então como uma necessidade, passando agora a valer como um requisito para se conseguir um emprego, um sustento e, conseqüentemente, o ingresso no mundo adulto. As autoras ainda afirmam que, ao aproximarem-se do momento de inserção profissional, é comum que os jovens universitários se defrontem com uma mudança brusca nas suas rotinas de vida em que “o tempo deixa de ser aquilo que simplesmente passa e o futuro, o que seguramente chega” (DIB; CASTRO, 2010, p. 2).

Neste sentido, ao invés de um tempo de longo prazo orientado para o futuro como espaço de projeção e realização dos objetivos traçados no presente, o que se percebe é que a ideia de projeto apresentada pelos jovens aproxima-se do modelo fluido da modernidade líquida (DIB; CASTRO, 2010; BAUMAN, 2007), conforme discutimos no capítulo 2. Para Dib e Castro (2010, p. 12) “tal modelo, além de acolher as diferentes expressões de incertezas dos jovens contemporâneos, deixa-se conduzir pelos complexos itinerários que as imprecisões imprimem nas suas trajetórias”. As autoras ainda mencionam que as transformações nas macroestruturas, bem como seus impactos sobre a forma como os indivíduos se relacionam com o trabalho e o futuro nas sociedades capitalistas, influenciam a construção da trajetória

profissional dos jovens. Sendo assim, questionamo-nos sobre a maneira como os jovens têm se posicionado diante da exigência de se tornarem produtivos, assim como o lugar que ocupam e as condições que desfrutam para a elaboração de um projeto profissional no contemporâneo (DIB; CASTRO, 2010).

Em “A corrosão do caráter” (2009), Richard Sennett coloca em questão as seguintes interrogações provocativas, inerentes ao capitalismo flexível de nossa sociedade e que corroboram com a ideia da sociedade líquido-moderna defendida por Bauman (2007):

Como se podem [os indivíduos] buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como se podem manter relações sociais duráveis? Como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos? (SENNETT, 2009, p. 27).

É válido mencionar que a incerteza e a instabilidade sempre se fizeram presentes na história humana, no entanto o que percebe Sennett (2009) é que hoje as tensões acompanham diariamente a vida dos indivíduos. Em suas palavras, “o que é singular na incerteza hoje é que ela existe sem qualquer desastre histórico iminente; ao contrário, está entremeada nas práticas cotidianas de um vigoroso capitalismo” (SENNETT, 2009, p. 33).

A dimensão do tempo do capitalismo com seu lema “não há longo prazo”, corrói a confiança, a lealdade e o compromisso mútuo, que são laços importantes e que levam tempo para surgir e se estabelecer e influenciam e abalam a vida emocional e os laços sociais. Este lema implica em um estado de alerta para as mudanças que podem ocorrer a qualquer momento, sem data ou preparação prévias. Este capitalismo de curto prazo – ou, como chama Sennett, flexível – danifica as qualidades que ligam os seres humanos uns aos outros e dão a cada um deles um senso de identidade estável, sustentável. Assim “pede-se aos trabalhadores que sejam ágeis, estejam abertos a mudanças de curto prazo, assumam riscos continuamente, dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais” (SENNETT, 2009, p. 9). Essa ênfase na flexibilidade não influencia apenas os sujeitos em seus ambientes de trabalho, mas em todas as esferas da vida social, causando naturalmente um estado de ansiedade, já que as pessoas não sabem que riscos serão compensados, que caminhos seguir.

É interessante observar que se o futuro é visto como o tempo em que seus projetos de vida podem se concretizar, e seus projetos, por sua vez, estão correlacionados a ideia de uma identidade estável e reconhecida – adquirida por meio da profissionalização e o mundo do trabalho – é possível afirmarmos que estas três esferas (futuro, projeto e identidade

profissional) encontram-se imbricadas, indissociáveis em um contexto marcado por constantes transformações.

Mais uma vez a identidade nos aparece como elemento de destaque. Segundo Andrade (2008) a identidade entra em crise nos dias atuais devido à pluralidade de ofertas de sentido que deram sustentação à construção de identidades a várias gerações antes de nós. Os processos de pluralização se distinguem de seus antecedentes, não só por sua enorme abrangência, pois englobam vastos círculos de sociedades existentes, como também pela sua rapidez. Segundo Berger e Luckmann (2012, p. 52),

O pluralismo moderno leva a um enorme relativismo dos sistemas de valores e interpretações. Em outras palavras: os antigos sistemas de valores e de interpretações são ‘descanonizados’. A desorientação do indivíduo e de grupos inteiros por causa disso já é tema principal há muitos anos da crítica da sociedade e da cultura.

O grande relativismo dos sistemas de interpretação ocasionados pela pluralização da modernidade desestabiliza os valores tradicionalmente estabelecidos, colocando em cheque as orientações tradicionais dos indivíduos e grupos sociais. Se por um lado percebemos que esse processo de rompimento com a ordem tradicional promoveu a autonomia pessoal, por outro ela retirou dos indivíduos a sensação de firmeza das coisas, como já havia nos alertado (GIDDENS, 2002). Diante um mundo plural e líquido, muitos indivíduos se veem agora fragmentados e perdidos.

Essa maneira de viver na sociedade levou os indivíduos a incertezas, ao medo e, muitas vezes, à falta de sentido. Para Hall (2011), esta desorientação, que para muitos é chamada de “crise de identidade”, deve ser vista como parte de um processo mais amplo de mudança, capaz de deslocar estruturas e abalar os quadros de referência que davam aos indivíduos a ancoragem estável no mundo (HALL, 2011). Em relação à chamada “crise de identidade”, o autor ainda a problematiza a partir da própria concepção de indivíduo e, consequentemente, de identidade aí pressuposta: “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (HALL, 2011, p. 7). Para o autor, o que há de fato é uma crise de sentido único na sociedade.

Tendo demarcado o contexto atual, bem como suas implicações para a concepção de futuro, compreendemos, neste sentido, que as informações apreendidas nas entrevistas, além de corroborarem com os dados extraídos no survey, em que a preocupação com o futuro aparece como um dos principais problemas em ser jovem, realçam, sobretudo, a representação

do futuro como um tempo de incertezas, marcado pela imprevisibilidade, a qual é característica marcante da modernidade. Deste cenário imprevisível surgem a incerteza e a insegurança de no futuro serem capazes de realizar seus projetos de vida. Desta forma, diante do pluralismo atual, muitos, frente ao medo e à insegurança parecem buscar nas igrejas e nos grupos religiosos (como no caso de Zé, Rebeca e Laura) suprimir as inseguranças advindas da relativização das estruturas de sentido, como vimos, anteriormente tidas como objetivas, por vezes eternas e imutáveis (ANDRADE, 2008). Por outro lado, há também aqueles que (como no caso de Ricardo) recriam uma nova postura frente à pluralidade, construindo uma atitude eclética e provisória, podendo transitar em vários grupos religiosos, sem, necessariamente, identificar-se e/ou vincular-se a alguma instituição específica.

Por fim, percebemos que a religião tem fornecido aos jovens da pesquisa a estabilidade e a segurança de que tanto precisam (a exemplo do trecho da entrevista realizada com Rebeca e exposta na página 103), diferentemente da política que, por tantas vezes, foi retratada como um terreno movediço e instável.

* * *

Este capítulo teve por finalidade apresentar os resultados emergidos da experiência do trabalho de campo e, à luz de um referencial teórico amplo e diversificado, analisar a complexidade dos fenômenos a que nos propomos investigar. Para tanto, elaboramos e percorremos este capítulo a partir de tópicos específicos que nos permitiram manter uma lógica estrutural na apresentação e discussão dos resultados alcançados. Foram eles: 3.1 Perfil dos jovens; 3.2 Projetos de vida: identidade profissional e o desejo de “ser alguém” na vida; 3.3 Participação Juvenil: entre vínculos e representações e; 3.4 Futuro: tempo de incertezas.

Em cada um destes tópicos foi possível unir os dados extraídos de ambas as etapas do trabalho de campo (survey e entrevista), garantindo a nosso ver, um material amplo e rico passível de inferências e análises. Consideramos importante revelar que nem todas as informações obtidas com a pesquisa puderam ser analisadas, pois fugiam aos propósitos iniciais, de tal forma que não nos parece “clichê” afirmar que outras investigações possam surgir deste material que se guardado, não contribuirá para o que consideramos ser essencial: a maior visibilidade dos estudos concernentes à juventude. Sabemos que a pauta da juventude vem sendo debatida, mas ainda não o suficiente para – entre outras coisas que consideramos fundamentais – desmistificar representações negativas; favorecer novos olhares a uma etapa

da vida que assume importância em si mesma; permitir que os jovens sejam ouvidos e atendidos em suas demandas etc.

Já com um tom de conclusão, e sem o intuito de nos delongarmos e parecermos repetitivos, passaremos agora a fazer algumas considerações que nos permitam finalizar (mas não tomar por acabada) esta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não me venham com conclusões.

A única conclusão é morrer!”

(Fernando Pessoa)

Diante das transformações nas macroestruturas sociais e seus impactos sobre a forma como os indivíduos vivem e se constituem, o objetivo maior desta investigação ancorou-se em analisar os projetos de vida dos jovens, bem como a forma pelas quais os campos da política e da religião se inserem em seu cotidiano, influenciando e/ou corroborando com suas projeções e identificações futuras. Movidos por interrogações iniciais, nos lançamos a campo, entendendo (a partir dele) que a pesquisa científica se configura, sobretudo, pela sua não linearidade. Assim, o trajeto por nós percorrido foi constituindo-se ao longo de cada passo dado.

Buscamos, a partir de diferentes concepções teóricas, alavancar discussões que nos permitissem ter uma visão mais ampla (e complexa) sobre os fenômenos a que nos propomos investigar, demonstrando, com isso, que o diálogo entre múltiplas áreas do conhecimento é possível, assim como fundamental para aqueles estudos (textos e contextos), que não se pretendam fragmentados em si mesmos. Em tempo, devemos mencionar que os resultados discutidos ao longo da pesquisa (e sistematizados aqui) não possuem, certamente, a pretensão de fornecer generalizações sobre a juventude, mas de evidenciar aspectos que se mostram relevantes à condição juvenil e aos projetos de vida de um grupo de jovens universitários pertencentes a um determinado contexto: Universidade Estadual do Paraná, Câmpus de Campo Mourão.

Sendo assim, o percurso desta dissertação foi iniciado, logo no primeiro capítulo, com a apresentação de nossa pesquisa. Explicitamos objetivos, apresentamos a Unespar, assim como cada instrumento utilizado e sujeitos envolvidos em sua aplicação. Nosso intento foi o de situar e contextualizar a pesquisa, para que na sequência pudéssemos discorrer sobre as temáticas e fenômenos em questão. Procuramos ressaltar as etapas realizadas e o caminho metodológico percorrido tendo também como aporte nossas próprias vivências, lembrando que ao adotarmos a perspectiva da complexidade, a auto-observação e a autocrítica dos pesquisadores (sobre si e sobre o contexto, ambos em relação dialética) são fundamentais.

No segundo capítulo, destinado à fundamentação teórica, apresentamos e discutimos estudos que tratam da temática da juventude. Iniciamos tentando explicar e diferenciar os termos adolescência e juventude, que confundidos, são muitos usados enquanto sinônimos na literatura e nos discursos midiáticos. Na sequência, realizamos um breve retomado histórico entre teóricos da juventude que nos permitem entender a forma pela qual a juventude é ainda hoje vista: como fase de transição; de turbulências emocionais; de propensão à comportamentos de risco, entre outros. Destas concepções, procuramos nos posicionar criticamente e, tendo como aporte outras noções, sobretudo advindas do campo das Ciências Sociais, propor novas maneiras de compreender as juventudes na contemporaneidade. Na sequência, e tendo percebido que o conceito de identidade havia perpassado várias vezes nossas discussões, elaboramos um tópico destinado à compreensão das diferentes formas de composição e recomposição de identidades em um atual mundo líquido e instável, favorecendo as discussões que seriam realizadas sobre a constituição de projetos de vida. Em tópico específico, apresentamos noções sobre projetos de vida, que nos revelaram à multidisciplinaridade do termo, assim como a sua relação com o futuro e a possibilidade de constituição de identidades. Por fim, problematizamos os campos da política e da religião e suas possíveis influências no modo como os jovens vivem, constituem-se e elaboram seus projetos de vida.

No terceiro capítulo, expusemos os dados extraídos tanto do survey como das entrevistas. Iniciamos apresentando o perfil socioeconômico dos jovens que responderam ao questionário, assim como outros dados referentes à participação e representação. Na sequência apresentamos Rebeca, Zé, Laura e Ricardo que gentilmente aceitaram participar da etapa das entrevistas. Diante a multiplicidade de informações obtidas, realizamos intensa imersão em suas narrativas, contando com o auxílio da análise de conteúdo para examinar todo o material e dividi-lo em categorias de análise. Cada categoria (com suas respectivas subcategorias) representou um tópico neste mesmo capítulo. Mesmo que com tal delimitação e divisão, buscamos manter a relação que cada uma estabelecia com as demais.

Dentre os resultados emergidos do trabalho de campo, observamos que os projetos de vida dos jovens estão centrados no trabalho. Rebeca, Zé e Laura pretendem se inserir no mercado de trabalho em suas áreas de formação, já Ricardo almeja se inserir na carreira política. Por mais que os projetos pareçam convergir, cada jovem representou à sua maneira seus anseios futuros. Mais do que um valor, o trabalho foi representado como uma demanda a satisfazer, capaz de proporcionar bem estar e conforto, estabilidade financeira e ascensão geracional. Apreendemos de seus discursos que o que fundamenta seus projetos é o desejo de

se “tornar alguém” na vida, mediante à constituição de uma identidade profissional, respeitada e reconhecida. Percebemos que os projetos de Rebeca, Zé e Laura configuram-se enquanto individuais, sem correlação com o social, diferente do que nos apresentou Ricardo. Apesar de a constituição familiar ter sido um dos elementos presentes nos projetos de vida dos jovens, percebemos que o trabalho recebeu maior centralidade, comparecendo com maior intensidade na fala dos 4 participantes entrevistados.

Observamos uma nítida configuração religiosa na identidade dos jovens, bem como a significativa participação em atividades de cunho solidário. Por outro lado, notou-se um afastamento das instâncias políticas formais. Por mais que os jovens afirmem que a política contribui para sua formação e também para a conquista de seus direitos, foi somente Ricardo que demonstrou tê-la como um elemento que sustenta seu projeto de vida. Para os demais entrevistados, a religião se mostrou como uma forte influência, tanto na elaboração dos projetos como para a supressão das inseguranças geradas pelo futuro. Destas inseguranças, os jovens mencionaram a rapidez com que a sociedade muda, fazendo com que precisem se adequar a todo instante.

Os jovens claramente manifestaram seu descontentamento com o fazer político nas instituições formais, e declararam participar de ações solidárias por conseguirem com seus próprios olhos enxergar o resultado (rápido) de suas ações. Desta forma, o trabalho solidário nos apareceu como via de participação e ação juvenil, baseada em ensinamentos e valores religiosos, embora transcenda à esfera institucional das religiões. Se até então política e religião nos pareciam distantes, é a partir do trabalho solidário que estas duas esferas parecem se aproximar. Em contrapartida, para Ricardo é somente na institucionalidade política que vislumbra a possibilidade de transformar, de fato, a sociedade em que vive.

Por fim, percebemos que projeto e identidade são capazes de situar os jovens no mundo, assim como suas motivações e ações. E neste mundo em constante transformação, a religião assume papel de destaque na vida dos jovens religiosos. Sendo assim, ao encerrarmos este ciclo, desejamos que a disseminação do material produzido por nós, com apoio e coautoria dos jovens ingressantes na Unespar, possa contribuir para um novo olhar perante uma juventude que pensa, sente e planeja. De uma juventude que é e que pretende ser.

De fato, encerramos esta pesquisa com algumas respostas, porém com tantas outras e novas perguntas. O que já havíamos defendido teoricamente, agora é refletido na vivência prática: o ciclo da pesquisa jamais se totaliza!

* * *

Concluir um texto não é tarefa simples, quiçá uma pesquisa de tamanha abrangência que, atravessada por sentimentos diversos, fez com que em mim surgisse um desejo (mesmo que por tantas vezes irrefletido) de que ela jamais acabasse...

A dificuldade que senti nestes últimos meses que antecederam a entrega do trabalho final (traduzida, sobretudo, pelo embaraço e o bloqueio mental nas horas de escrita), evidencia não só a dificuldade de concluir um texto, mas principalmente uma etapa da vida. Etapa composta por dedicação, empenho, ansiedade e muitos aprendizados. Aprendi, sobretudo, que escrever é um processo que exige muito mais do que inspiração, pois requer afeição, vontade, disponibilidade e maturidade para lidar com nossas próprias inseguranças e limitações, além do *continuum* ler e reler, criar e recriar, escrever e apagar, pensar e repensar hipóteses, objetivos e métodos. No decorrer desta intensa jornada, foram poucas as vezes em que me dei conta de que a produção do conhecimento foi (e é), inevitavelmente, um processo dialógico: ao passo em que desenvolvi a pesquisa, fui me constituindo enquanto pesquisadora.

Desta retrospectiva, chego à conclusão de que foi este um período em que o ato de pesquisar se configurou como um grande prazer! Nunca houve feito tanto sentido aquela sábia frase de Confúcio: “Escolhe um trabalho de que gostes e não terás que trabalhar nem um dia na tua vida”. Revivo agora cada momento que se passou e me vejo na responsabilidade de, tendo concluído este ciclo (que durante muito tempo foi o meu projeto de vida), reestabelecer planos e metas para um novo ciclo que em breve iniciará. Era eu uma pessoa ao entrar no mestrado, saio outra. E depois? O que será, o que serei? Acabo por viver situação semelhante à dos jovens desta pesquisa em que o futuro se caracteriza, senão, pela sua incerteza. Minha identidade metamorfoseia entre possibilidades e, principalmente, pelo desejo de continuar submersa neste instigante universo da pesquisa científica.

*“Enquanto eu tiver perguntas
e não houver respostas...
continuarei a escrever.”
(Clarice Lispector)*

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda et al. Adolescência e psicopatia. In: ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 1981, p. 63-72.
- ABRAMO, Helena. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 5/6, p. 25-36, maio/dez., 1997. Especial: juventude e contemporaneidade.
- _____. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 37-72.
- ALVARENGA, Augusta Thereza de et al. Histórico, fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da interdisciplinaridade. In: PHILIPPI JR., Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. (Orgs.). **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação**. Barueri: Manole, 2011, p. 3-65.
- ALVES, Maria Zenaide. **Ser alguém na vida. Condição juvenil e projetos de vida de jovens moradores de um município rural da microrregião de Governador Valadares-MG**. (Tese de Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- ALVES, Vicente Paulo. Fenomenologia da religião: pesquisas sobre a experiência religiosa com universitários e suas implicações para o ensino religioso. In: HOLANDA, Adriano (Org.). **Psicologia, religiosidade e fenomenologia**. Campinas: Editora Alínea, 2004, p. 79-95.
- ANDRADE, Fernanda Maria Arruda dos Santos. **Identidade e religião: uma análise da construção da identidade religiosa juvenil**. (Dissertação de Mestrado) Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2008.
- AQUINO, Luseni. A juventude como foco das políticas públicas. In: CASTRO, Jorge Abrahão; AQUINO, Luseni; ANDRADE, Carla Coelho (Orgs.). **Juventude e Políticas Sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009, p. 25-39.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- _____. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** São Paulo: Paulus, 1985.

_____. A dessecularização do mundo: uma visão global. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 9-23, 2001.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno.** 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 26-43, 2004. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 04 abr. 2014.

BOGHOSSIAN, Cynthia; MINAYO, Maria Cecília. Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 411-423, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902009000300006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 abr. 2014.

BOURDIEU, Pierre **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.** Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

_____. **Estatuto da juventude: Lei federal nº 12852, de 5 de agosto de 2013.** Brasília, 2013.

BRENNER, Ana Karina. Experiência militante e repercussões em outras esferas da vida: jovens engajados em partidos políticos. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 6, n. 10, p. 79-93, jan./jun. 2014.

BOBSIN, Oneide; BECKER, Cláudio Giovani; JÚNIOR, Norberto Kuhn. Sociabilidade juvenil: contexto religioso e sua inserção social. **Revista Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Escola Superior de Teologia**, São Leopoldo, v. 5, set./dez, 2004.

BOUTINET, Jean Pierre. **Antropologia do projeto.** 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BURITY, Joanildo A. Religião, política e cultura. **Tempo social**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 83-113, nov. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702008000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 maio 2014.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. O Brasil religioso que emerge do censo 2010: consolidações, tendências e perplexidades. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010.** Petrópolis: Vozes, 2013, p. 63-82.

CARRANO, Paulo. Jovens Universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional. In: SPOSITO, Marília (coord.). **O estado da arte sobre juventude na Pós-**

Graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentvm, 2009, v. 1, p. 179-228.

_____. A participação social e política dos jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes. **O social em questão**, Rio de Janeiro, ano XV, n. 27, 2012.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade:** a era da informação – economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Lucia Rabello. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, v. 16, n. 30, p. 253-268, jun. 2008.

CASTRO, Lucia Rabello; PÉREZ, Beatriz Corsino; SEIXAS, Conceição Firmina. Os jovens no trabalho solidário: novos rumos da participação política? **Juventude.br** (Centro de Estudos e Memória da Juventude), v. 5, p. 42-47, 2010.

CASTRO, May Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. **Quebrando mitos:** juventude, participação e políticas. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. Brasília: RITLA, 2009.

CATANI, Afrânio Mendes; HEY, Ana Paula. A educação superior no Brasil e as tendências das políticas de ampliação do acesso. **Atos de pesquisa em educação**, Blumenau, v. 2, n. 3, p. 414-429, 2007.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 5-15, dez. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 abr. 2014.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina:** um ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 2005.

CORBUCCI, Paulo Roberto. A evolução do acesso de jovens à Educação Superior no Brasil. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada:** textos para discussão. Brasília, Rio de Janeiro: IPEA, 2014, p. 1-33.

CORRÊA, Carolina Salomão; SOUZA, Solange Jobim. O que será o amanhã? Expectativas de jovens sobre futuro, política e trabalho. **DESidades**, Rio de Janeiro, n. 8, ano 3, set., 2015.

DAMON, William. **O que o jovem quer da vida?** Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes. São Paulo: Summus, 2009.

DANZA, Hanna Cebel; ARANTES, Valéria Amorim. Valores, sentimentos e projetos de vida: um estudo com jovens estudantes da cidade de São Paulo. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 6, n. 10, jan./jun., 2014.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. Juventude, grupos de estilo e identidade. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 30, dez., 1999.

_____. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, set/dez, 2003.

_____. Por uma pedagogia da juventude. **Revista Onda Jovem**. São Paulo, 2005. Disponível em: www.revistaondajovem.com.br. Acesso em: 22 nov., 2014.

DIB, Sandra Korman; CASTRO, Lucia Rabello. O trabalho é o projeto de vida para os jovens? **Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 1-15, 2010.

DUBAR, Claude. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. **Cadernos de pesquisa**, v. 4, n. 146, p. 351-367, maio/ago., 2012.

ELLIOT, Lígia Gomes; HILDEBRAND, Luci; BERENGER, Mercedes Moreira. Questionário. In: ELLIOT, Lígia Gomes (Org.). **Instrumentos de avaliação e pesquisa: caminhos para construção e validação**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010, p. 29-45.

ERIKSON, Erik Homburger. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY Miriam. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Orgs.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007, p. 19-55.

FEIST, Jess; FEIST, Gregory Jess. **Teorias da personalidade**. 6ª ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2008.

FERNANDES, Sílvia Regina. Adesão religiosa no segmento juvenil: apolitização ou reinvenção da política? **Seropédica**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 152-165, jul./dez., 2007.

_____. Marcos definidores da condição juvenil para católicos e pentecostais da Baixada Fluminense: algumas proposições a partir de um survey. **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 96-125, 2011.

_____. Expressões políticas e crenças religiosas em jovens sem religião. In: PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; MEZZOMO, Frank Antonio; HAHN, Fábio André (Orgs.). **Instituições e sociabilidades: religião, política e juventudes**. Campo Mourão: FECILCAM, 2013, p. 9-30.

FERRY, Lucy; GAUCHET, Marcel. **Depois da Religião: o que será do homem depois que a religião deixar de ditar a lei?** Rio de Janeiro: DIFEL, 2008.

FINK, Arlene. **The Survey Handbook**. Second Edition. Thousand Oaks: Sage, 2002.

FREITAS, Henrique et al. O método de pesquisa *survey*. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 105-112, jul./set., 2000.

FREITAS, Maria Virgínia (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. **Revista do Centro de Educação e Letras**, Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, 2008, p. 41-62.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MYNAIO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Romeu; DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 32ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 79-108.

GROFF, Apoliana Regina; MAHEIRIE, Kátia; ZANELLA, Andréa Vieira. Constituição do(a) pesquisador(a) em ciências humanas. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 1, 2010.

GROPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime**, São Paulo, ano 13, n. 25, p. 9-22, dez. 2004.

GROPPO, Luís Antonio. Z Aidan Filho, Michel. Machado, Otávio Luiz (Orgs.). **Movimentos Juvenis na Contemporaneidade**. Recife: Ed. UFPE, 2008.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 149-174.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

IBASE/POLIS. **Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas**. Relatório Final. Rio de Janeiro: IBASE, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>. Acesso em: 03 jul., 2014.

_____. **Cidades@**. 2014. Disponível: <http://cod.ibge.gov.br/233ZV>. Acesso em: 03 jul., 2014.

_____. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/pnadc/default.asp>. Acesso em: 15 out., 2015.

ITO, Larissa Hery; SOARES, Dulce Helena Penna. Projeto do futuro e identidade: um estudo com estudantes formandos. **Aletheia**, Canoas, n. 27, jun., 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141303942008000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 abr., 2015.

KNOBEL, Maurício. A síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 1981, p. 24-63.

LECCARDI, Carmen. Por um novo significado de futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 35-57, 2005.

LEÓN, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, M. V. de (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação educativa, 2005, p. 9-19.

LIBÓRIO, Renata; KOLLER, Silva (Orgs.). **Adolescência e juventude**: risco e proteção na realidade brasileira. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

MACHADO, Nilson José. **Educação**: Projetos e valores. 2ª ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

_____. **No fundo das aparências**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. “O sistema educacional não funciona mais”. Entrevista a **Zero Hora** em 12/04/2014. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2014/04/osistema-educacional-nao-funciona-mais-diz-michel-maffesoli-4473443.html>>. Acesso em: 11 out. 2015.

MAHEIRIE, Kátia. Música popular, estilo estático e identidade coletiva. **Psicologia Política**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 39-54, 2002.

MANDELLI, Maria Teresa; SOARES, Dulce Helena Penna; LISBOA, Marilu Diez. Juventude e projeto de vida: novas perspectivas em orientação profissional. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 63, p. 49-57, 2011.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempos e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5/6, p. 5-14, maio/dez., 1997. Especial: Juventude e contemporaneidade.

MESQUITA, Marcos Ribeiro; OLIVEIRA, Ana Clara Martins. Juventudes, movimentos e culturas: a participação política de jovens na cidade de Maceió. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 18, n. 2, abr./jun., p. 379-387, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2013000200025&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 nov., 2015.

MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira. **Estudantes universitários no ensino superior público paranaense**: perfil dos ingressantes na Universidade Estadual do Paraná. Campo Mourão: Fecilcam, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Romeu; DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 32ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012a, p. 9-29.

_____. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Romeu; DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 32ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012b, p. 61-77.

MORAES, Leandro Gama et al. Juventude e representações sociais de participação política. **Revista Eletrônica de Psicologia Política**, San Luis, ano 8, n. 23, p. 88-101, 2010.

MOREIRA, Danilo; BARBOSA, Luisa. Juventude e participação: apatia ou exclusão política? **Juventude.br** (Centro de Estudos e Memória da Juventude), v. 5, p. 13-20, 2010.

MOREIRA, Orlandil de Lima; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas de Lima. Vem prá rua: os protestos de junho. In: SOUSA, Cidoval Moraes; SOUZA, Arão de Azevêdo (Orgs.). **Jornadas de Junho: repercussões e leituras**. Campina Grande: EDUEPB, 2013, p. 13-21.

MORIN, Edgar. Epistemologia da Complexidade. In: SCHNITMAN, Dera Fried (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes médicas, 1996.

MÜXEL, Anne. Jovens dos anos noventa: à procura de uma política sem “rótulos”. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, 5/6, p. 151-166, maio/dez., 1997. Especial: Juventude e contemporaneidade.

NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado: questões para pesquisa no/do cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NIRENBERG, Olga. **Participación de adolescentes em proyectos sociales: aportes conceptuales y pautas para su evaluación**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

NOVAES, Regina. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espíritos de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 321-330, 2004.

_____. Juventude, religião e espaço público: exemplos "bons para pensar" tempos e sinais. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 32, p. 184-208, 2012.

NOVAES, Regina; MELLO, Cecília Campello. Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos. **Comunicações do ISER**, n. 57, 2002.

OJALA, Raisa. **Projetos de futuro de jovens universitários no Distrito Federal: um estudo de caso**. (Tese de Doutorado) Universidade de Brasília, 2008.

OLIVEIRA, Maria Claudia Santos Lopes. Identidade Narrativa e Desenvolvimento na Adolescência: Uma Revisão Crítica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 427-436, maio/ago., 2006.

OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro; PANASIEWICZ, Roberlei. Tendências religiosas entre a população universitária: um estudo de caso. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 12, n. 36, p. 1160-1189, out./dez., 2014.

OLIVEIRA, Wellington Cardoso. Juventude e religião no século XXI: a crise dos compromissos religiosos. **Vox Faifae**, v. 2, n. 1, 2010.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Tendências globais de emprego 2012:** emprego juvenil. Brasília: OIT, 2012. Disponível em: <http://www.oit.org.br/content/emprego-juvenil>.

_____. **Desemprego e informalidade afetam os jovens da América Latina.** Brasília: OIT, 2014. Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br/content/desemprego-e-informalidade-afetam-os-jovens-na-america-latina>.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Revista Análise Social**, Lisboa, v. XXV, p. 139-165, 1990.

_____. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda. **Culturas jovens:** Novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 7-19.

PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira. **Sentimentos, emoções e projetos vitais da juventude: um estudo exploratório na perspectiva da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento.** (Tese de Doutorado) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; MEZZOMO, Frank Antonio. Religião, política e juventude: uma relação de aproximação e ressignificação. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 17, n. 2, maio/ago., p. 189-194, 2013.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013.** Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/>. Acesso em: 03 jul., 2014.

RIBEIRO, Jorge Claudio. **Religiosidade jovem:** pesquisa entre universitários. São Paulo: Olho d'Água, 2009.

RIBEIRO, Renato, Janine. Política e juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e sociedade:** trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Perseu Abramo, 2004, p. 19-33.

ROSENTHAL, Gela; KNOBEL, Maurício. O pensamento no adolescente e no adolescente psicopático. In: ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal:** um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 1981, p. 80-88.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice:** o social e o político na pós-modernidade. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada:** ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 1997.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. **Sartre e a Psicologia clínica.** Florianópolis: EdUFSC, 2011.

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. **Agenda Juventude Brasil:** pesquisa nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros. Brasília, 2013.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter:** as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SERAFIM, Thaís; BONINI, Lara Grigoletto. Reflexões sobre juventude brasileira e engajamento político-social – Lucia Rabello de Castro. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 7, n. 12, 2015.

SERAFIM, Thaís et al. Experiência de trabalho de campo: a pesquisa com os ingressantes da Unespar. In: MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira. **Estudantes universitários no ensino superior público paranaense:** perfil dos ingressantes na Universidade Estadual do Paraná. Campo Mourão: Fecilcam, 2015, p. 11-24.

SILVA, Christina Marília Teixeira. Entrevista. In: ELLIOT, Lígia Gomes (Org.). **Instrumentos de avaliação e pesquisa:** caminhos para construção e validação. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012, p. 149-192.

SOFIATI, Flávio M. **Religião e juventude:** os novos carismáticos. 2ª ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2012.

_____. Perspectivas da laicidade no Brasil contemporâneo. **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 5, n. 2, jul./dez., 2015, p. 327-350.

SOUZA, Marina Gomes Coelho; CASTRO, Lucia Rabello. O projeto profissional de jovens das classes médias: orientações normativas e estratégias de inserção. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 17, n. 2, p. 161-175, 2014.

STEIL, Carlos; ALVES, Daniel; HERRERA, Sonia. Religião e política entre os alunos de Ciências Sociais. **Debates do NER**, Porto Alegre, n. 2, p. 9-35, 2001.

TAVARES, Fátima; CAMURÇA, Marcelo. Juventudes e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica. **Numen:** Revista de estudos e pesquisas da religião, Juiz de Fora, v. 7, n. 1, p. 11-46, 2004.

_____. Religião, família e imaginário entre a juventude de Minas Gerais. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 8, n. 8, p. 99-119, 2006.

TAVARES, Marcelo. A entrevista clínica. In: CUNHA, Jurema Alcides (Org.). **Psicodiagnóstico V**. Porto Alegre: ArtMed, 2003, p. 45-56.

TEIXEIRA, Faustino. O censo de 2010 e as religiões no Brasil: esboço de apresentação. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religiões em movimento:** o censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 17-35.

UNESCO. **Políticas de/para/com Juventudes**. Brasília: Unesco, 2004.

VALLES, Miguel. **Técnicas cualitativas de investigación social reflexión metodológica y práctica profesional**. Barcelona: Editorial Síntesis Sociologia Ltda., 1999.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita Amélia Teixeira. (Orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011, p. 287-309.

ZANELLA, Andréa Vieira; BRITO, Renan de Vita Alves. Jovens e Cidade: a experiência do projeto ArteUrbe. **Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, 2012, p. 43-62.

ZANELLA, Andrea Vieira. Sobre “como inventar um método”? e algumas de suas armadilhas. **Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, 2014, 173-187.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

WELLER, Wivian. Jovens no Ensino Médio: Projetos de vida e perspectivas de futuro. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Orgs.). **Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

APÊNDICES

Apêndice I – Questionário aplicado aos jovens ingressantes da Unespar

Indique sua resposta:

- a) Estou ciente dos objetivos e concordo em participar da pesquisa
- b) Não concordo em participar da pesquisa

1. Câmpus:

2. Curso:

3. Ano de ingresso:

- a) 2014
- b) Outro

4. Turno:

- a) Matutino
- b) Vespertino
- c) Noturno
- d) Integral

5. Município onde você morava antes de ingressar no Ensino Superior:

6. Município onde mora atualmente:

7. O que motivou sua escolha pelo curso? Aqui você pode dar respostas múltiplas.

- a) Família
- b) Amigos
- c) Interesse pessoal
- d) Interesse por problemas sociais
- e) Interesses políticos
- f) Mercado de trabalho
- g) Influência de professores
- h) Segunda opção no vestibular
- i) Outro (especifique)

8. Você já ingressou em outro curso de Ensino Superior?

- a) Não ingressei
- b) Sim, mas desisti/tranquei o curso sem concluir
- c) Sim e estou cursando concomitantemente
- d) Sim e já concluí a Graduação

9. Qual o ano do seu nascimento?

10. Sexo:

- a) Masculino
- b) Feminino

11. Cor/ Etnia:

- a) Branca
- b) Negra
- c) Parda
- d) Amarela
- e) Indígena
- f) Outro (especifique)

12. Estado civil:

- a) Solteiro(a)
- b) Casado(a) apenas no religioso
- c) Casado(a) apenas no civil
- d) Casado(a) no civil e no religioso
- e) Separado(a)
- f) Divorciado(a)
- g) União estável/mora junto
- h) Viúvo(a)

13. Você cursou o Ensino Fundamental, em sua maioria, em escola:

- a) Pública
- b) Particular laica
- c) Particular religiosa

14. Você cursou o Ensino Médio, em sua maioria, em escola:

- a) Pública
- b) Particular laica
- c) Particular religiosa

15. Em que ano você concluiu o Ensino Médio?

16. Após o ingresso neste curso de Graduação na Unespar, você:

- a) Continuou morando na casa de seus pais ou familiares
- b) Passou a morar em república ou com amigos(as)
- c) Passou a morar em pensionato
- d) Passou a morar sozinho(a)
- e) Continuou morando sozinho(a) ou com esposa(o)

ATENÇÃO: Para as questões 19 a 22, deve ser considerada a resposta dada à questão 18, isto é, a sua atual condição de moradia.

17. Quem sustenta financeiramente a sua casa? Marque mais de uma resposta se for o caso.

- a) Eu
- b) Pai
- c) Mãe
- d) Irmão/Irmã
- e) Meu/Minha companheiro/a
- f) Padrasto/Madrasta
- g) Outro. Quem?

18. Quantas pessoas moram na sua casa, contando com você?

19. Quem mora na sua casa? Marque mais de uma resposta se for o caso.

- a) Moro sozinho(a)
- b) Pai
- c) Mãe
- d) Padrasto/Madrasta
- e) Irmão(s)
- f) Avô/Avó
- g) Tios
- h) Pais adotivos
- i) Filho(s)
- j) Companheiro(a)
- k) Outro. Quem?

20. Qual é a renda total das pessoas que moram na sua casa (considerar todos os valores recebidos, como: salário, aposentadoria, pensão, trabalho formal e informal, etc.)?

- a) Até R\$724,00
- b) Entre R\$724,01 e R\$1.448,00
- c) Entre R\$1.448,01 e R\$3.620,00
- d) Entre R\$3.620,01 e R\$7.240,00
- e) Entre R\$7.240,01 e R\$21.720,00
- f) Mais do que R\$21.720,01

21. Atualmente você (marque mais de uma resposta se for o caso):

- a) Não trabalha e não está procurando emprego
- b) Não trabalha e está procurando emprego
- c) Trabalha com carteira assinada
- d) Trabalha sem carteira assinada
- e) Trabalha por conta própria
- f) Recebe bolsa de projeto de ensino, pesquisa ou extensão (PIBIC, PIBID, Universidade Sem Fronteiras, etc.)
- g) Faz “bicos”
- h) Realiza trabalhos voluntários (sem pagamento/remuneração)
- i) Realiza estágio remunerado
- j) Realiza estágio sem remuneração
- k) Ajuda nas atividades de sua própria casa (sem pagamento/remuneração)
- l) Trabalha para outra pessoa, mas não ganha nada com isso

22. Qual a sua participação na vida econômica da família?

- a) Trabalho, mas recebo ajuda financeira da família ou de outras pessoas
- b) Trabalho, sou responsável pelo meu próprio sustento e/ou da minha família e não recebo ajuda financeira
- c) Trabalho, sou responsável pelo meu próprio sustento e contribuo parcialmente para o sustento da família ou de outras pessoas
- d) Não trabalho e meus gastos são sustentados pela família ou por outras pessoas

23. O grau de escolaridade de seu pai é:

- a) Não frequentou a escola
- b) Ensino Fundamental incompleto
- c) Ensino Fundamental completo
- d) Ensino Médio incompleto
- e) Ensino Médio completo
- f) Ensino Superior incompleto
- g) Ensino Superior completo
- h) Especialização incompleta (Pós Graduação Lato Sensu)
- i) Especialização completa (Pós Graduação Lato Sensu)
- j) Mestrado incompleto
- k) Mestrado completo
- l) Doutorado incompleto
- m) Doutorado completo
- n) Não sei

24. O grau de escolaridade de sua mãe é:

- a) Não frequentou a escola
- b) Ensino Fundamental incompleto
- c) Ensino Fundamental completo
- d) Ensino Médio incompleto
- e) Ensino Médio completo
- f) Ensino Superior incompleto

- g) Ensino Superior completo
 h) Especialização incompleta (Pós Graduação Lato Sensu)
 i) Especialização completa (Pós Graduação Lato Sensu)
 j) Mestrado incompleto
 k) Mestrado completo
 l) Doutorado incompleto
 m) Doutorado completo
 n) Não sei

25. Leia com calma as frases abaixo e selecione, para cada uma delas, a opção correspondente, considerando que:

- o número 1 significa “discordo totalmente” (ou “não ocorre comigo”);
- o número 6 significa “concordo totalmente” (ou “ocorre comigo”);
- os números 2 a 5 significam opiniões intermediárias.

	1	2	3	4	5	6
Estou interessado(a) em me engajar numa causa social, humanitária ou política						
Os políticos que participam de uma Igreja têm mais condições de ajudar a população						
As redes sociais possibilitam o engajamento em causas humanitárias, políticas ou sociais						
Acredito na vida após a morte						
Há critérios precisos para se saber o que é bem ou mal						
Apenas a minha religião/crença é a verdadeira						
A música me conduz a uma dimensão superior						
A religião e a política devem atuar juntas para resolver problemas sociais						
Para mim, a vida tem sentido						
Cabe principalmente a mim definir os rumos da minha vida						
Meu cotidiano está impregnado de gestos e objetos com significado sagrado						
Uma crença ou ritual são verdadeiros se produzem efeito positivo em minha vida						
Sinto que um ser transcendente dá sentido à minha vida						
A atual concorrência entre as religiões por fiéis me faz questionar se alguma delas tem a verdade						
Preciso da ajuda de outras pessoas na definição dos rumos da minha vida						
Ter fé é mais importante que ter crenças e religiões						
Percebo Deus como um ser superior						
Gostaria de frequentar outras religiões						
Concordo com as orientações e posições de minha igreja em questões políticas						
Acredito que a igreja deve indicar os candidatos que estão mais preparados para ocupar os cargos políticos						
As pessoas devem ter só uma religião/crença e seguir suas orientações						
Acredito em alguma forma de reencarnação ou vidas passadas						
Vejo Deus na natureza						
As boas ações são recompensadas após a morte						
Minha fé me motiva a me engajar na transformação da sociedade						
Lutar pelo que acredito é de meus rituais						
A maldade e a pobreza me fazem duvidar da existência de Deus						
Deus pode me dar tudo						

A vivência junto à religião contribuiu para minha formação humana						
Os partidos políticos são importantes para o país						
A religião é importante para o país						

26. Para você, qual a importância dos valores abaixo para você? Marque conforme as opções, sendo 1-Pouco e 4-Muito.

	1	2	3	4
Respeito às diferenças				
Igualdade de oportunidades				
Temor a Deus				
Lazer e diversão				
Dedicação ao trabalho				
Respeito ao meio ambiente				
Conhecimento				
Religiosidade				
Convivência social				
Liberdade individual				
Prazer sexual				
Autenticidade pessoal				
Respeito aos costumes e tradições de gerações anteriores				
Obediência às autoridades				
Liberdade política				
Autorealização				

27. Selecione a opção que indica a importância que as seguintes afirmações têm pra você:

	Mínim a	Pouca	Nem muita, nem pouca	Muita	Máxi ma
Preservar e respeitar a vida humana					
Garantir o direito de ter bens materiais sem que ninguém mexa neles					
Falar a verdade					
Ter boas relações com familiares e amigos					
Amar e ter relacionamentos					
Garantir que as pessoas viva mais e melhor					
Cumprir as leis e regras da sociedade					
Manter a palavra e cumprir promessas e contratos					
Preservar e respeitar o patrimônio e os bens públicos					
Lutar para que todos tenham seus direitos respeitados					
Amar e servir a Deus ou às entidades sagradas					
Agir conforme manda a consciência					
Punir quem age de forma errada					

28. Qual é a sua religião/crença?

- Afrobrasileira (candomblé, umbanda ou outra de origem africana)
- Católica Apostólica Romana
- Espírita
- Igreja Assembléia de Deus
- Igreja Congregação Cristã do Brasil

- f) Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
- g) Igreja Deus é Amor
- h) Igreja Evangelho Quadrangular
- i) Igreja Evangélica Adventista
- j) Igreja Evangélica Batista
- k) Igreja Evangélica Luterana
- l) Igreja Evangélica Metodista
- m) Igreja Evangélica Presbiteriana
- n) Igreja O Brasil para Cristo
- o) Igreja Universal do Reino de Deus
- p) Testemunha de Jeová
- q) Tradições Esotéricas
- r) Religião não determinada ou múltiplo pertencimento
- s) Acredito em Deus, mas não participo de religião
- t) Ateu, não acredito em Deus
- u) Outro. Qual?

29. Considerando que sua religião/crença é "[Q28]", responda: O que influenciou a sua escolha? Aqui você pode indicar mais de uma opção.

- a) Família
- b) Amigos
- c) Líderes religiosos (padre, pastor, mestre, guru, guia, etc.)
- d) Motivos pessoais
- e) Outro. Qual?

30. A religião/crença de seu pai é:

- a) Afrobrasileira (candomblé, umbanda ou outra de origem africana)
- b) Católica Apostólica Romana
- c) Espírita
- d) Igreja Assembléia de Deus
- e) Igreja Congregação Cristã do Brasil
- f) Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
- g) Igreja Deus é Amor
- h) Igreja Evangelho Quadrangular
- i) Igreja Evangélica Adventista
- j) Igreja Evangélica Batista
- k) Igreja Evangélica Luterana
- l) Igreja Evangélica Metodista
- m) Igreja Evangélica Presbiteriana
- n) Igreja O Brasil para Cristo
- o) Igreja Universal do Reino de Deus
- p) Testemunha de Jeová
- q) Tradições Esotéricas
- r) Religião não determinada ou múltiplo pertencimento
- s) Acredita em Deus, mas não participa de religião
- t) Ateu, não acredita em Deus
- u) Outro. Qual?

31. A religião/crença de sua mãe é:

- a) Afrobrasileira (candomblé, umbanda ou outra de origem africana)
- b) Católica Apostólica Romana
- c) Espírita
- d) Igreja Assembléia de Deus
- e) Igreja Congregação Cristã do Brasil
- f) Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

- g) Igreja Deus é Amor
- h) Igreja Evangelho Quadrangular
- i) Igreja Evangélica Adventista
- j) Igreja Evangélica Batista
- k) Igreja Evangélica Luterana
- l) Igreja Evangélica Metodista
- m) Igreja Evangélica Presbiteriana
- n) Igreja O Brasil para Cristo
- o) Igreja Universal do Reino de Deus
- p) Testemunha de Jeová
- q) Tradições Esotéricas
- r) Religião não determinada ou múltiplo pertencimento
- s) Acredita em Deus, mas não participa de religião
- t) Ateu, não acredita em Deus
- u) Outro. Qual?

32. Considerando que sua religião/crença é "[Q28]", responda: há quanto tempo você tem essa opção?

- a) Há menos de um ano
- b) Entre 1 e 4 anos
- c) Entre 4 e 7 anos
- d) Entre 7 e 10 anos
- e) Entre 10 e 17 anos
- f) Desde que nasci

33. Considerando que sua religião/crença é "[Q28]", responda: com que frequência você participa de encontros ou atividades vinculados a essa opção?

- a) Diariamente
- b) Semanalmente
- c) Mensalmente
- d) Anualmente
- e) Eventualmente (Raramente)
- f) Não participo

34. Paralelamente à sua opção de religião/crença ("[Q28]"), você frequenta outra religião/crença:

- a) Uma vez por semana ou mais
- b) Ao menos uma vez por mês
- c) Somente em ocasiões especiais
- d) Nunca

35. Quantas vezes você já mudou de religião/crença?

- a) Nunca
- b) Uma vez
- c) Duas vezes
- d) Três vezes
- e) Quatro vezes ou mais

36. Se você mudou de religião/crença, explique por quê.

37. Considerando que sua religião/crença é "[Q28]", indique os elementos a ela vinculados que você mais gosta. Marque até três respostas se for o caso.

- a) Música/louvor/cânticos
- b) Acolhimento
- c) Estudo/conhecimento religioso
- d) As curas e libertações
- e) As ações caritativas ou assistenciais

- f) Aconselhamentos
- g) O líder religioso (padre, pastor, mestre, guru, guia, etc.)
- h) A oração
- i) As pessoas/a comunidade
- j) Os passeios promovidos pela Igreja
- k) Os grupos de convivência
- l) Os amigos
- m) Outro (especifique)

38. Quem é Deus pra você? Marque mais de uma resposta se for o caso.

- a) Uma energia cósmica
- b) Um pai que ama e se preocupa com cada homem/mulher
- c) Um ser poderoso que julga os pecados e virtudes humanas
- d) Um amigo de todas as horas
- e) A natureza
- f) Amor
- g) Deus é o sentido da justiça
- h) Deus é o sentido da solidariedade
- i) Nada/Não acredito
- j) Outro

39. Você acredita em:

	Sim	Indiferente	Não
Deus			
Jesus Cristo			
Maria como mãe de Jesus			
Maria e sua virgindade			
Santos			
Anjos			
Espírito Santo			
Ensinamentos da Bíblia			
Energias/aura			
Demônios			
Duendes/gnomos			
Entidades/orixás			
Imortalidade da alma			
Vidas passadas/reencarnação			
Espíritos			
Astrologia			
Poder de pedras da sorte			
Poder do uso de cristais			
Igreja			

40. Você participa ou já participou de algum tipo de atividade, organização ou movimento social dos abaixo indicados?

	Sim	Não
Estudantil		
Associação de bairros		
Sindicatos		
Voluntário em ONGs		
Partidos políticos		
Grupos vinculados a Igrejas		
Ecológico/Ambientalista		
Étnico (movimento negro, indígena, etc.)		

Gênero (defesa da mulher, LGBT, etc.)		
Campanhas solidárias (alimentos, agasalhos, etc.)		
Visitas a instituições caritativas (asilos, orfanatos, etc.)		
Greves por melhores condições de trabalho e por salário		
Manifestações pela paz		
Manifestações pela ética na política		
Mobilizações e ações organizadas via internet		
Fóruns de debate via rede social		

41. De que forma a sua religião/crença ("[Q28]") promove e/ou incentiva sua participação em atividades ligadas às organizações ou movimento social? Marque mais de uma resposta se for o caso.

- Por meio do estímulo dos líderes religiosos (padre, pastor, mestre, guru, guia, etc.)
- Por meio dos trabalhos sociopolíticos que sua Igreja desenvolve
- Através da parceria entre sua Igreja e o poder público
- Através de orientação presente nas pregações e ações de sua religião
- Pelo estímulo por meio dos programas religiosos na TV e/ou rádio
- Por causa das diversas pastorais ou grupos na Igreja
- Porque os membros mais antigos estimulam e valorizam a participação dos jovens
- Por meio da utilização das redes sociais/internet
- Não promove e/ou incentiva minha participação
- Outro. Qual?

42. A sua opção de religião/crença ("[Q28]") promove ou incentiva sua participação em alguma dessas atividades?

	Sim	Não
Estudantil		
Associação de bairros		
Sindicatos		
Voluntário em ONGs		
Partidos políticos		
Grupos vinculados a Igrejas		
Ecológico/Ambientalista		
Étnico (movimento negro, indígena, etc.)		
Gênero (defesa da mulher, LGBT, etc.)		
Campanhas solidárias (alimentos, agasalhos, etc.)		
Visitas a instituições caritativas (asilos, orfanatos, etc.)		
Greves por melhores condições de trabalho e por salário		
Manifestações pela paz		
Manifestações pela ética na política		
Mobilizações e ações organizadas via internet		
Fóruns de debate via rede social		

43. Considerando que sua religião/crença é "[Q28]", responda: de que forma ela participa do período das eleições e da vida política do município/país? Marque mais de uma resposta se for o caso.

- Por meio do estímulo dos líderes religiosos (padre, pastor, mestre, guru, guia, etc.)
- Por meio de momentos de formação, cursos, retiros, entre outros
- Por meio de publicações, postagens nas redes sociais e programas de TV e/ou rádio
- Nos grupos de jovens/grupos de oração
- Por meio da indicação de candidatos
- Minha religião/crença não participa do período das eleições e/ou da vida política do município/país
- Outros

44. Indique com que frequência você realiza as atividades abaixo:

	Nunca	Raramente	Com frequência	Sempre
Lê ou assiste noticiário sobre política				
Conversa com outras pessoas sobre política				
Recorre ao auxílio ou apoio dos políticos				
Vota nas eleições				
Procura se informar sobre os candidatos no período das eleições				
Conversa com membros da Igreja e/ou líderes religiosos sobre política				
Acompanha o mandato dos candidatos nos quais você votou				
Em período eleitoral atua como voluntário para candidatos/partidos				
Em período eleitoral atua de forma remunerada para candidatos/partidos				
Faz uso das redes sociais/internet em manifestações e reivindicações políticas				
Faz uso das redes sociais/internet em ações e campanhas de solidariedade				

45. Dentre as opções abaixo, indique até três principais que você considera que tornariam o Brasil um país melhor pra se viver.

- a) O equilíbrio das contas públicas
- b) Igualdade de oportunidades
- c) Promoção de melhorias na educação
- d) Promoção de melhorias na saúde
- e) Habitação para todos
- f) Combate efetivo à desigualdade social entre as regiões
- g) Diminuição dos índices de violência urbana
- h) Criação de mecanismos eficazes no combate à corrupção
- i) Preservação ambiental
- j) Crescimento econômico acompanhando o desenvolvimento humano
- k) Investimento em atividades culturais
- l) Mais programas de distribuição de renda como o Bolsa Família
- m) Mais programas de ações afirmativas como as cotas para ingresso no Ensino Superior
- n) Maior acesso ao consumo

46. Na sua opinião, quais são os principais problemas do país? Marque até três respostas se for o caso.

- a) Desemprego
- b) Violência
- c) Desigualdade social
- d) Má administração pública
- e) Fome/miséria
- f) Educação
- g) Saúde
- h) Ateísmo/falta de religião
- i) Não há problemas
- j) Outro (especifique)

47. Quais são as três melhores coisas em ser jovem?

- a) Não ter preocupações
- b) Não ter as responsabilidades dos adultos

- c) Aproveitar a vida com alegria
- d) Estudar/adquirir conhecimentos
- e) Ter liberdade
- f) As amizades
- g) Namorar sem compromisso
- h) Namorar com compromisso
- i) Ter um futuro pela frente
- j) Participar da religião com os amigos
- k) Curtir as noites
- l) Não tem nada de bom
- m) Não sei

48. Quais são as três piores coisas em ser jovem?

- a) O controle dos pais
- b) Não poder se sustentar sozinho
- c) A falta de oportunidades de trabalho
- d) A preocupação com o futuro
- e) A influência de más companhias
- f) A insegurança ou inexperiência diante da vida
- g) Impedimentos por ser menor de idade
- h) O apelo das drogas
- i) Falta de liberdade
- j) Não tem nada de ruim
- k) Não sei

59. Na sua opinião, quando a pessoa deixa de ser jovem? Marque até três respostas se for o caso.

- a) Quando adquire uma família/filhos
- b) Quando perde a alegria de viver
- c) Nunca se deixa de ser jovem
- d) Quando começa a trabalhar
- e) Quando tem mais de 24 anos
- f) Quando adquire independência financeira
- g) Quando enfrenta os problemas sozinho(a)
- h) Quando começa a ficar doente
- i) Quando sai da casa dos pais
- j) Não sei
- k) Outro (especifique)

60. Há alguma questão que não foi abordada que você gostaria de comentar/acrescentar?

Apêndice II – Autorização para a entrevista

Eu, _____, estou ciente da minha participação na pesquisa intitulada “Perfil dos jovens ingressantes na Universidade Estadual do Paraná”, autorizando a utilização das informações por mim transmitidas para fins acadêmicos, sem identificação nominal.

Campo Mourão, _____, de 2015.

Assinatura:

Apêndice III – Roteiro Entrevista

Nome: _____ Idade: _____

Curso: _____

Possui vinculação religiosa?

- 1) Qual é o seu projeto de vida? O que você planeja para o seu futuro?
- 2) Que elementos você acha que influenciaram na construção do seu projeto? Você acha que a religião/crença/participação-convicção política influenciaram?
- 3) O que você tem feito para alcançar os projetos aqui mencionados? Como? Cite exemplos.
- 4) Uma parcela significativa dos jovens que responderam ao questionário mencionou que “ter um futuro pela frente” é uma das melhores coisas da etapa da juventude, assim como a “preocupação com o futuro” foi escolhida para representar uma das piores coisas que contemplam tal etapa. Como você entende o futuro?
- 5) O que você acha que causa a insegurança mencionada pelos jovens da pesquisa? De que forma esta sensação pode ser amenizada?
- 6) No que diz respeito a participação em atividades, organizações ou movimentos sociais, a maioria dos jovens afirmou participar de campanhas solidárias, grupos vinculados a igrejas e visitas a instituições caritativas. Percebe-se por estes dados que os jovens estão, em geral, mais vinculados a atividades religiosas e solidárias do que em atividades consideradas políticas (como por exemplo, a participação em partidos políticos, movimentos estudantis, passeatas, greves, etc.). Como você percebe a participação dos jovens no cenário político e social? Você vê alguma relação entre a religião e essa participação?
- 7) Qual o sentido que você atribui à participação em campanhas solidárias? Como você entende esta participação? Você acha que a sua religião influencia/incentiva de alguma forma essa participação? Como?
- 8) Qual o sentido que você atribui à participação em grupos vinculados a igrejas? Como você entende esta participação?

- 9) Pensando nos jovens de sua religião/crença, que tipo de influencia você acha que a religião/crença exerce na formação da juventude?
- 10) A vinculação em atividades de cunho social contribui para a formação da juventude? Como?
- 11) A vinculação em atividades de cunho político contribui para a formação da juventude? Como?
- 12) A vinculação e participação religiosa, social e política contribuem e/ou influenciam na constituição dos seus projetos de vida? Contribuem para a efetivação dos mesmos?

Apêndice IV – Categorias de Análise:

Projetos de vida dos jovens entrevistados

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registro
<p>Projetos de Vida</p>	<p>Carreira/Inserção no mercado de trabalho</p>	<p>“Meu objetivo é me formar e a princípio ter meu próprio negócio.”</p> <p>“Eu planejo terminar a faculdade e fazer um concurso.”</p> <p>“Eu quero fazer um concurso público ou trabalhar em um banco ou em um cargo na prefeitura, eu já entrei na faculdade pensando em concurso.”</p> <p>“meu desejo é ter uma empresa e ganhar dinheiro.”</p> <p>“eu pretendo terminar o curso e trabalhar na minha área.”</p> <p>“Penso em futuramente investir em uma carreira política.”</p>
	<p>Constituição familiar</p>	<p>“Pretendo me casar e me ir embora do interior.”</p> <p>“Eu quero constituir uma família, desde muito novinha eu tinha esse sonho de casar e ter filhos.”</p> <p>“Eu quero casar, ter filhos.”</p>
<p>Projeto de vida e futuro</p>	<p>Incerteza/Insegurança</p>	<p>“Eu me sinto muito insegura com o futuro.”</p> <p>“A insegurança, o medo do que virá pela frente acaba assustando um pouco.”</p> <p>“O que é que eu vou fazer da minha vida agora? (...) acho que é a incerteza que causa insegurança”.</p> <p>“O futuro te causa medo porque você não sabe como vai ser amanhã.”</p>

Participação Juvenil

Categoria	Subcategoria	Subcategoria temática	Unidades de Registro
Participação Juvenil	Religião	Bondade/Amor	<p>“Eu acho que os jovens participam da igreja porque se sentem mais aconchegados, sentem amor, se sentem amados.”</p> <p>“Na igreja a gente tem essa visão de coisas boas, de amor, de coisas certas e na política, se a gente levar em conta o que a imprensa passa pra gente, é o oposto disso. Então acho que as pessoas acabam indo mais para o lado do bem.”</p>
	Política	Visão negativa	<p>“É pouca a participação dos jovens. É que a política ficou com tanta corrupção, o jovem vê a política de forma errada, negativa.”</p> <p>“Eu mesma, não me interesso nenhum pouco por política, e acho que não sou só eu! A maioria dos jovens não se interessa mesmo, a gente vê muita coisa errada, daí é difícil querer se envolver.”</p> <p>“eu não vejo interesse algum dos jovens em participar da política, por causa dessa imagem que nós temos mesmo da política no Brasil que em geral é muito feia, ruim”.</p>
		Visão positiva	<p>“A política, eu acredito que seja uma movimentação social, em prol de um bem maior.”</p> <p>“Se a pessoa se interessa em ter um conhecimento político, ela pode até descobrir que nem é tão terrível assim como a gente imagina.”</p> <p>“Muita gente pensa que na política só tem ladrão, mas a partir do momento que você realmente participa, você cresce e vê de uma outra forma.”</p>